



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAMILA DOS SANTOS LEONARDO

**“FIRME E FORTE NESSA LUTA”: MODOS DE PARTICIPAÇÃO E
RE-EXISTÊNCIAS DE CRIANÇAS EM PRÁTICAS CULTURAIS NO CONTEXTO
DA PANDEMIA**

FORTALEZA-CE

2022

CAMILA DOS SANTOS LEONARDO

“FIRME E FORTE NESSA LUTA”: MODOS DE PARTICIPAÇÃO E RE-EXISTÊNCIAS
DE CRIANÇAS EM PRÁTICAS CULTURAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade
de Psicologia da Universidade Federal do
Ceará, como requisito para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Orientador: João Paulo Pereira Barros.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L596“ Leonardo, Camila dos Santos.
“Firme e forte nessa luta”: modos de participação e re-existências de crianças em práticas culturais no contexto da pandemia / Camila dos Santos Leonardo. – 2022.
123 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros.

1. Crianças. 2. Participação. 3. Práticas culturais. 4. Re-existências. 5. Pandemia. I. Título.

CDD 150

CAMILA DOS SANTOS LEONARDO

“FIRME E FORTE NESSA LUTA”: MODOS DE PARTICIPAÇÃO E RE-EXISTÊNCIAS
DE CRIANÇAS EM PRÁTICAS CULTURAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade
de Psicologia da Universidade Federal do
Ceará, como requisito para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Orientador: João Paulo Pereira Barros.

Aprovada: 30/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Suzana Santos Libardi
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

AGRADECIMENTOS

A defesa de uma dissertação não demarca o encerramento de uma pesquisa, talvez de um ciclo. Mas mais do que isso, é uma aposta na esperança que outros caminhos possam ser desenhados. Estar ao lado das infâncias, durante o período do mestrado, fez com que eu me deparasse com as miudezas, encruzilhadas e bifurcações que há nos caminhos desse pesquisar. Que devemos reconhecer e ter gratidão a cada encontro que temos durante o percurso do (r)existir. Por isso sou grata:

À minha mãe, Maria Liduina, obrigada por sempre ter acreditado em mim e ter feito com que eu acreditasse nos meus sonhos. Os seus sacrifícios e sua dedicação me trouxeram até aqui, eu não tenho palavras o suficiente para agradecer. Essa conquista não teria sido possível sem ti e é dedicada, sobretudo, a ti e a nossa família! Obrigada, mãe, por ser essa mulher na qual eu pude me inspirar para chegar até aqui.

Às minhas irmãs Carol e Clarice e ao meu sobrinho Joel. Carol, você é uma mulher incrível, batalhadora e que faz a vida acontecer. Clarice, você também desde de cedo aprendeu a correr atrás daquilo que quer, sempre criativa e dedicada ao que faz. Joel, uma criança incrivelmente inteligente e carinhosa. Vocês foram e são minha fortaleza em todos os momentos, sobretudo, os difíceis. Vocês são o abraço para o qual eu corro quando a vida aperta. À Daize e Darinha, como eu sempre digo, família é mais do que um laço sanguíneo, família é quem tá caminhando junto com a gente. Que bom saber que podemos contar umas com as outras nos momentos bons ou difíceis. À Nágila, pela conversa boa e que sempre traz reflexões importantes. É difícil ser mulher, mas é bom saber que juntas nos fortalecemos!

Ao Dalgo, minha companhia de vários papéis acadêmicos e de vida. Eu queria saber usar as palavras bonitas que tu sabes usar para descrever o tamanho da minha gratidão a ti. É uma honra para mim compartilhar do mesmo espaço temporal que você. O nosso encontro foi um presente do multiverso, daqueles eventos que a gente não explica, só agradece. Gratidão por ter sido meu amparo diversas vezes, por ter me escutado de modo atento e afetuoso quando eu mais precisei. Eu aprendo todo o dia contigo, a tua existência é uma inspiração-convite-afetação. Que bom saber que somos esse suporte compartilhados desde o início da graduação até aqui! Mais que amigas, nós somos irmãs!

Às macabéias Josi, Thaís, Vivi, Raíssa e Dalgo, vocês me permitiram vivenciar alguns dos meus melhores momentos entre cafés, risadas, abraços, viagens e almoços. O nosso

caminho não terminou nem com o final da graduação e muito menos pelo distanciamento gerado pela pandemia.

À Victoria, por todo o cuidado e afeto durante este tempo que nos conhecemos. Você foi um dos achados inusitados que a vida me proporcionou. A nossa amizade foi sendo moldada com o tempo, que esculpe muitas coisas sem que percebamos. Que bom que eu sei que posso contar contigo quando preciso e você sabe que pode contar comigo também. Obrigada por todas as vivências até aqui.

A João Paulo, gratidão pelos ensinamentos cotidianos. De 2016 até aqui foram muitas vivências e convites que foram tecendo essa história. Esse sonho de estar no mestrado se iniciou junto com a bolsa de iniciação científica voluntária e as extensões produzidas nesse coletivo que é o Vieses. Apesar dos desafios de fazer uma pesquisa durante a pandemia, você esteve orientando de modo atento e cuidadoso. Obrigada por sempre estar disponível, ajudando da melhor forma que podia, se implicando em cada pesquisa compartilhada sob sua orientação.

À professora Suzana, por mesmo sem me conhecer ter aceitado o convite para participar desta banca de mestrado. Sou grata pelos encontros fomentados pela Fábrica de Imagens e durante a qualificação. Sua leitura implicada, cuidadosa e suas perspectivas transformaram a pesquisa e esta pesquisadora.

À Érica, pelas tuas (re)invenções cotidianas, o nosso encontro me fez ser uma outra pessoa. Você tem uma sensibilidade incrível, um jeito de ser acolhedor e apaixonado pela vida e pelo que faz. É muito bonito saber da existência e de mulheres grandiosas como você que trazem sabedoria e leveza ao ambiente acadêmico. Uma doutora que senta para brincar com as crianças, que as escuta de um jeito leve e atento. Obrigada por estar na banca e por todos os ensinamentos!

À todas as pessoas do Vieses, ao professor João Paulo, idealizador desse grupo, às professoras Érica e Vlória e ao professor Emanuel. Mais do que coordenar o Vieses, vocês nos inspiram cotidianamente com seus gestos e ensinamentos generosos e implicados. A todas as pessoas que já passaram pelo grupo, do qual faço parte desde 2016 até o presente momento. Não consigo nomear porque são muitas e muitos. Em especial a Dalgo, Fernando, Jéssica, Carla Jéssica, Laisa e Demar que se fazem perto durante uma caminhada que vem sendo feita há anos. O Vieses foi minha segunda família, meu ninho na graduação e pós. Estar nesse

grupo, compartilhando todas as vivências até aqui, foi o que deu sentido e compreensão de para quem serve a Psicologia que faço.

À todas as crianças da Livro Livre Curió, à Dona Ritinha, Talles, Daniel e Lygia que me receberam de um modo tão acolhedor, estar nos espaços da Livro Livre é como estar em casa na companhia de um ótimo livro ou de uma boa conversa.

Ao pessoal da Fábrica de Imagens, à Christiane e Marcos, que fundaram e coordenam essa ONG que faz a diferença na vida de muitas pessoas. À Andrezza e Willame, por terem compartilhado das invenções de construir um curso com crianças. Às participantes do Curso de Audiovisual e Direitos, obrigada por me ensinarem tanto e serem companhia em tempos de isolamento social, os sábados eram alegres e reflexivos na companhia de vocês.

Às equipes de organização do II e III Colorindo o Gênero, a toda dedicação e vontade em construir esses eventos que são tão importantes e significativos. E às crianças que toparam fazer parte da Curadoria.

À todas/os professoras/es que atravessaram minha trajetória, que desde o Ensino Infantil, passando pelo Fundamental, Médio e Universitário, me ensinaram o caminho bonito que pode ser trilhado a partir do conhecimento. Cada degrau que subi até aqui teve a ajuda de vocês e sempre serei muito grata por isso!

A todas as bibliotecas públicas e comunitárias que frequentei e a todos os livros, ensaios, artigos que li desde que o multiverso da leitura passou a fazer parte da minha vida. Minha forma de estar no mundo e minhas escolhas que são, sobretudo, políticas, não seriam as mesmas sem essas leituras e sou muito grata por isso!

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Após uma pandemia, não posso também deixar de ser grata por todas as pessoas que amo e quero bem estarem vacinadas e vivas. E lamento profundamente por aquelas/aqueles que partiram fruto da irresponsabilidade do atual governo.

Dia a dia nega-se às crianças o direito de ser criança. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem, desde cedo, como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças. (GALEANO, 2009, p. 11)

RESUMO

As infâncias têm sido produzidas em planos marcadamente desiguais, uma vez que são atravessadas por marcadores de diferença como raça, gênero, classe e território, reverberando em seus modos de participação nos cotidianos onde habitam. A maneira como isso se dá, faz com que o interesse em pôr em análise os modos de participação de crianças desponte como um desafio no campo das pesquisas, pois essa tem sido uma temática historicamente invisibilizada até mesmo no campo dos estudos sobre infâncias. Diante do contexto da pandemia de Covid-19, as marcas da desigualdade têm se intensificado e chegado até às crianças, mais que resistir, se faz necessário forjar práticas de re-existência. Para a realização desta pesquisa nos aliançamos a duas práticas culturais que já tinham parcerias com o Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência e Produções de Subjetividades (VIESES/UFC), foram essas a Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió e a Organização não Governamental Fábrica de Imagens. Metodologicamente, lançamos mão de uma abordagem qualitativa tendo como inspiração a perspectiva da pesquisa inter(in)ventiva orientada pelo método cartográfico, compreendendo os desafios metodológicos e éticos ao se pesquisar com crianças em tempos pandêmicos. Compondo a partir da perspectiva da Psicologia Social, a partir das problematizações que são produzidas por esse campo em relação ao sujeito da modernidade, em relação às marcas da colonialidade e os atravessamentos de classe, raça, gênero e território que constituem os modos subjetivos das crianças. Esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar efeitos dos modos de participação de crianças em práticas culturais no contexto de pandemia na implantação de processos de visibilização e interpelação de práticas de exclusão. Elencando os seguintes objetivos específicos: 1) Mapear que modos de participação de crianças são agenciados através do Clube de Leitura da Biblioteca Livro Livre Curió e do Curso Audiovisual da ONG Fábrica de Imagens; 2) Discutir que narrativas crianças elaboram sobre seus cotidianos ao participarem dessas atividades; 3) Problematizar que modos de ser criança são produzidos a partir da participação nessas práticas. A pertinência deste estudo se faz à medida que busca investigar infâncias pondo em análise seus modos de participação e práticas de re-existências, na busca por compreender e ampliar tais concepções juntamente com as infâncias. As cenas analisadoras trouxeram, dentre outros aspectos, como as participações das crianças podem gerar rompimentos em processos de invisibilidades e exclusões; os desafios de realizar o campo da pesquisa durante a pandemia; como a inserção

das crianças nessas atividades permitiu a elas exercitarem outras formas de se subjetivarem politicamente; como estar nessas práticas culturais forjaram a possibilidade de exercitar outras leituras de mundo que tensionam realidades postas sobre si e seus territórios; a criação de dispositivos de insurgência coletiva a partir de produções audiovisuais.

Palavras-chave: crianças; participação; práticas culturais; re-existências; pandemia.

ABSTRACT

Childhoods have been produced in markedly unequal planes, since they are crossed by markers of difference such as race, gender, class and territory, reverberating in their ways of participating in the daily lives where they live. The way in which this happens makes the interest in analyzing the ways of children's participation emerge as a challenge in the field of research, as this has been a theme historically invisible even in the field of studies on childhood. In the context of the Covid-19 pandemic, the marks of inequality have intensified and reached children, more than resisting, it is necessary to forge practices of re-existence. In order to carry out this research, we joined two cultural practices that already had partnerships with the Research and Interventions Group on Violence and Subjectivity Productions (VIESES/UFC), these were the Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió and the Non-Governmental Organization Fábrica de Imagens. Methodologically, we used a qualitative approach inspired by the perspective of inter(in)ventive research guided by the cartographic method, understanding the methodological and ethical challenges when researching children in pandemic times. Composing from the perspective of Social Psychology, from the problematizations that are produced by this field in relation to the subject of modernity, in relation to the marks of coloniality and the crossings of class, race, gender and territory that constitute the subjective modes of children. Composing from the perspective of Social Psychology, from the problematizations that are produced by this field in relation to the subject of modernity, in relation to the marks of coloniality and the crossings of class, race, gender and territory that constitute the subjective modes of children. The general objective of this research is to analyze the effects of children's ways of participating in cultural practices in the context of a pandemic in the implementation of processes of visibility and interpellation of practices of exclusion. Listing the following specific objectives: 1) Mapping the ways in which children participate through the Clube de Leitura of the Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió and the Curso Audiovisual of the NGO Fábrica de Imagens; 2) Discuss what narratives children elaborate about their daily lives when participating in these activities; 3) To problematize which ways of being a child are produced from participation in these practices. The relevance of this study is made as it seeks to investigate childhoods, analyzing their modes of participation and practices of re-existence, in the search for understanding and expanding such conceptions together with childhoods. The analyzing scenes brought, among

other aspects, how children's participation can generate disruptions in processes of invisibility and exclusion; the challenges of carrying out the field of research during the pandemic; how the inclusion of children in these activities allowed them to exercise other forms of political subjectivation; how being in these cultural practices forged the possibility of exercising other readings of the world that tension realities placed on themselves and their territories; the creation of collective insurgency devices from audiovisual productions.

Keywords: children; participation; cultural practices; re-existences; pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lousa da entrada da CasaVoa	22
Figura 2 - Livro Livre Curió	34
Figura 3 - Fachada da Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió.....	37
Figura 4 - Fachada da CasaVoa	38
Figura 5 - Parede de entrada da Livro Livre Curió	46
Figura 6 - Imagem de divulgação das rodas de conversa “Ó Uz Papo”	52
Figura 7 - Oficina realizada presencialmente sobre “Futuro”	53
Figura 8 - Banner do Curso Audiovisual e Direitos com Crianças.....	54
Figura 9 - Imagem da capa do produto final na plataforma <i>Youtube</i>	73
Figura 10 - Apresentação da Segunda Sessão da IX Mostra Internacional Audiovisual	75
Figura 11 - Desenho feito para representar a perspectiva do bairro	89
Figura 12 - Capa da Zine Livre produzida por crianças e adultos da biblioteca	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Encontros do Clube de Leitura	47
Tabela 2 - Encontros do Curso de Audiovisual e Direitos com Crianças	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDECA Ceará	Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FÓRUM DCA	Fórum dos Direitos da Criança e do Adolescente
ONG	Organização Não Governamental
NUCEPEC	Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
VIESES	Grupo de Pesquisa e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação
SPS	Secretaria de Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA INTER(IN)VENÇÃO COM CRIANÇAS EM MARGENS URBANAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19	29
2.1 Tecendo caminhos de uma pesquisa inter(in)ventiva com crianças	29
2.2 Territorialidades da pesquisa: práticas culturais como mapas	33
2.2.1 Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió e CasAvoa	33
2.2.2 Organização Não-Governamental Fábrica de Imagens - ações educativas em cidadania e gênero	38
2.3 Participantes do estudo: voando em bando em tempos de vida debandada	42
2.4 Conectando-se às crianças pelas redes de criação e visibilidade em atividades culturais	45
2.4.1 Alçando novos voos com a biblioteca comunitária Livro Livre Curió	46
<i>2.4.1.1 Encontros do Clube de Leitura (via Instagram e presencial)</i>	47
<i>2.4.1.2 Live “Infâncias de Periferias em Tempos de Pandemia”</i>	48
<i>2.4.1.3 Participação no II Colorindo o Gênero (2020): Oficina “Cabeça, ombro, joelho e pé”</i>	49
<i>2.4.1.4 Crianças leem o Saral#3</i>	50
<i>2.4.1.5 Sarau Livre Curió - Rede de Bibliotecas Populares - Projeto Sopa de Letrinhas: Alimentando a Mente</i>	51
<i>2.4.1.6 “As crianças já não são mais crianças”: composição das rodas de conversas “Ó Uz Papos”</i>	51
2.4.2 “Luz, câmera, ação”: atividades produzidas junto à Fábrica de Imagens	53
<i>2.4.2.1 Curso de Audiovisual e Direitos com crianças</i>	53
<i>2.4.2.2 Curadoria dos curtas-metragens da IX Mostra Internacional Audiovisual no IX Curta o Gênero</i>	57
<i>2.4.2.3 Estreia do curta-metragem “Carta sobre os Direitos das Crianças”</i>	58
<i>2.4.2.4 Participando do III Colorindo o Gênero</i>	58
<i>2.4.2.5 IX Mostra Internacional Audiovisual (Sessão Colorindo o Gênero)</i>	59

3 ENTRE A BIBLIOTECA E A FÁBRICA: ARTESANIAS (IM)POSSÍVEIS COM CRIANÇAS EM TEMPOS-ESPAÇOS REMOTOS	60
3.1 Das políticas de precarizações em tempos de pandemia às práticas de re-existências com infâncias na Livro Livre Curió	60
3.2 Transversalizando o debate sobre direitos humanos com crianças	66
4 “A VOZ QUE LÊ PRA MIM”: LEITURAS SOBRE COTIDIANOS EM CONTEXTOS PERIFERIZADOS	75
4.1 “Muitas bibliotecas são distantes de onde a gente mora, e nem todo mundo tem biblioteca”: crianças como sujeitos políticos	76
4.2 “Eu me sinto vivo”: leituras infantojuvenis sobre cotidianos marginalizados	81
4.3 “Tô aqui no lote onde nós ocupa”: territorialidades periferizadas sob o olhar das crianças em contextos intergeracionais	86
5 VOZES-CRIANÇAS: CONSTRUINDO TESSITURAS COLETIVAS DE MODOS DE SER	93
5.1 “Antes eu não me aceitava”: conversando com crianças sobre gênero, classe, raça e geração	94
5.2 “Ser criança é ter direitos”: refletindo sobre participação, (in)visibilidades e (não-)acessos de infâncias que habitam as margens	100
5.3 “No futuro queremos...”: o que pode desejar um corpo-criança?	105
6 (DES)APRENDIZADOS NUMA PESQUISA COM CRIANÇAS EM TEMPOS PANDÊMICOS	109
REFERÊNCIAS	113
Anexo A	122

1 INTRODUÇÃO

Ao se pensar na tessitura desta pesquisa, que se propõe a cartografar re-existências construídas por crianças a partir da participação em duas práticas culturais em territorialidades urbanas da cidade de Fortaleza, no contexto da pandemia de COVID-19, entendo que, antes, faz-se necessário apresentar minhas aproximações com tais temáticas, que precederam meu ingresso na pós-graduação. Compartilho aqui, então, algumas linhas da minha trajetória acadêmica que foram traçadas durante o meu caminhar pelo curso de Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Nos semestres iniciais da graduação ingressei no Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança (NUCEPEC), programa de extensão e pesquisa referência nos estudos sobre infâncias no Ceará, pertencente ao departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Participei, nesse núcleo, da Liga de Direitos Humanos, espaço no qual pude refletir sobre a teia complexa de condições que atravessam as infâncias, pensando nas potências e desafios de compor junto a esse grupo geracional, problematizando, sobretudo, as concepções universalizantes sobre “ser criança” e o campo dos direitos humanos.

Após minha passagem pelo NUCEPEC, começo a integrar o VIESES: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação, também vinculado ao departamento de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação da UFC. Estudando temáticas que traziam/trazem reflexões a despeito da violência urbana, suas implicações psicossociais e produção de subjetividades, pensando seus efeitos para os segmentos infantojuvenis que habitam territórios periferizados das cidades. Traçando então um percurso de “jovem pesquisadora e aprendiz de escritora” (DINIZ, 2013, p. 13) pelo VIESES/UFC, sendo bolsista voluntária através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), colaborando com a pesquisa guarda-chuva, naquele momento em curso, intitulada “Juventude e Violência Urbana: cartografia de processos de subjetivação na cidade de Fortaleza-CE”, buscando compreender sobre a problemática dos homicídios juvenis a partir de um prisma psicossocial (BARROS et al., 2017; BARROS et al., 2018; BENÍCIO et al., 2018).

Ao realizar uma atividade de extensão universitária, na qual atuava junto a um companheiro de campo e pesquisa, fui interpelada pelas crianças e com isso iniciei um

processo de reflexão para pensar nos seus modos de participação e as práticas de re-existências envolvidas nessa teia. Isso ocorreu quando facilitávamos um grupo de apoio psicossocial produzido com mulheres moradoras de um território periférico da cidade de Fortaleza, essas mulheres, em sua maioria, eram mães e levavam suas/seus filhas/filhos. A presença constante das crianças no grupo nos tencionou a concebê-las como integrantes daquele dispositivo grupal, e não à parte dele. Já durante a atuação no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA Ceará), meu estágio teve como um de seus eixos o acompanhamento psicossocial de casos de violação de direitos de crianças e adolescentes. Tais incursões proporcionaram o início de reflexões acerca das implicações dos processos de precarização (BUTLER, 2015) nos modos de subjetivação de determinadas infâncias e juventudes.

Nos semestres finais da graduação do curso de Psicologia, passei na seleção pública promovida pela atual Secretaria de Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS), e com isso estagiei, enquanto estudante de Psicologia, no acolhimento institucional Abrigo Tia Júlia. Lugar no qual experienciei a complexidade de trabalhar com infâncias no âmbito das políticas públicas. As crianças abrigadas, em sua maioria, traziam um histórico permeado por vulnerabilizações, diversas violências e, antes de chegar a residir no acolhimento vinham, majoritariamente, de territórios periferizados da cidade.

Ao ingressar no mestrado, continuei pesquisando a partir da perspectiva do método cartográfico, com isso estive atenta aos fluxos, processualidades e mudanças cotidianas que surgiram durante esse estudo, buscando traçar reposicionamentos necessários à medida que fui sendo interpelada pelo campo e compondo com novas linhas rotas anteriormente postas. Pesquisar a partir dessa ótica nos convida muitas vezes a lidar com as imprevisibilidades, das descobertas aos desconfortos dos acontecimentos e dar abertura àquilo que passa, que transtorna e ao extraordinário (PINHEIRO; BAPTISTA, 2019).

Falar de infâncias, seus modos de participação e práticas de re-existência em tempos de pandemia também se coloca enquanto uma oportunidade para repensarmos tais campos de estudo e refletirmos sobre os desafios colocados por este momento histórico. O mundo pandêmico cotidianamente nos lembra da fragilidade da existência humana, rouba perspectivas e traz inúmeras incertezas em relação ao amanhã (KRENAK, 2020). São muitas as situações que escancaram como opera o sistema capitalista e a racionalidade neoliberal,

sobretudo, nos corpos de quem habita as periferias do capitalismo (HILÁRIO, 2016; BENÍCIO *et al.*, 2018; BENÍCIO; BARROS; SILVA, 2019), isso foi denunciado através da taxa exorbitante de mortes por COVID-19 que vitimou, em sua maioria, pessoas negras e pobres, revelando as iniquidades raciais e denunciando o racismo estrutural/institucional no Brasil (ARAÚJO *et al.*, 2021).

Assim como também o crescente número de pessoas famintas, a alta taxa de desemprego no país, e a alta taxa de homicídios, que dentre outros aspectos, apontam para as políticas de aniquilação e precarizações operadas através da necropolítica (MBEMBE, 2017) e das práticas coloniais que coisificam e desumanizam certos corpos (LEMO; GALINDO; FRANCO, 2019). Ainda nesse cenário pandêmico, houve uma constante descredibilização da ciência, o sucateamento das universidades públicas e o acirramento da precarização de quem trabalha com pesquisa no Brasil.

Esta pesquisa, assim, é produzida e atravessada por todo esse acirramento de tensões. Um contexto envolto de processos de captura que apostam em afetos tristes, cujo intuito é a diminuição da nossa potência de agir (SPINOZA, 2005) e de fazer pesquisa. Krenak (2020) ressalta a importância desse momento histórico para que possamos nos repensar enquanto humanidade e o legado que será deixado para a posteridade. Em tempos tão difíceis apenas resistir não é o bastante, é necessário se criar outros modos possíveis de existência, ou seja, re-existir (SILVA; DE FREITAS, 2021). Assim, busquei apoio nas possibilidades de existência e re-existência para narrar mundos mais possíveis construídos em aliançamentos (BUTLER, 2018) durante os “encontros que ampliam as conexões agenciadoras de mais potência de vida, de invenção que rompe com circuitos repetitivos e fragilizantes” (PAULON; ROMAGNOLI, 2018, p. 185).

Para Macedo (2020), apesar das crianças não terem sido um dos públicos mais afetados, do ponto de vista da saúde física pelo coronavírus, enquanto categoria social elas têm estado mais sucessíveis às crises do capital, uma vez que esse contexto atual de acirramento das desigualdades afeta diretamente a elas, pois são um elo frágil do sistema capitalista por dependerem de um/a responsável para sua manutenção financeira. Libardi (2021, p. 113) também aponta que um dos fatores para essa vivência distinta, entre crianças e adultos no que se refere à pandemia, também se dá “à posição que ocupam geracionalmente na estrutura da sociedade”.

O interesse em pôr em análise os modos de participação das infâncias e suas práticas de re-existências apresenta-se como um desafio no campo das pesquisas, uma vez que a participação das crianças tem sido uma temática invisibilizada historicamente até mesmo no campo dos estudos sobre infâncias, seja por uma exclusão explícita ou pseudo-inclusão (MAYORGA, 2019). O que atualmente se compreende por infância, não é um conceito dado, e sim fruto de muitos tensionamentos, apesar disso, ainda está atravessado pela colonialidade do poder, do ser, do corpo e do saber (KUHN JUNIOR; MELLO, 2020), uma vez que algumas noções de infâncias foram invisibilizadas ou mesmo silenciadas historicamente. Pensar a partir dessa perspectiva, é compreender como a lógica colonial opera e impactou nos modos de produção de conhecimento e nos modos de subjetivação, descolonizar o pensamento é se propor a revelar o que está silenciado através das teorias que universalizam (MIGNOLO, 2008). Teorias que produzem uma racionalidade que torna determinadas vidas subalternas, precárias e (in)visibilizadas de forma perversa.

É necessário traçar uma reflexão a respeito do que foi produzido sobre as infâncias, pondo-se em atenção às estruturas de captura e romantização desse campo. Esse esforço surge para que produções discursivas de modos de subjetivação hegemônicos (ROLNIK, 2018) não sejam reiteradas durante essa pesquisa. Entendendo aqui, por modos de subjetivação, os processos que acontecem através da relação consigo de forma processual e em constante transformação, como o sujeito se percebe (FOUCAULT, 1995; 2004). Sendo a subjetividade tomada não enquanto estrutura, mas marcada pelas constâncias do presente (FERREIRA NETO, 2012) nos interessando em como novos modos de subjetivação surgem conforme o processo acontece. Em relação aos estudos sobre a infância, Sarmiento (2007) propõe compreender a infância e as culturas infantis, através da diferença, seus estudos constituem uma nova Sociologia da Infância, em contraposição às perspectivas tradicionais que a compreendem sob a ótica da falta ou da passividade. Descolonizar o olhar sobre as infâncias além de uma ruptura na concepção de sujeito universal, a compreende enquanto uma construção histórica para evitar a produção de uma história única, como nos lembra Adichie (TED, 2009).

As infâncias partem de experiências que se dão em planos marcadamente desiguais (RUA, 2007), uma vez que os marcadores da diferença de gênero, classe e território reverberam nos modos de cada criança se subjetivar e compreender seu entorno. O interesse

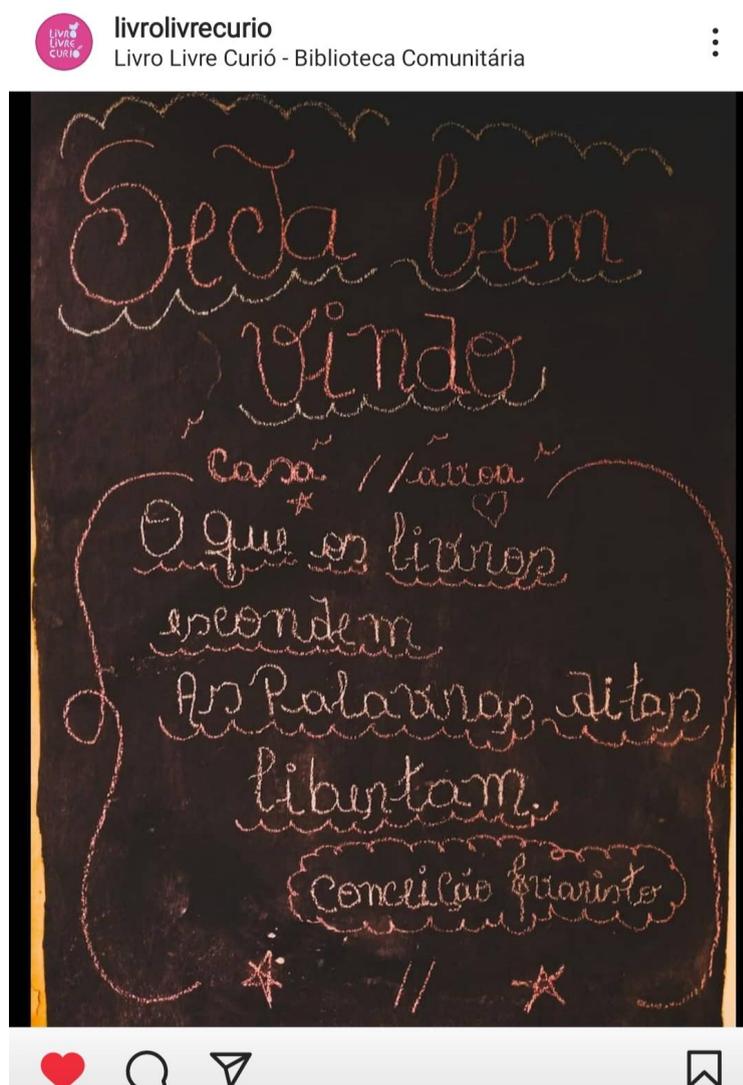
desse estudo está em colocar em análise os distintos modos de participação das crianças nos espaços campo deste estudo, compreendendo que há o caráter complexo, contextual e fragmentário que esse termo carrega (TREVISAN, 2012), inclusive quando a criança opta por não estar nas atividades que foram propostas.

A perspectiva de tomar a criança enquanto um “ser em desenvolvimento”, toma a figura adulta como referência e a compreende como um ser em completo estado de amadurecimento físico e psicológico (KASTRUP, 2000). Desse modo, até que atinjam essa “maturidade”, os discursos e vivências das crianças serão por muitas vezes invisibilizados, colocados em suspeição ou mesmo desconsiderados (MAYORGA, 2019). Se historicamente houve o desafio de compreender a criança enquanto sujeito de direito (PINHEIRO, 2001; MARCHI; SARMENTO, 2017; TREVISAN, 2012) para algumas crianças o campo do direito não foi sequer pensado, sobretudo ao tratarmos de infâncias que habitam territórios periféricos. Uma vez que a implementação dos direitos dificilmente chegarão a elas e nesses espaços.

Nessa aposta de compreender a criança como sujeito político (CASTRO, 2007) tomamos como ponto de partida para as análises seus modos de participação e suas práticas de re-existências, buscamos nos aliançar nesse processo de pesquisa, a duas práticas culturais pertencentes ao território de Fortaleza, capital cearense, que já têm parcerias com o Grupo de Pesquisa Vieses.

Este estudo, inicialmente, tinha por objetivo geral analisar efeitos dos modos de participação de crianças em ações da biblioteca comunitária Livro Livre Curió, tomando-as como principais interlocutoras. Como esta pesquisa se propôs não somente acompanhar processos, mas também permitir-se ser transformada ao longo do caminho (POZZANA; KASTRUP, 2009), foi necessário reajustar o seu campo e, com isso, ampliou seu número de interlocutoras. Após uma parceria negociada entre pesquisadora, orientador, grupo de pesquisa Vieses/UFC e a Organização Não-Governamental Fábrica de Imagens – ações educativas em cidadania e gênero, a pesquisa estendeu seu público e foi considerado também enquanto interlocutoras as crianças que estiveram presentes no Curso de Audiovisual e Direitos com Crianças.

Figura 1 - Lousa da entrada da CasAvoa



Fonte: Recuperada do Instagram @livrolivrecurio.

A biblioteca comunitária Livro Livre Curió torna-se um dos pontos de partida desse estudo, não somente pela parceria anteriormente construída com o Grupo de Pesquisa Vieses/UFC, do qual faço parte, mas também por fomentar atividades dentro da comunidade que contribuem para forjar práticas resistência e re-existência e processos de visibilização para as periferias. Como esta pesquisa buscou focar infâncias, seus modos de participação e suas práticas de re-existência, optamos por fazer um recorte pousando a atenção às atividades que fossem diretamente voltadas às crianças como o Clube de Leitura.

Aqui problematizamos o duplo processo de exclusão que segmentos infanto-juvenis

sofreram historicamente por ocupar territórios periféricos urbanos: primeiro pelo lugar social que ocupam (SARMENTO, 2007), e em segundo, por habitar um território estigmatizado historicamente (CASTRO, 2001; RUA, 2007). A construção social da criança enquanto um ser menos apto e, até mesmo sua ausência de valor, aponta para uma das marcas da colonialidade gerada pelo pensamento abissal que classifica que há determinados conhecimentos válidos e outros não, dependendo do sujeito que produz esse conhecimento (SANTOS, 1995), chegando a gerar o epistemicídio, ou seja, o silenciamento e apagamento dos conhecimentos construídos por negras/os (CARNEIRO, 2005). Isso parte de um projeto eurocêntrico e hierárquico, que constrói linhas dividindo a realidade social em apenas dois campos, invisibilizando e tornando inexistente ou irrelevante a perspectiva de um dos lados (SANTOS, 1995), ou o conhecimento produzido pelo adulto é válido ou o da criança, não sendo possível a coexistência de ambos.

A partir dessa perspectiva podemos problematizar quais têm sido os espaços, condições de participação e práticas de re-existências que estão sendo construídas para e pelas infâncias nos cotidianos de sua comunidade e em outros espaços, pensando sobretudo, o período que atravessamos da pandemia¹.

Se todas as vidas são marcadas por precarizações (BUTLER, 2015), quem habita periferias urbanas têm suas vulnerabilizações maximizadas, sobretudo quando lhe são negadas cotidianamente condições básicas para a sobrevivência através da ausência da implementação de direitos básicos. “Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós” nos diz Emicida em sua canção, e foi assim que boa parte das pessoas que habitam periferias conseguiram apoio durante esse contexto tão duro de uma crise sanitária e política, gerado pela pandemia. Criando suportes dentro de sua própria comunidade ou fomentando parcerias com Organizações não-Governamentais (ONGs), visando arrecadar doações para realizarem a distribuição de comidas, produtos de higiene, brinquedos etc.

Ainda que espaços como o da biblioteca não tenham grande recursos financeiros, sua força enquanto articulação social faz com que surjam aliançamentos (BUTLER, 2018) gerando possibilidades de acesso a serviços e bens culturais a moradores/as desses territórios, apresentando experiências contrárias aos discursos que reduzem espaços periféricos somente a lugares subalternizados, violentos, vulnerabilizados e desprovidos de conhecimento. O que

¹ Compreendemos esse recorte temporal um aspecto muito importante, pois esse estudo foi atravessado por esse período pandêmico gerado pela COVID-19.

há, na verdade, são movimentações de seus/suas moradores/as que buscam através de práticas culturais, gerar outras possibilidades de vida dentro das periferias. Assim, as práticas culturais podem ser compreendidas como uma movimentação organizada, sobretudo, por moradoras/es de periferias, sendo em sua maioria jovens, que promovem a realização de saraus, festivais, *reggaes*, produções audiovisuais, mediação de leituras e outros, buscando dar visibilidade ao que é produzido pela própria periferia (DIÓGENES, 2020; SILVA; FREITAS, 2018; SILVA, 2019). Essas práticas forjam modos de existências para além das políticas de morte (MBEMBE, 2017) cotidianamente impostas pela violência que atravessa as periferias urbanas, produzindo mais do que “resistências”, compreendidas enquanto ações tipicamente reativas. Na verdade, moradoras/es inseridas/os nessas práticas culturais, ao produzirem tais movimentações que desembocam em ações criativas de outras formas de existência estão produzindo processos de re-existências (ACHINTE, 2017; SILVA, 2019; SILVA; FREITAS, 2018; SILVA; DE FREITAS, 2021, COSTA, 2021).

A escolha por essa prática cultural se deu tendo em vista que unir-se à biblioteca é fortalecer o funcionamento de um espaço que opera como emblema de um coletivo de forças, forjado em meio a um cenário de agravamento da violência urbana, para oferecer outras possibilidades de existência ao bairro. Como a própria biblioteca traz em sua descrição, na rede social *Instagram*, a sua missão é a “inclusão social, acesso à cultura, e difusão de direitos humanos”. Contribuindo para a criação de outros regimes de visibilidade que podem ser construídos dentro das periferias urbanas.

Já a outra prática cultural tomada enquanto parceira deste estudo é a Organização não-Governamental Fábrica de Imagens: ações educativas em cidadania e gênero, que tem por coordenação Christiane e Marcos, ambos com formação acadêmica em Psicologia. Territorialmente a ONG está localizada no bairro da Maraponga, em Fortaleza, Ceará. Porém apesar de sua sede estar circunscrita a uma territorialidade física, a Fábrica tem alcance nacional e internacional. A proposta desta ONG é propagar ações que contribuam para a composição de dois principais valores: respeito e igualdade, contribuindo na difusão e potencializações de movimentos que apoiem grupos entendidos historicamente como minoritários. Há uma gama de projetos, cursos e eventos que ampliam sua atuação.

Buscando garantir alguns espaços para fomentar a participação das infâncias atrelando ao campo dos direitos humanos, a Fábrica de Imagens, em abril de 2021, desse modo surgiu a possibilidade de uma parceria com o Grupo Vieses, a partir da pesquisadora, que construiu o

Curso Audiovisual e Direitos com Crianças² junto a integrantes da Fábrica. Conforme foi acontecendo a construção do Curso, foi sendo percebida a potencialidade deste espaço formativo e inter(in)ventivo construído junto com as crianças participantes para ser incorporado na pesquisa de mestrado que estava acontecendo concomitante ao Curso.

Desta forma, a escolha por essas duas práticas também fala do acompanhamento das processualidades durante o percurso da pesquisa (POZZANA; KASTRUP, 2009). A chegada à biblioteca comunitária diz de um percurso coletivo iniciado por integrantes do Grupo Vieses, a partir do projeto de extensão “Entretantos”, que formaram parcerias e um vínculo de confiança anterior à minha chegada à biblioteca. E na ONG Fábrica de Imagens, também já havia uma parceria anterior com o projeto de extensão coordenado pela professora Érica Atem, chamado “Maquinarias: infâncias em invenção”, que possibilitou esse encontro com integrantes da Fábrica para construirmos o Curso Audiovisual e Direito com Crianças. Outro aspecto importante foi que à medida em que a vinculação com a biblioteca estava acontecendo, a oportunidade de facilitar o Curso surgiu. A vinculação do Curso à pesquisa trouxe materiais muito ricos para as análises mais potentes e que ampliaram ainda mais as investigações iniciadas sobre modos de participação e processos de re-existências.

Para Achinte (2017, p. 20) a categoria re-existência pode ser compreendida como um dispositivo que cria estratégias de visibilidade “e de interpelação às práticas de racialização, exclusão e marginalização na procura de re-definir e re-significar a vida em condições de dignidade e autodeterminação, enfrentando a biopolítica que controla, domina e mercantiliza os sujeitos e a natureza”. Assim, buscou-se compreender com essa pesquisa junto às crianças, como compor essas ações poderia contribuir para a criação de formas criativas para continuar (re)inventando novos entendimentos sobre si e suas próprias vivências, visando mapear quais foram as estratégias criadas de visibilidades e tensionamentos aos processos de exclusão social e marginalização.

Para isso, foi tomado como objetivo geral, analisar efeitos dos modos de participação de crianças em práticas culturais no contexto de pandemia na implantação de processos de visibilização e interpelação de práticas de exclusão. Tendo por objetivos específicos: 1) Mapear que modos de participação de crianças são agenciados através do Clube de Leitura da Biblioteca Livro Livre Curió e do Curso Audiovisual da ONG Fábrica de Imagens; 2) Discutir

² Além do curso Audiovisual e Direitos com Crianças, buscamos outros espaços para compor em conjunção com essas infâncias, como o espaço do Colorindo o Gênero 2021, que será melhor explanado no capítulo 3.

que narrativas crianças elaboram sobre seus cotidianos ao participarem dessas atividades; 3) Problematizar que modos de ser criança são produzidos a partir da participação nessas práticas. Para isso, criou-se dispositivos traçando que estratégias de visualização e interpelação foram colocadas a partir das narrativas que as crianças trouxeram sobre seus cotidianos e sobre a reinvenção de si. A pertinência deste estudo se faz à medida que busca investigar infâncias pondo em análise seus modos de participação e práticas de re-existência, na busca por compreender e ampliar tais concepções juntamente com as crianças.

Diante o que foi exposto, a seguinte questão guiou a investigação: Como a participação de crianças em práticas culturais no contexto de pandemia forja estratégias de visibilidade e tensionamento nos processos de exclusão social e marginalização? Partimos dessa pergunta buscando construir conjuntamente com as infâncias linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1996) à posição objetificadora na qual se coloca as crianças na pesquisa acadêmica tradicionalmente. Apostamos, assim, nos encontros dialógicos e na escuta sensível das crianças para pensar quais são as potências, tensões e deslocamentos que podem ser produzidos quando as crianças integram práticas culturais tecidas em territorialidades urbanas, ainda que esses diálogos tenham sido produzidos em contextos virtuais, dada às questões sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19.

Este texto dissertativo, para além desta Introdução, é composto por um capítulo que apresenta o percurso metodológico escolhido e desenvolvido durante a pesquisa e mais três capítulos que trazem análises e reflexões produzidas no entrecruzamento das teorias e cenas cotidianas que buscaram responder o objetivo geral e os objetivos específicos estabelecidos.

No capítulo 2, apresentamos o percurso metodológico desta pesquisa cartográfica que nos inspirou a acompanhar processualidades em curso tendo em vista o plano coletivo de forças que delinearam as tessituras de uma pesquisa com infâncias em tempos de pandemia. Este capítulo apresenta os desafios, potências e especificidades de compor uma pesquisa com infâncias que habitam territórios urbanos periféricos. Apresenta também os locais, parcerias e as/os interlocutoras/es que tornaram possível a realização desta pesquisa, também é relatado sobre como se deu o processo de construção das atividades desenvolvidas junto às crianças.

Já o capítulo 3, tem por título “*Entre a biblioteca e a fábrica: artesanias (im)possíveis com as crianças em tempos de pandemia*”. Foi produzido no intuito de contemplar o primeiro objetivo específico que se propõe mapear que modos de participação de crianças são agenciados através do Clube de Leitura da Biblioteca Livro Livre Curió e do Curso

Audiovisual (ONG Fábrica de Imagens/VIESES). Num primeiro momento, a partir do subtópico “3.1 *Das políticas de precarizações em tempos de pandemia às práticas de re-existências no Clube de Leitura das crianças*”, colocamos em análise como as crianças integram as atividades propostas pela Biblioteca Livro Livre Curió, tomando, inicialmente, como interlocutores os segmentos infantis, mas também trazendo para a discussão aspectos levantados por Talles, Dona Ritinha e outras/os articuladoras/es que se fizeram presentes nas atividades desenvolvidas pelo Clube de Leitura. Já num segundo momento, a partir do subtópico “3.2 *Transversalizando o debate sobre direitos humanos com crianças*”, apresenta-se de um modo mais sistematizado algumas atividades propostas às participantes³ do Curso de Audiovisual e Direito com Crianças. refletimos sobre a participação das crianças nas atividades realizadas durante a realização do Curso de Audiovisual. Ressoando como tais participações podem gerar rompimentos em processos de invisibilidades e exclusões. Além disso, esse capítulo apresenta os desafios gerados durante a pandemia de COVID-19, tanto para a pesquisadora como para as interlocutoras da pesquisa.

O capítulo 4 traz “*A voz que lê pra mim*”: leituras sobre cotidianos em contextos *periferizados*, ligado ao segundo objetivo desta pesquisa, está dividido em três subtópicos: “4.1 *‘Muitas bibliotecas são distantes de onde a gente mora, e nem todo mundo tem biblioteca*’: *infâncias como sujeitos políticos*”, compreendendo como a inserção das crianças em atividades produzidas pela biblioteca permitiu a elas exercitarem outras formas de se subjetivarem politicamente ao se responsabilizarem pelos espaços comunitários; “4.2 *‘Eu me sinto vivo*’: *leituras infantojuvenis sobre cotidianos marginalizados*”, trazendo reflexões sobre a importância da presença das crianças nos encontros via *Instagram* do Clube de Leitura, sobretudo por esses espaços forjarem a possibilidade do exercício de outras leituras de mundo que tensionam realidades postas sobre si e seus territórios; e no “4.3 *‘Tô aqui no lote onde nós ocupa*’: *territorialidades periferizadas sob o olhar das crianças em contextos intergeracionais*” tomamos as produções artísticas e culturais realizadas, sobretudo, por aquelas/es que vivem nas margens urbanas como estratégias de visibilidade e táticas de re-existências a produções hegemônicas que silenciam ou geram visibilidades perversas. Nesse subtópico refletimos sobre a experiência em se construir produções micropolíticas de vetores de subjetivação coletiva a partir da criação de suas próprias narrativas audiovisuais

³ Durante minha escrita utilizo a expressão “as participantes” para me referir às crianças, por isso a expressão se mantém no feminino.

para falar sobre seus cotidianos.

O capítulo 5 se alinha ao terceiro objetivo específico que visa problematizar que modos de ser criança são produzidos a partir da participação nas práticas culturais já citadas. Há três subtópicos, o primeiro “5.1 *‘Antes eu não me aceitava’: conversando com crianças sobre gênero, classe, raça e geração*”, versa sobre as imprevisibilidades do encontro com as infâncias, partindo do entendimento da complexidade de suas participações, que também podem surgir a partir de uma tensão de certos lugares. Ao se distanciarem de uma produção de conhecimento hegemônica e embranquecida, bem como ao partilharem suas vivências, participantes desta pesquisa produziram práticas de aquilombamento gerando lugares de luta, cura e reinvenção de si. Nesse segundo subtópico “5.2 *‘Ser criança é ter direitos’: refletindo sobre participação, (in)visibilidades e (não-)acessos de infâncias que habitam as margens*” investe-se no debate sobre participação das crianças em lugares públicos pensando no acesso e não acesso aos direitos, dentro de suas comunidades, entendendo que a visão destas é refinada pelo seu conhecimento prático ao transitar pelos espaços abertos. O terceiro subtópico “5.3 *‘No futuro queremos...’: o que pode desejar um corpo-criança?*”, inicialmente compartilhamos a produção da “Carta do Direito das Crianças” como uma escrevivência produtora de um dispositivo de insurgências coletivas realizada a partir das vivências compartilhadas pelas crianças nessa produção audiovisual.

No capítulo 6 trago como considerações finais deste trabalho os “*(Des)aprendizados numa pesquisa com crianças em tempos pandêmicos*”, reflito sobre os desafios e avanços ao pôr em análise os modos de ser criança produzidos a partir da participação nas práticas culturais tomadas como campo deste estudo, compreendendo a complexidade dessa temática. Primeiramente por haver diversos marcadores que influenciam nessa participação (raça, classe, gênero, território, geração) e por esta às vezes surgir a partir de um campo de tensão intergeracional nos espaços. Em segundo, por observar os desafios de estudar sobre a participação de crianças durante uma pandemia que gerou diversas reconfigurações sobre os modos de se estar junto.

2 CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA INTER(IN)VENÇÃO COM CRIANÇAS EM MARGENS URBANAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

2.1 Tecendo caminhos de uma pesquisa inter(in)ventiva com crianças

Os caminhos metodológicos desta pesquisa foram construídos através da realização de uma cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009; PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014) se inspirando na criação de uma pesquisa-inter(in)venção (BENÍCIO *et al.*, 2018), ou seja, uma pesquisa construída como uma invenção conjunta entre pesquisadora e crianças. Dentre os elementos que caracterizam a cartografia está a perspectiva de pesquisar com sujeitos, grupos, instituições e territórios (MORAES, 2010). Desse modo, partimos do entendimento de que as interlocutoras deste estudo são ativas nesse processo e há uma tessitura coletiva na e da pesquisa. Se colocar em campo a partir da perspectiva da cartografia é uma aposta que se faz no acompanhamento de processos (POZZANA; KASTRUP, 2009) de produção de subjetividades, tomando a criação de “problemas” a partir do nosso habitar no território existencial (BARROS; BARROS, 2014; BENÍCIO *et al.*, 2018; BARROS *et al.*, 2021; RODRIGUES; ASSIS; LEONARDO, 2021). Em nosso caso, os processos acompanhados dizem respeito ao plano micropolítico e coletivo de forças acionadas a partir de modos de participação de crianças em práticas culturais e seus efeitos de visibilização de opressões e insurgências ético-estético-políticas.

Estar em campo e realizar esta pesquisa a partir do método cartográfico permitiu o acompanhamento de processos relacionados a analisar efeitos dos modos de participação de crianças em práticas culturais na implantação de processos de visibilização e interpelação de práticas de opressão e invenção de outros possíveis nesses contextos. Uma vez que as interlocutoras habitam territórios entendidos enquanto margens da cidade, se faz necessário estar em atenção às especificidades de se pesquisar nesses contextos periféricos fazendo as movimentações com os campos éticos, políticos e epistemológicos para pôr em xeque a concepção desses territórios enquanto um “não-lugar” (COSTA; MOURA; BARROS, 2020).

Esta pesquisa inter(in)ventiva se propôs a não somente escutar, conversar com as crianças e com o que elas dizem sobre seus territórios, sobre si e seus cotidianos a partir de seus modos de participação. Ao fazer isso, provocamos um deslocamento ao sairmos dos

conhecimentos hegemônicos produzidos “sobre” infâncias periferizadas e partimos para reflexões que pudessem tomar como referência de análise suas falas. Tendo por enfoque um estudo “com” infâncias que se interesse nos seus modos de se subjetivarem e enunciarem seus cotidianos, nos colocando em atenção a que regimes de visibilidade essas crianças têm construído em seu dia-a-dia em territorialidades periféricas (NUNES, 2021). Para que isso seja possível, nos aliançamos à cartografia e construímos um plano do comum com as participantes da pesquisa (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014) a partir de acompanhamentos e da criação de um curso, oficinas e rodas de conversa, seja virtual ou presencial.

Essa política de pesquisa, além de priorizar a criação de um *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014), nos possibilita um reconhecimento atento de “quem pesquisa” para “com quem” se pesquisa ao produzir rearranjos durante o caminho. O *ethos* da confiança foi uma aposta que orientou essa pesquisa e seu desenvolvimento, pois os vínculos criados tanto com as crianças da Livro Livre quanto do curso em parceria com a Fábrica de Imagens, tiveram uma importância elementar para tensionar questões trazidas pelo estudo e construir outras que fossem pertinentes a todas envolvidas. A incorporação do curso de audiovisual para que este pudesse compor nas análises foi justamente a reiteração do modo inter(in)ventivo da pesquisa cartográfica.

As vivências da pesquisa foram construídas junto às crianças respeitando as limitações éticas de como e quando elas queriam estar nas atividades propostas, inclusive quando optaram ou não podiam estar conosco. Compreendendo que quem pesquisa e quem participa da pesquisa têm interesses que podem ser distintos, e isso nos abre à multiplicidade de sentidos que podem ser construídos durante o percurso da pesquisa, fugindo da concepção de um conhecimento único sobre quem/o quê se pesquisa (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014). A confiança da pesquisa está tanto na criação de vínculos como na abertura às modificações decorrentes desse encontro entre quem pesquisa e quem participa. Produzindo nesses encontros diferenciações e não representações de objetos (KASTRUP, 2000).

Apesar de haver um vínculo anterior com a biblioteca, a minha aproximação com as crianças se deu ao assistir a primeira *live* produzida pelo Clube de Leitura. Se fazer presente nestes espaços foi algo que Ritinha, mediadora de leitura e hoje coordenadora da Livro Livre, pontuava como importante para fortalecer àquela atividade: “Isso incentiva as crianças”. Acompanhar as atividades a partir de uma tela, me fez perceber que era a primeira vez que

não precisei estar na parada de ônibus, pegar um transporte público até chegar em determinado espaço. Algo bastante diferente em todos esses anos no qual já fui pesquisadora PIBIC ou mesmo extensionista. O campo estava ali dentro da minha casa, se fazendo presente todas as quartas-feiras, durante os Clubes de Leitura, ou aos sábados, durante o curso de audiovisual. E diante dessa novidade me vi experimentando novamente o exercício de aprendiz-cartógrafa exercitando a “posição de cultivo da receptividade ao campo” (ALVAREZ; PASSOS, 2010, p.136) ainda que partilhando com as crianças agora de um campo construído na virtualidade das redes sociais.

Barros e Kastrup (2010) falam dessa aproximação cartográfica inicial no território, momento no qual nos sentimos como estrangeiras/os que visitam um lugar até então desconhecido por nós. Se aproximar de modo cartográfico é estar atenta/o ao fato de que muitas coisas se inscreveram anteriormente à nossa entrada, um começo pelo meio, mas que nosso olhar de fora tem a potência de capturar outros modos de escutar e assim nos tornar parte desse território. Realizar uma pesquisa nesses tempos pandêmicos foi uma aposta na reinvenção constante desse ser pesquisadora.

Nesse sentido, os espaços de pesquisa foram demasiadamente atravessados por encontros virtuais junto às minhas interlocutoras, e minha participação, sobretudo pensando nos encontros das *lives* Clube de Leitura, se deu por experimentações tecidas a partir da ferramenta cartográfica entendida como “observação-participante”, mas que também foi sendo torcida ao longo dos encontros, como no dia do encontro presencial no qual saí do lugar de observadora e fui pular corda com as crianças na CasAvoa.

As materialidades produzidas durante a pesquisa foram registradas a partir de diários de campo, tanto durante as atividades que ocorreram, majoritariamente, de modo virtual, como também presencial. Tomando esse dispositivo como um importante aliado para trazer durante a escrita composições que se deram junto às interlocutoras desta pesquisa e que contribuíram para as discussões postas nos capítulos de análise. Uma pontuação que se faz pertinente é compreender que este estudo não se propõe a fazer uma “análise de dados”, e sim pensar na produção de efeitos gerados durante as composições junto às participantes (BARROS; BARROS, 2009). Desse modo, nos próximos capítulos nos interessamos em compreender e refletir sobre que efeitos foram gerados com essa pesquisa.

Apesar de estar em duas práticas culturais distintas, as reflexões produzidas pelas participantes foram tecidas conjuntamente e unindo-se durante o texto pelos objetivos

elencados pelo estudo. Desse modo, durante a escrita apresentamos cenas analisadoras que se unem a reflexões teóricas buscando, de um modo geral, pôr em análise efeitos dos modos de participação de crianças em práticas culturais no contexto de pandemia na implantação de processos de visibilização e interpelação de práticas de exclusão. Tais cenas foram pensadas a partir da análise cartográfica, que por sua vez, se propõe a acompanhar processos a partir de um *ethos* analítico implicado na problematização, tendo em vista uma dimensão participativa da pesquisa desde a produção de dados à sua análise (BARROS; BARROS, 2014). Compreendendo que as reflexões são produzidas desde as primeiras inserções em campo até à escrita, não se realizando apenas ao fim do processo. Tendo o cuidado na tessitura da pesquisa para não invisibilizar o que foi dito pelas crianças, e sim propor uma conversa entre autores/as e crianças, tecendo um texto que se compõem no emaranhado de linhas que se cruzam durante a arteficialidade do pesquisar seja prático, ao escutar as crianças, seja teórico ao dialogar com autoras/es, apostando numa teoria e prática que ocupam um mesmo plano de produção (PASSOS; BARROS, 2009).

É importante salientar que as questões éticas e legais definidas no âmbito de pesquisas com seres humanos, conforme Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), foram respeitadas e submetidas à aprovação no Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará. Ao Comitê, foi encaminhado o projeto de pesquisa, junto às documentações necessárias tais como o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), disponibilizado às crianças e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsáveis legais das crianças.

Para além de trazermos os aspectos éticos referente à burocracia de uma pesquisa, colocamos também o desafio de agir eticamente num estudo com infâncias, ao propor uma composição que aposte na potência de criar junto com elas um mundo (com)partilhado (KASTRUP; PASSOS, 2016). Então, durante os espaços compartilhados junto às crianças, não somente nos interessamos nos dizeres colocados por elas, mas também experimentando em alguns momentos grupais, uma experimentação de tecituras de análises coletivas do que estava imbricado naquele dizer compartilhado (ALMEIDA; COSTA, 2021). Se deixando implicar nos agenciamentos (Deleuze, 1968/2018) produzidos a partir desses encontros e suas reverberações possíveis na pesquisa, fomentando a abertura ao plano da experiência.

Esse trabalho se propõe, em certa medida, a ser uma linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1996) à posição na qual geralmente as crianças são colocadas dentro do processo

da pesquisa, tentando construir um texto que seja coletivo e traga a pluralidade de vozes com as quais me deparei durante esse trajeto no mestrado. E ainda assim, ciente de que ao compormos narrativas com as infâncias não podemos perder de vista a dimensão ética de nossa posicionalidade enquanto pesquisador/a (BICALHO, 2019), compreendendo que essa posição de estar no “entre” tece uma rede de relações de saber-poder (FOUCAULT, 1996) que se coloca a todo instante durante essa produção de subjetividades e conhecimentos.

2.2 Territorialidades da pesquisa: práticas culturais como mapas

2.2.1 Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió e CasAvoa

Não há muitos registros escritos sobre a história do bairro Curió, denunciando uma invisibilidade que recai não somente ao bairro, como também a quem habita essa territorialidade periférica da cidade de Fortaleza-Ce, localizada na região da Grande Messejana, Regional 6⁴. Quando há registros por parte da grande mídia, geralmente se dão notícias que dão mais visibilidades às vulnerabilidades e violências ocorridas no bairro, uma vez que este território foi marcado por uma das maiores chacinas já ocorridas no estado do Ceará, conhecida por Chacina da Grande Messejana⁵ (PAIVA, 2015; BARROS et al., 2017; TORRES, 2017). Acontecimento esse que ainda reverbera no cotidiano do bairro e de suas/seus moradoras/es.

⁴ A territorialidade administrativa de Fortaleza, atualmente, divide-se em 12 regionais.

⁵ Esta chacina aconteceu nos territórios conhecidos por comporem a área chamada de “Grande Messejana” em Fortaleza. Em 2015, na madrugada do dia 11 para 12 de novembro, 11 pessoas foram executadas e sete ficaram feridas. As vítimas letais da chacina eram, em sua maioria, jovens do sexo masculino com idades entre 16 e 19 anos. Esse episódio teve grande repercussão midiática. Houve a acusação do envolvimento de 44 policiais militares (Barros et al., 2017; Torres, 2017).

Figura 2 – Livro Livre Curió



Fonte: Recuperada do Instagram @livrolivrecurio.

Assim como o filme brasileiro que ganhou o nome Bacurau⁶, remetendo a um pássaro noturno que busca sobreviver às adversidades, o bairro ao qual este estudo conversa, ganhou também o nome de uma ave: Curió. Esse pássaro sempre se fez muito presente nesta região que comporta uma das áreas da mata atlântica na cidade de Fortaleza, conhecida por Floresta do Curió, aberta à visitação pública, sendo uma das potências desse território.

Uma das iniciativas que visa criar outros regimes de visibilidade para o bairro pautando outros modos de narrá-lo, para além das violações e vulnerabilizações, foi a criação

⁶ Filme brasileiro produzido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Considerado uma das produções mais significativas nacionais. Foi lançado no ano de 2019, num momento histórico ímpar do país, narra a história de um povo nordestino que mora na cidade que ganha o mesmo nome do filme “Bacurau”, tais moradoras/es lutam coletivamente em sua comunidade para sobreviverem aos ataques genocidas de um grupo de norte-americanas/os e um casal de sulistas que tentam dizimar o povoado. Além de bacamartes e facões, o povo de Bacurau utiliza a sua história e cultura como principal ferramenta de fortalecimento e resistência para combater os ataques advindos dos inimigos de fora.

da Folha Curió. Um jornal local construído para falar sobre o bairro a partir da perspectiva de quem o habita. Em sua primeira edição, criada em setembro de 2018, o jornal apresenta o bairro com a seguinte matéria: “Curió: um território construído com as suas próprias mãos” que trata sobre a histórica luta por moradia que forjou este território:

Messejana é uma Região mista, religiosamente indígena, litorânea, grande mãe, em seu desenho estão muitas comunidades, junções de gente, aglomerações, misturas, elas tem sal e caju em seus temperos, assim como em seu clima. Falar da Messejana é falar de Fortaleza, olhar para um cantinho do mapa de nossa geografia sentimental, nutrida de tantas passagens e pessoas. Pois aqui, vamos falar de Curió, que é Messejana, que é Fortaleza. Vamos falar de geografia, que também é gente! Um lugar situado a sudoeste da cidade, que tem em sua vegetação uma paisagem de cerrado, de caatinga e de praia. Dá pra ver na areia, nas plantas. Muitas plantas. O Curió é um bairro que nasceu no meio de um grande jardim, com coqueiros, cajueiros, mangueiras, cactos, macaúbas. Em determinada hora do dia o calor racha a sola do pé como no sertão, outras, o vento é que lembra que mar é logo ali. E a gente queima com o sal marinho que circula o ar. Sob nossos pés, veias cristalinas, água em abundância. Somos férteis de nascença. Em todo canto hortas, caju, mangas. O Curió de todas nós hoje, foi antes um território pertencente a duas famílias: os Guimarães e os Costa. Famílias patriarcais. Hábitos de terreiros, casas de farinha, aldeias, lavouras, hortas, assim eram as práticas. E podemos ver isso ainda no modo cadenciado de nosso andado. No começo era assim. As crianças se banhavam na Lagoa da Precabura e se divertiam subindo nas árvores da floresta. A avenida Nelson Coelho traça um relevante desenho nesse território: divide o bairro em lado leste e oeste. Essa delimitação dividiu os espaços, e também instaurou níveis de hierarquia econômica e grau de presunção, muito embora essa hierarquia fosse apenas de ordem abstrata e sem fundamento. A avenida Nelson Coelho dividia as propriedades de Seu Manoelito Costa e Seu Eduardo Guimarães. Seu Eduardo Guimarães era proprietário da parte leste. A zona leste, antes um imenso da parte foi comprado pela Caixa Econômica Federal (CEF), em meados dos anos de 1980, foi loteado para posteriormente serem construídas casas populares, que seriam vendidas a baixo custo, no entanto, essas casas foram sendo ocupadas, em grande parte, à base da invasão. As casas da CEF constituíram a primeira ação de habitação deste espaço geográfico que nos debruçamos nesse texto. Por sua vez, o lado oeste, que pertencia a Seu Manoelito, foi também vendido, primeiramente para uma empresa privada, e posteriormente adquirida pelo o governo do estado, a partir de uma política pública de habitação, que tomava aquele território como a área de construção de casas.

(JORNAL FOLHA CURIÓ, 2018)

Na edição subsequente, em outubro de 2018, ao celebrar o mês das crianças, o Jornal perguntou as impressões que estas tinham do bairro, produzindo a matéria “O bairro pelo olhar das crianças”, na qual desenhos e frases das crianças apresentavam o Curió. Pica-pau-dourado⁷, uma das crianças que é interlocutora da pesquisa, escreve “Oi, meu nome é Pica-pau-dourado, tenho 11 anos e o que eu gosto de fazer no Curió é andar nas ruas calmas que existem no Curió, e o Curió é um amor de lugar!!!”. Já Bem-te-vi escreve: “O que eu mais gosto é de brincar e ler, gosto de ler várias coisas, de brincar de várias coisas. Eu amo a minha vida e minha família e fiz uma nova família com a Ritinha”. A perspectiva das crianças, assim como a descrição do bairro na primeira edição da Folha Curió, tensionam o lugar-comum, reiterado muitas vezes em reportagens policiais, que tomam o bairro enquanto sinônimo de violência. Estabelecendo pelo olhar das crianças e, demais moradoras/es, outros regimes de visibilidade sobre esse território, fortalecendo uma rede de afetos-ninhos desse Curió.

Ainda durante a primeira edição do jornal Folha Curió há uma breve descrição da biblioteca comunitária Livro Livre Curió e sua história. Fundada em março de 2018, tem por objetivo “[...] fazer que os livros e a leitura circulem entre os moradores da nossa comunidade” (França, 2018, p. 2). Foi criada por Talles Azigon e Dona Ritinha, tendo o apoio de Lígia (irmã de Talles e filha de Dona Ritinha), e Daniel (companheiro de Talles), as fundadoras e fundadores transformaram a casa na qual moravam na primeira biblioteca comunitária de seu bairro. Talles, durante seu curso de mediação de leitura⁸, também sinalizou sobre a importância da Livro Livre para o bairro “Isso muda a autoestima dos moradores e moradoras do bairro, deixa de ser [apenas] o bairro da Chacina”. E como Bem-te-vi traz em seu relato na Folha Curió, a história do bairro vai se entrelaçando à da biblioteca, uma vez que este local tem se tornando uma referência também para a cidade de Fortaleza-Ce.

Há dois espaços que se complementam para que as atividades aconteçam, o primeiro espaço é o da própria biblioteca, casa de Dona Ritinha e Talles, localizada na Rua George

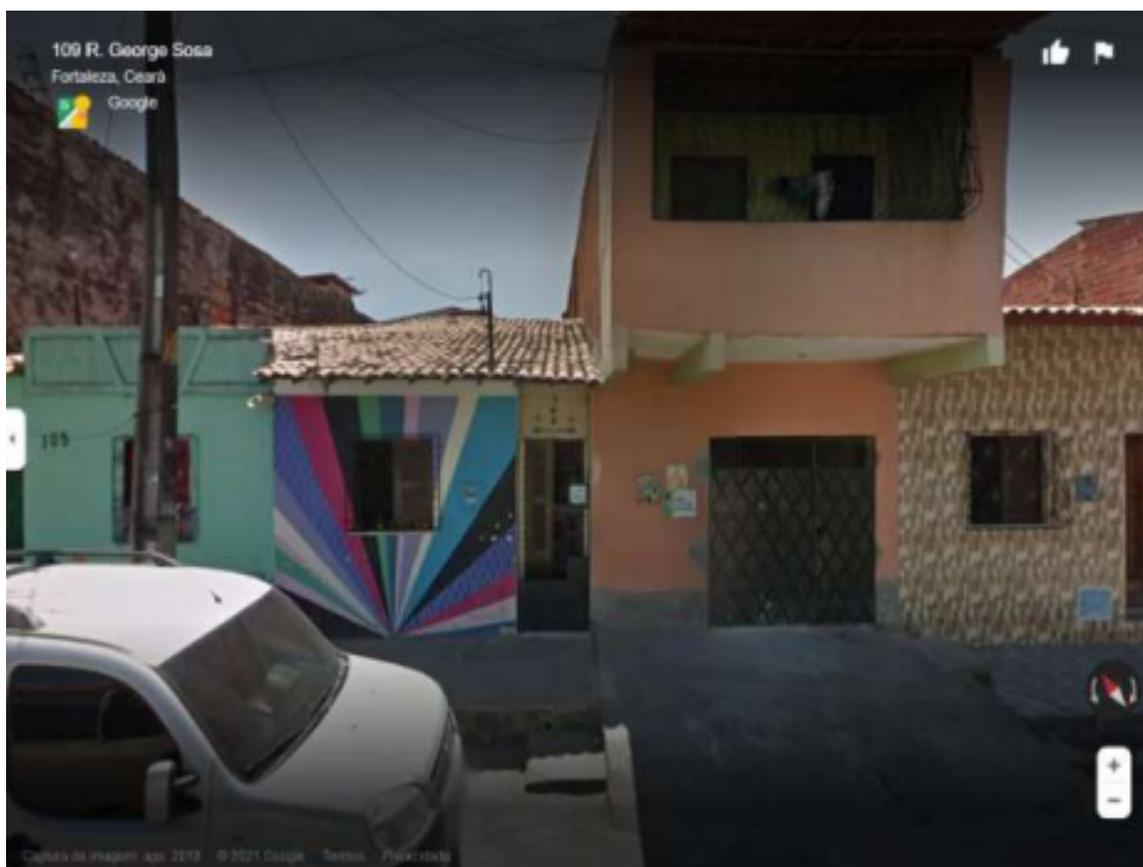
⁷ Conforme será explicitado no subtópico “2.3 Participantes do estudo: voando em bando em tempos de vida debandada” os nomes das crianças participantes do estudo foram modificados tendo-se em vista questões éticas e de proteção. Para mais informações veja o subtópico em questão.

⁸ Fala registrada em Diário de Campo, que foi escrito tendo por inspiração a participação de um curso de mediação de leitura promovido por Talles nos dias 25, 26 e 27 de março de 2021 de modo remoto.

Sosa, nº 109, no bairro Lagoa Redonda, em Fortaleza-Ce. E o segundo espaço está localizado a poucas ruas da biblioteca, no mesmo bairro, na Rua Leonice Aguiar, nº 330, ambiente anexo da biblioteca, chamado de CasAvoa.

Desde sua entrada, a casa-biblioteca, se diferencia das demais do bairro, pelo seu colorido e sua janela cheia de cactos⁹, plantas que são tomadas enquanto símbolo de resistência. Neste espaço há bastante livros, que dividem o espaço com materiais da esmalteria de Dona Ritinha. Um espaço no qual me senti bastante acolhida desde a primeira vez em que cheguei.

Figura 3 - Fachada da Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió



Fonte: *Google Maps*.

A CasAvoa surgiu a partir da necessidade de fornecer mais espaço para as atividades fomentadas pela biblioteca, tais como aulas de capoeira, clubes de leitura, saraus, oficinas e

⁹ Planta comum no nordeste brasileiro bastante resistente à altas temperaturas e solo arenoso.

outras. É um espaço alugado por quem organiza a biblioteca. Muitas crianças durante o dia alternam entre estar no espaço da biblioteca e no espaço da CasAvoa.

Figura 4 - Fachada da CasaVoa



Fonte: Registro produzido pela pesquisadora na ida a campo.

2.2.2 Organização Não-Governamental Fábrica de Imagens – ações educativas em cidadania e gênero

A Organização Não-Governamental Fábrica de Imagens: ações educativas em cidadania e gênero, surgiu no ano de 1998, se tornando fruto “da união de propósitos da Chris¹⁰ e do Marcos¹¹ e de uma equipe” (FÁBRICA DE IMAGENS: AÇÕES EDUCATIVAS, 2021, S/N) que foi se renovando e fortalecendo a existência dessa ONG. A instituição é apresentada em seu site a partir de valores e aspectos de atuação:

A organização não-governamental se propôs a propagar o que há de mais básico: respeito e igualdade entre os seres humanos. Dois valores que deveriam ser inatos a nossa coletividade, mas não o são. O que torna nosso trabalho uma obviedade e um atrevimento. Principalmente quando nossas ações estão voltadas para assistir, apoiar, difundir e potencializar os movimentos feministas, negro, LGBTQs, indígenas que se vêem ameaçados a cada passo dado pela estrada distorcida do capitalismo, do conservadorismo, do patriarcado, do racismo e do colonialismo.

Apesar do foco em questões de gênero e cidadania, jamais ousaremos reduzir nosso espectro de atuação quando os direitos humanos são questionados em tantos níveis e em tantos espaços, que enclausuram o poder para assinalar retrocessos. Acreditamos no poder dos números que representam pessoas, das falas que representam denúncias, dos diálogos que representam combates. Acreditamos no poder da diversidade, das singularidades e da colaboratividade. Somos apenas mais um canal, em busca das conexões extraordinárias, dolorosas, reais e esperançosas de quem busca construir um “mundo melhor” por aí. Já ouviu falar dele? Estamos tentando recriá-lo por aqui. Vem com a gente? (FÁBRICA DE IMAGENS: AÇÕES EDUCATIVAS, 2021, S/N).

Territorialmente a ONG está localizada no bairro da Maraponga, Regional X, em Fortaleza/Ce, mas suas ações reverberam regional, nacional e internacionalmente através de seus projetos¹² como: “Curta o Gênero”, “Catálogo Cultura Viva em Pontos”, “Outros Olhares”, “Cine Clube de Ponta Cabeça”, “Cacto”, “Parceria.org”, “Conversa de Homem” e “Entre Pares”. Essa variedade de projetos apresenta, de certo modo, a relevância e o alcance que a Fábrica de Imagens possui. Dentre essas ações, detalho aqui o “Curta o Gênero”, evento que é promovido desde 2012 e que atravessa essa pesquisa. O Curta o Gênero

(...) se caracteriza, como um espaço de convergência de pessoas interessadas em compartilhar seus pensamentos, interpretações, experiências, dúvidas, proposições, performances, percepções e criações artísticas nos campos dos feminismos, gênero, sexualidades, conectadas, sobretudo, com outros marcadores sociais, especialmente classe social e raça. É um espaço plural de produção de sentidos e de desenvolvimento de diálogos comprometidos com a denúncia das desigualdades,

¹⁰ Christiane Gonçalves

¹¹ Marcos Antonio Rocha

¹² Em seu site (<https://www.fabricadeimagens.org/>) a ONG Fábrica de Imagens – ações educativas em cidadania e gênero distribui sua apresentação, em alguns hiperlinks, do seguinte modo: “Início”; “Quem somos”; “Asas da Palavra”; “Projetos”; “Cursos”; “Maratone”; “Acervo”; e “Mais”. Desse modo, apresento aqui a distribuição entre projetos, cursos e eventos construída pela própria Fábrica.

violências e violações de gênero, com a construção de outras representações e interpretações simbólicas, baseadas na equidade de gênero e na afirmação das sexualidades e com a promoção de articulações teórico-políticas entre campos contra-hegemônicos, orientando-se por um horizonte de superação de uma ordem social que é patriarcal, portanto machista e heteronormativa, mas que também é capitalista e colonial/racista.

No festival “Curta o Gênero” há uma gama de atividades que vão do público infantil ao adulto. Uma delas é a Exposição Fotográfica Contrastes – Gênero, Tempos, Lugares, Olhares que acontece desde a primeira edição do evento e une fotografias que pautam questões relacionadas a gênero, feminismos, direitos humanos e outros. Também há a Exposição de Ilustrações Expressões de Gênero, que traz uma curadoria de obras com temas que tratam sobre feminismo e descolonialidade. A ilustradora escolhida, entre as inscritas, fica responsável por criar a identidade visual do próximo evento. Na Mostra Teatral Gênero em Cena, há espetáculos e performances criados por artistas locais, essa mostra é voltada também para discutir sobre sexualidades, violências, identidades e desigualdades. Há também no evento a Mostra Musical Cores do Som, espaço no qual artistas individuais ou bandas, que tenham engajamento nas questões de gênero, têm a oportunidade de apresentarem seu repertório.

Por ser um evento amplo, ainda dentro do Curta o Gênero há um Seminário Internacional Gênero, Cultura e Mudança, tendo em sua composição mesas, apresentações de trabalhos, cursos e oficinas, rodas de conversas. Tais ações têm por intuito trazer debates no campo dos feminismos e de práticas contra-hegemônicas, anticapitalista, descolonial e despatriarcal. Para fomentar a promoção do comércio local de artesãs/os, há a Feira de Economia Solidária, de Livros e Agroecológica. Já a Flash Tattoo é um espaço no qual há artistas tatuadoras que trabalham com a temática do feminismo e descolonialidade.

Há mais dois espaços dentro do Curta o Gênero que atravessaram essa pesquisa. Primeiro o chamado Colorindo o Gênero, no qual as crianças participantes da pesquisa estiveram presentes em dois anos, em 2020, em sua segunda edição, e em 2021, na sua terceira edição¹³. O Colorindo o Gênero é um espaço relativamente novo dentro do Curta o Gênero, surgiu como uma aposta em espaços que fossem compartilhados entre crianças e adultos, mas que as atividades dessem mais visibilidade ao público infantil dentro do evento

¹³ Ambos foram produzidos de modo remoto, devido às questões sanitárias que impediram aglomerações para evitar a contaminação pelo coronavírus.

pensando questões sobre gênero, direitos humanos, cidadania e infância. Fomentando o espaço das crianças nesse debate.

O III Colorindo o Gênero, diferentemente dos anos anteriores, esteve aliançado com outras atividades que ocorreram durante o evento, como a Mostra Internacional Audiovisual, Minicurso e Mostras Artísticas. A Mostra Internacional Audiovisual é um espaço de seleção e exibição de curtas-metragens que sejam atravessados pelas seguintes temáticas: deficiência, raça, gênero, classe, geração, LGBTQIAfobias, direitos humanos e outros. No ano de 2021 as crianças que participaram do Curso Audiovisual e Direitos com Crianças participaram da curadoria dos filmes e também das mesas para conversar com autores/as, produtoras/es dos curtas.

Há também cursos ofertados pela Fábrica de Imagens, Cursos (Audiovisual e Direitos com Crianças; Cultura Viva Comunitária em Pontos; Cultura Viva, Gênero, Sexualidade; Cultura Viva e Infância) e Eventos (Curta o Gênero; Colorindo o Gênero e outros). Dentre os cursos ofertados cabe ressaltar dois que foram bastante importantes para a construção dessa pesquisa, tanto no que se refere às referências teóricas e práticas compartilhadas durante a formação, como também as/os participantes desse estudo.

Um foi o Curso de Cultura Viva e Infância, promovido pelo Ponto de Cultura Arte na Praça (ACAP) durante o primeiro semestre de 2021, sob a coordenação de membros da ONG Fábrica de Imagens e com o apoio da Rede Cearense Cultura Viva, contou com a participação de professoras/es da Universidade Federal do Ceará, da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal de Alagoas, houve também momentos nos quais a facilitação foi por conta das/os integrantes da Fábrica. Durante os meses de fevereiro a maio, semanalmente aos sábados, houve encontros remotos através da plataforma *Google Meet*, trazendo à baila debates sobre a construção sócio-histórica do conceito de infância, perspectivas teóricas e políticas do Cultura Viva, as intersecções pelos marcadores de gênero, raça, classe, sexualidade e territórios tematizando a infância, o campo dos direitos das crianças, o Estatuto da Criança e do Adolescente e também experiências que articulam práticas culturais com direitos.

Já o Curso de Audiovisual e Direito com Crianças, um dos campos desta pesquisa, foi um espaço formativo que aconteceu também durante o primeiro semestre do ano de 2021 também de modo remoto via plataforma *Google Meet*, devido às medidas sanitárias para o combate da pandemia. Como o próprio título já diz, foi um curso voltado ao público infantil.

Teve a duração de 7 encontros. Durante os encontros foram apresentadas técnicas audiovisuais aliadas às discussões sobre o campo direitos da criança e do adolescente, bem como dos direitos humanos de uma forma mais abrangente. Além das rodas de conversa, também foram criadas atividades lúdicas a partir de brincadeiras, criação de desenhos, exposições de curtas e fotografias. Ao final do curso foi produzido um curta-metragem intitulado pelas participantes de “Carta sobre os Direitos das Crianças”.

Tanto através da biblioteca comunitária quanto da ONG Fábrica de Imagens, podemos compreender que suas atuações ultrapassam territórios físicos, e para dar conta desse fenômeno, buscamos ampliar a concepção de território entendido enquanto uma espacialidade geográfica e limitada. E nos interessando nas territorialidades, ou seja, nos “modos de circulação e de vida” (HÜNING; GOMES, 2019. p. 101) produzidos através dos encontros e afetações gerados a partir de experiências construídas através da inserção em atividades promovidas pela biblioteca ou na Fábrica.

Assim, esse estudo se interessa pela produção de sentidos e modos de vida que os encontros podem permitir (ALVAREZ; PASSOS, 2010), sabendo-se que partimos de territórios, mas também podemos gerar encontros para além destes. Sobretudo em tempos de modelo remoto, nos quais as plataformas virtuais foram utilizadas de modo massivo. Essa perspectiva também nos ajuda a compreender que há a possibilidade de habitar um território existencial e multilinear a partir da cartografia estando atenta às composições e modos de criar junto (*idem, ibid*), do que propriamente estar materialmente no território.

Também é importante demarcar que apesar dos territórios virtuais serem imprescindíveis para a realização da pesquisa, o território físico para as crianças permaneceu na mesma importância, pois o território não foi suspenso durante a pandemia, continuou fazendo parte da materialidade do seu dia a dia das crianças estarem em sua comunidade. Apesar disso, não podemos perder de vista que a pandemia impôs reorganizações ao lidar com esses espaços. Apesar das virtualidades impostas, para a manutenção das aulas, por exemplo, as crianças ainda continuavam transitando em suas ruas ou mesmo indo à biblioteca buscar livros ou conexão via Wi-fi.

2.3 Participantes do estudo: voando em bando em tempos de vida debandada

O encontro com as crianças que participam desse estudo se deu a partir de dois modos:

com a minha chegada, no início de 2020, à biblioteca comunitária Livro Livre Curió; e em 2021, através da composição do Curso Audiovisual e Direitos, produzido em parceria com a ONG Fábrica de Imagens. É importante ressaltar que tais vínculos, tanto com a biblioteca quanto com a Fábrica, já foram gestados em parcerias anteriores entre esses locais e o grupo VIESES/UFC, através dos projetos de extensão “Entretantos” e “Maquinarias: infâncias em reinvenção”. Facilitando a abertura desses espaços para uma boa receptividade enquanto pesquisadora.

Participaram deste estudo, assim, dois grupos de crianças que habitam diversas territorialidades urbanas periféricas. O termo “em bando” se justifica pelas experiências observadas em campo, quando possível, as crianças sempre estavam acompanhadas umas das outras, demarcando a experiência de estar em grupo e da cultura de pares. Com isso, há uma potência no que cada uma traz de singular sobre si e seus cotidianos, mas isso se amplia quando elas se experimentam a partir do grupo. Sobretudo pensando nessa potência de experimentação em tempos difíceis de distanciamento social durante a pandemia.

Apesar de muitas vezes o vínculo entre pesquisadora e criança ter sido atravessado pelos meios virtuais (via plataforma *Google Meet*, *Instagram*, *Whatsapp*), foi possível estabelecer um espaço confiável de compartilhamento de experiências e encontros, gerando o *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014). Permitindo a abertura necessária para momentos de partilhas co-construídos entre pesquisadora e interlocutoras ou mesmo entre as próprias interlocutoras. Compondo territórios existenciais a partir do cultivo da “disponibilidade à experiência” (ALVAREZ; PASSOS, 2010, p. 136) de ambas as partes, sem perder de vista os desafios gerados pelo encontro intergeracional.

Ao passo que nos colocamos em campo enquanto cartógrafas (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009), entendemos que realizar uma pesquisa que se proponha cartográfica é tomar os processos de transversalidade como uma diretriz metodológica para dar conta das experiências que se apresentam de modo multivetorializado, não perdendo de vista a relação entre inventividade e rigor metodológico (PASSOS, 2019). Entendendo que o lugar político que a criança ocupa nas discussões é distinto do lugar do adulto, não atribuindo assim hierarquias ou mesmo supervalorizando um discurso em detrimento do outro.

Apostamos numa potência inventiva que pudesse diminuir as distâncias apesar do modelo remoto. A forma como os dispositivos, que aproximava pesquisadora e participantes, foi manejado durante a pesquisa contribuiu para a rápida vinculação, compreendendo que tais

crianças faziam parte de grupos, mas sem perder de vista os processos de singularidade, ou seja, as variações dos modos de ser crianças (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014).

A maioria das atividades as quais as crianças contribuíram com suas narrativas, tomadas como cenas analisadoras neste estudo, ocorreram de modo público e aberto, seja via rede social *Instagram*, plataforma *Youtube* ou *Google Meet*. Apesar de haver o desejo de manter os nomes das crianças que participaram da pesquisa, optou-se pela troca dos nomes originais por fictícios. Ainda assim, há ciência das muitas discussões éticas que podem ser postas a fim de tensionar o campo da tutela e proteção, se a retirada dos nomes produz uma proteção às crianças ou demarcam silenciamentos. A opção pela retirada de nomes, ocorreu tendo em vista questões de proteção da imagem das crianças que foram nossas interlocutoras. Os nomes fictícios foram inspirados em pássaros da fauna brasileira, uma vez que nosso primeiro sobrevoos e pouso se deu com o bando da Livro Livre Curió, lá pudemos conversar com Rouxinol, Beija-flor-roxo, João-de-barro, Pica-pau-dourado, Andorinha, Bem-te-vi e Pardal. Tivemos a coragem de alçar novos voos em tempos debandados e fomos pousar na Fábrica de Imagens, inventamos lá de tecer um ninho de fios virtuais com um bando que, inicialmente não se conhecia e que formou um bonito grupo, assim conhecemos Talha-mar, Estrelinha-ametista, Gavião-miúdo, Abre-asas, Beija-flor-dourado, Topetinho-verde, Maria-faceira, Rolinha-roxa e Mãe-da-lua (mãe que participou do curso).

Tanto durante o acompanhamento das lives, quanto durante algumas inserções em campo na biblioteca, percebi que algumas crianças se colocavam em mais evidência do que outras. Muitas vezes por comparecerem com mais frequência à biblioteca ou no espaço da CasaAvoa. A maioria das crianças reside no bairro Curió. Já em relação às crianças participantes dos encontros propostos em parceria com a Fábrica de Imagens, algumas crianças apareceram no encontro com maior frequência que outras. Pertenciam a distintos territórios, mas tendo em comum serem periféricos, transitando entre Fortaleza e uma ocupação em Minas Gerais. Constatou-se assim, que apesar da diversidade territorial, durante as conversas foi percebido que muitas participantes habitavam territórios periferizados de suas cidades. Já em relação à raça, em sua maioria eram crianças negras.

Em relação às idades, as interlocutoras deste estudo possuíam entre 7 a 15 anos. É importante demarcar que apesar de haver uma lógica de estudos da Psicologia que demarcam os segmentos criança e adolescente de modo fragmentado, aqui foi adotado como critério a Convenção sobre os Direitos da Criança que considera “como criança todo ser humano com

menos de 18 anos de idade, salvo quando, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioria seja alcançada antes” (UNICEF, 2022, s/p).

Também é importante salientar, que para além das crianças, a intergeracionalidade se fez presente a todo momento, seja em campo, seja durante as conversas sobre a pesquisa. Estando assim também na composição do campo jovens pesquisadoras/es e extensionistas do projeto Maquinarias/Vieses/UFC, integrantes do grupo de pesquisa do Vieses que ajudaram a pensar nesse debate com as infâncias e integrantes da ONG Fábrica de Imagens.

2.4 Conectando-se às crianças pelas redes de criação e visibilidade em atividades culturais

Diante do cenário ocasionado pela pandemia, fez-se necessário buscar novos modos de estar juntas/os, traçando reinvenções para gerar aliançamentos (BUTLER, 2018) com as práticas culturais que promoviam a participação de crianças, ainda que em meio a um panorama de incertezas e distanciamentos. Assim, foram traçadas estratégias metodológicas que nos exigiram experienciar modos de habitar territorialidades muito distinto do que havíamos planejado anteriormente ou mesmo já estávamos acostumadas/os, provocando profundas desterritorializações e readaptações. Acompanhar processualidades de modo cartográfico (POZZANA; KASTRUP, 2009) se dá por essa aposta e abertura ao inesperado. Mas nos momentos nos quais foi oportuno compor o pesquisar utilizando o corpo, de modo presencial, também me fiz presente através de um caminhar compartilhado. Estar presente nos espaços físicos urbanos se fez presente enquanto estratégia metodológica (HUNING; GOMES, 2019). Tomando todos os cuidados tendo em vista o contexto sanitário gerado pela pandemia.

Para dar conta dos objetivos específicos desta pesquisa, buscamos acompanhar práticas culturais a partir das ferramentas metodológicas: observação-participante e grupos de discussão. Buscando adaptar tais ferramentas ao contexto atual de isolamento social gerado pela pandemia de COVID-19. Trazendo com essas ferramentas a possibilidade de “construir dispositivos que reconheçam a experiência do outro, que contribuam para a emergência de novas subjetividades” (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014, p. 68). Desse modo, houve acompanhamento das atividades, mas também momentos de coprodução junto às crianças participantes da pesquisa, isso se deu através das atividades na biblioteca comunitária Livro Livre Curió; e a partir da produção do Curso de Audiovisual e Direitos com crianças, ofertado

pela Fábrica de Imagens em parceria com o Vieses.

Também foi utilizado como ferramenta metodológica a escrita de diários de campo, pois tal dispositivo colabora na construção de dados para a pesquisa, uma vez que contribuiu para a tessitura de reflexões sobre os conhecimentos produzidos não somente durante o campo como também depois (BARROS; KASTRUP, 2010; SILVA, 2022). Esse texto dissertativo traz os trechos dos diários de campos, foram aprimorados e misturaram-se compondo as análises das cenas apresentadas, ora aparecem trechos em destaque.

2.4.1 Alçando novos voos com a biblioteca comunitária Livro Livre Curió

Figura 5 - Parede da entrada da CasAvoa



Fonte: Produzido pela própria autora.

Durante o período da pandemia, foi necessário habitar o campo da pesquisa através da

virtualidade promovida a partir de algumas redes sociais. Um fenômeno que despontou durante o período de isolamento foi a realização massiva de vídeos transmitidos em tempo real através do *Instagram*, esse dispositivo de comunicação é conhecido como *lives*, diferentemente das videochamadas mais privativas, as *lives* eram espaços abertos a quem tivesse interesse em acompanhar a transmissão. Segundo Pozzana (2016, p. 49):

O aprendizado e a transformação do pesquisador se fazem no acompanhamento dos efeitos das múltiplas práticas de pesquisa, práticas que dão acesso ao plano de onde emergem sujeitos, objeto, campo, pesquisador, pesquisados, questões, textos, desvios, mundos (POZZANA, 2016, p. 49).

E foi assistindo e interagindo durante a realização das *lives* que encontrei a oportunidade de me aproximar do espaço Clube de Leitura. A partir desses momentos virtuais fui construindo um mapeamento de algumas atividades promovidas pela própria biblioteca comunitária Livro Livre Curió e em parceria com o grupo de pesquisa VIESES/UFC, abaixo destaco algumas aproximações essenciais para que essa pesquisa fosse realizada.

2.4.1.1 Encontros do Clube de Leitura (via Instagram e presencial)

Tabela 1

Encontros do Clube de Leitura

Encontros virtuais (12 Lives)	Temáticas	Datas
1° encontro	Clube de Leitura: Histórias diversas (Livro O Pequeno Príncipe)	22/07/2020
2° encontro	Clube de Leitura: Histórias diversas	29/07/2020
3° encontro	Clube de Leitura: Histórias diversas	05/08/2020
4° encontro	Clube de Leitura: Histórias diversas (Livro A voz que lê pra mim)	12/08/2020
5° encontro	Clube de Leitura: Histórias diversas	19/08/2020
6° encontro	Clube de Leitura: Quadrinhos	26/08/2020
7° encontro	Clube de Leitura: Folclore	02/09/2020
8° Encontro	Clube de Leitura: Personalidades Mediação Adriano (Diretor escolar)	09/09/2020

9º Encontro	Clube de Leitura: Personalidades	16/09/2020
10º Encontro	Clube de Leitura: Histórias diversas Mediação Isabel Costa (Mediadora de leitura)	23/09/2020
11º Encontro	Clube de Leitura: Conversa entre bibliotecas comunitárias Mediação Rouxinol	30/09/2020
12º Encontro	Clube de Leitura: Histórias diversas	07/10/2020
Encontro presencial	Temática	Data
O 1º encontro presencial ¹⁴	Contação de história: “Mnemosine: porque a memória é feminina”	25/11/2020

Nota. Fonte: Produzido pela própria autora.

Ao todo foram acompanhados 12 encontros do Clube de Leitura no modelo remoto através da rede social *Instagram*. A duração dos encontros se deu aproximadamente entre 1 hora, durante no máximo 2 horas. Quando ultrapassava 1 hora era necessário interromper a transmissão e iniciar uma nova, pois o tempo máximo de uma live era de 60 minutos, depois ela encerrava-se automaticamente. O número de crianças que participavam dos encontros remotos variava entre 4 a 6 crianças por dia, dependendo da quantidade de crianças o tempo de participação era mais estendido ou mais curto. Algumas delas ocupavam os espaços da *live* com naturalidade, outras ainda se atrapalhavam um pouco ou ficavam nervosas e diziam que estavam tímidas.

Nas *lives*, além da participação das crianças e mediadoras/es, também houve a presença de um público que variava bastante, com o público em torno de 20 pessoas. Durante as apresentações das crianças, o público podia interagir através do espaço do chat, parabenizando quem fazia a leitura ou mesmo comentando se já conhecia determinado texto ou autor. Geralmente as/os responsáveis pelas crianças ou davam o suporte no momento da leitura ou comentavam no chat dizendo que estavam orgulhoso/a da participação de sua/seu filha/o. Também aproveitei esse espaço para ir construindo algum tipo de vinculação com as

¹⁴ Demarco esse sendo o “Meu primeiro encontro” porque as atividades na biblioteca já estavam tendo um retorno gradativo, assim como o Clube de Leitura. Então houve encontros do Clube de Leitura presencial no qual não pude acompanhar.

participantes, tanto ao assistir os momentos em tempo real, quanto comentar sobre a leitura realizada. Algumas crianças não tinham perfil na rede social *Instagram*, então entravam pela conta de um/a responsável legal.

2.4.1.2 Live “*Infâncias de Periferias em Tempos de Pandemia*”

O Grupo Vieses, a partir do projeto “Maquinarias: Infâncias em Invenção”, propôs uma parceria junto à biblioteca comunitária Livro Livre Curió, para conversarmos sobre demandas dos segmentos infantis em territórios periféricos tomando como ponto de partida os desafios gerados pela pandemia de Covid-19. O debate foi realizado a partir da plataforma do *Youtube*, aberto ao público, tendo em sua composição a professora do curso de Psicologia da UFC Érica Atem e pela mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Paula Autran, ambas integrantes do Vieses/Maquinarias. E contou com a participação do poeta, mediador de leituras e um dos idealizadores da biblioteca comunitária Livro Livre Curió, Talles Azigon. Ao longo da live, foram tecidas reflexões sobre quais demandas estavam chegando para elas/ele, uma vez que a professora Érica é coordenadora de um projeto de extensão em Nova Canudos (Bom Jardim), Paula Autran realizou sua pesquisa de mestrado na comunidade do Serviluz e Talles mora e é responsável por uma biblioteca na região do Curió, tais regiões fazem parte de territórios periféricos da cidade de Fortaleza. Ao final, algumas perguntas foram feitas por quem estava acompanhando aquele espaço. Fiquei, juntamente com Dalgo, responsável pela organização e transmissão da live. O debate continua disponível na plataforma.

2.4.1.3 *Participação no II Colorindo o Gênero (2020): Oficina “Cabeça, ombro, joelho e pé”*

O II Colorindo o Gênero opera enquanto um rizoma de um evento maior conhecido como VIII Curta o Gênero. São produzidos pela ONG Fábrica de Imagens de modo anual. Para contemplar crianças que já participavam do Curta o Gênero, em 2018, a Fábrica uniu-se ao projeto Maquinarias: infâncias em invenção (Vieses/UFC), criou-se o espaço infantojuvenil chamado “Colorindo o Gênero”. Com o isolamento social gerado pela pandemia de Covid 19, e conseqüentemente, o cancelamento de eventos que gerassem grandes aglomerações, as atividades foram repensadas para serem realizadas de modo remoto, através das plataformas

digitais tais como *Instagram*, *Google Meet* e *Youtube*.

As/os integrantes do projeto de extensão Maquinarias juntamente com a equipe da Fábrica, organizaram as oficinas que foram realizadas com crianças de diversos territórios entre Fortaleza e Sobral, durante os meses de novembro e dezembro de 2020. Cada integrante ficou responsável por entrar em contato com articuladoras/es locais de cada região, e a partir disso, chegar até às crianças para realizar o convite para que fizessem parte do evento. Como minha pesquisa já se desenvolvia na biblioteca Livro Livre Curió, fiquei responsável por fazer essa articulação junto a Talles e Dona Ritinha.

As oficinas foram separadas por territórios. No dia que a oficina ocorreu tendo a participação da Livro Livre, fui até o Curió para ajudar na organização da oficina. Apesar de ser a primeira vez que fui até a biblioteca de modo presencial, e das crianças não me conhecerem, todas me receberam muito bem. Algumas de início um pouco desconfiadas pela presença de uma pessoa que não conheciam.

A oficina ocorreu através de uma videochamada via *Google Meet*, realizada a partir do meu celular. O mote inicial para que as conversas e imaginações pudessem ser geradas foi: “Eu vi uma coisa que tinha cabeça, ombro, joelho e pé... o que vocês acham que é?”. Essa pergunta foi produzida a partir de algumas reuniões da organização do III Colorindo. A ideia inicial, de não dar gênero e nem especificar quem seria, foi justamente para que essa invenção pudesse partir das crianças. Com o auxílio de uma pessoa, que se colocou enquanto “corpo” para ir movimentando fisicamente a história, a narrativa foi sendo construída a partir do que as crianças traziam de como imaginavam esse protagonista. Ao todo participaram 6 (seis) crianças da biblioteca e 2 (duas) do Instituto Três Mares, localizado no bairro Titanzinho. Um dos desafios foi conseguir que os dois grupos de crianças interagissem entre si durante a videochamada, já que estava sendo realizada pelo celular.

Além da tela reduzida, havia a dificuldade gerada pelo áudio baixo do aparelho, até tentamos conectar a uma caixa de som, mas não tivemos sucesso. Apesar disso, houve um esforço das crianças da Livro Livre para se fazerem presentes durante a videochamada, por vários momentos o celular foi passando de mão em mão para que elas pudessem conversar com as demais pessoas presentes na atividade virtual. Ao final, foi percebido que apesar das limitações, conseguimos tecer uma conexão entre crianças do Titanzinho e do Curió.

2.4.1.4 Crianças leem o Saral#3

Com a implementação do distanciamento social como medida sanitária necessária para combater a pandemia de Covid-19, a biblioteca comunitária Livro Livre Curió se lançou nas redes sociais para dar continuidade às suas ações, gerando outros modos de visibilidade dos espaços promovidos pela mesma. Com isso, Dona Ritinha juntamente com algumas crianças produziram uma série de vídeos com leituras dos poemas do livro *Saral#3*, de autoria de Talles Azigon, também fundador da biblioteca. Essa obra além de trazer poemas conta com as ilustrações de Flávio Domingos. Essa iniciativa promoveu um clube de leitura não planejado, ampliando a divulgação e promoção da poesia de Talles, um artista da própria comunidade. Foram gravados 6 (seis) vídeos ao todo, cada um por uma criança diferente.

2.4.1.5 Sarau Livre Curió - Rede de Bibliotecas Populares - Projeto Sopa de Letrinhas: Alimentando a Mente

Esse foi um Sarau promovido pelo Projeto Rede de Bibliotecas Populares em Ação Projeto Sopa de Letrinhas: Alimentando a Mente, selecionado no edital prêmio fomento Cultura e Arte do Ceará, Lei Aldir Blanc Ceará. Realizado no dia 24 de julho de 2021, na CasAvoa, houve tanto a presença de público presencial (com número de pessoas reduzido, observando as normas sanitárias vigentes e com lugar agendado previamente) como também virtual, com transmissão ao vivo via *Instagram*. Várias/os artistas, poetas, MC's tiveram a oportunidade de mostrar seu trabalho através de apresentações no palco improvisado com tapete vermelho.

Durante o momento de apresentação no Sarau, duas das crianças que têm presença assídua no Clube de Leitura, se apresentaram realizando a leitura de poemas, alguns de autorias próprias. Outras crianças estiveram presentes, tanto no âmbito virtual quanto presencial, acompanhando esse evento. Em determinado momento, uma das artistas leu seu poema e chamou crianças e mulheres para comporem sua performance. Tomamos esse espaço, como um dos acontecimentos que permeiam as margens urbanas e que podem ser entendidos enquanto uma prática de resistência na qual as crianças, jovens, adultos e idosos puderam compartilhar poemas, músicas, histórias de vida, fazendo um caldo intergeracional.

2.4.1.6 “As crianças já não são mais crianças”: composição das rodas de conversas “Ó Uz Papos”

A proposta para que esse momento fosse criado surgiu de Talles, um dos idealizadores da biblioteca. Dalgo e eu era quem de nosso grupo de pesquisa acompanhava as atividades promovidas pela Livro Livre de um modo mais direto, então o convite para somar nesse espaço através da organização se estendeu a nós. Marcamos algumas reuniões virtuais para compreendermos não somente a demanda que Talles trazia, mas também para tentar alcançar em alguma medida, as demandas que ele percebia que eram das crianças e adolescentes.

Iniciado durante o mês de maio de 2021 de modo presencial, esse espaço foi pensado pois, segundo Talles algumas das “crianças já não eram mais crianças”, pontuando isso para demarcar que o espaço já existente do Clube de Leitura não dava conta das questões que as crianças (sobretudo as que estavam em transição para o período da adolescência) estavam trazendo durante as conversas cotidianas no espaço da biblioteca e CasAvoa. Apontando para demandas no debate sobre sexualidade, gênero, raça, drogas e outros. Então pensamos em algumas temáticas para compormos rodas de conversa com o intuito de coletivizar o debate de questões que chegavam até ele através de uma ou outra criança ou adolescente.

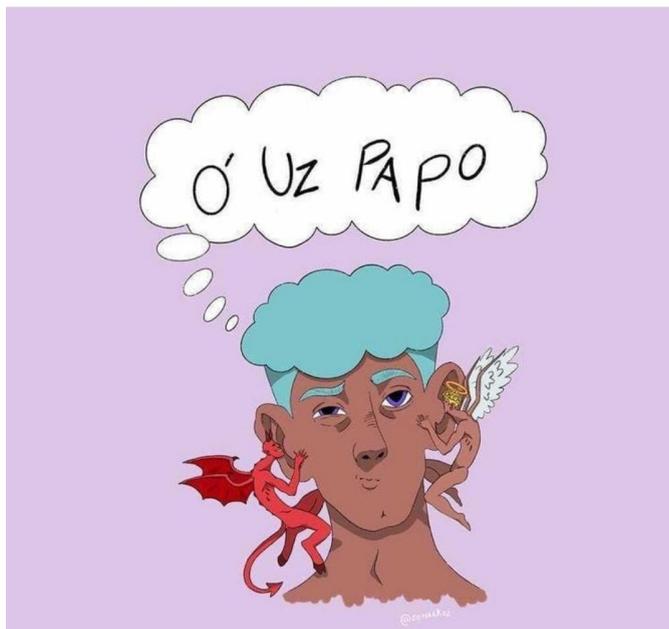
Essas rodas de conversa aconteceram durante alguns momentos de modo mais frequente, funcionando quinzenalmente. Acompanhei alguns encontros, mas após um certo tempo a frequência das conversas foi diminuindo. Por ser uma aposta em uma nova atividade realizada para as crianças do Clube de Leitura, se deu como um espaço experimental importante da biblioteca voltado para conversar sobre temas que o Clube já não contemplava mais.

Figura 6 - Imagem de divulgação das rodas de conversa “Ó Uz Papo”



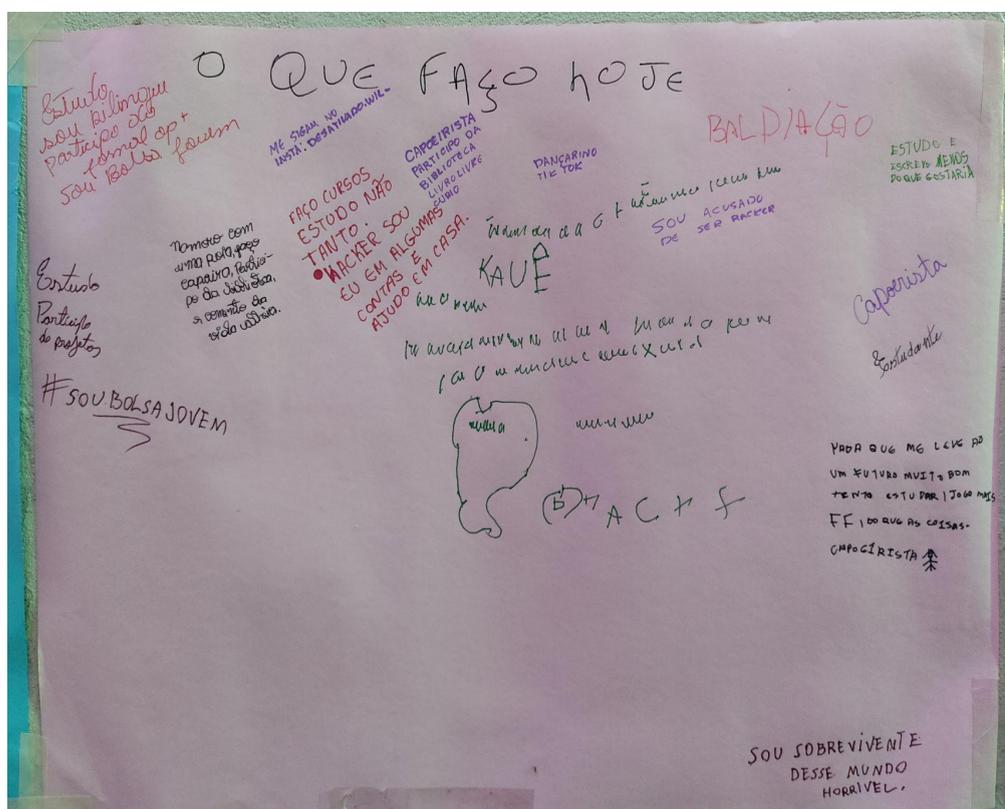
livrolivrecurio
Livro Livre Curió - Biblioteca

Seguindo



Fonte: Arte produzida por Marcos Rocha (@somarkov) para a divulgação nas redes sociais das rodas de conversa do “Ó uz papo”.

Figura 7 - Oficina realizada presencialmente sobre “Futuro”



Fonte: Registro realizado pela própria pesquisadora durante a facilitação da oficina.

2.4.2 “Luz, câmera, ação”: atividades produzidas junto à Fábrica de Imagens

Durante a realização desta pesquisa foram me fiz presente nas seguintes atividades promovidas pela ONG Fábrica de Imagens e em parceria:

2.4.2.1 Curso de Audiovisual e Direitos com Crianças

Do período de março a junho de 2021 foram desenvolvidas oficinas com crianças que se inscreveram no Curso de Audiovisual e Direitos com Crianças. O intuito desse espaço, foi propiciar às participantes discussões que atravessassem tanto o campo dos direitos humanos, quanto a aprendizagem de técnicas audiovisuais. Buscando enquanto horizonte traçar a potência de um mundo (com)partilhado (KASTRUP; PASSOS, 2016) ainda que em contexto virtual. Desde a inscrição, o curso já foi um desafio para quem estava na organização, por isso houve dois momentos no qual ela ocorreu. Inicialmente buscamos fazer o convite às crianças através das/os articuladoras/es locais que fizeram parcerias anteriores com a Fábrica ou o Grupo VIESES. Posteriormente, dada a pouca demanda¹⁵, optamos por abrir as inscrições através de um formulário *online* com ampla divulgação nas redes sociais *Instagram* e no *site* da Fábrica.

Figura 8 - Banner do Curso Audiovisual e Direitos com Crianças



Fonte: Site da Fábrica de Imagens ações educativas em cidadania e gênero.

¹⁵ Compreendemos que por nosso público alvo ser crianças que moravam em territórios periféricos da cidade, essa baixa demanda pela procura, diz respeito à falta de acesso à aparelhos celulares, notebooks, uma boa conexão de internet e outros aspectos que impediram que chegássemos até elas. Até por experiência própria, sabemos que se pudéssemos ter ido até as comunidades, a realidade seria bastante diferente, pois as crianças, durante minhas inserções em campo através de outras experiências, se fazem constantes nas atividades.

Para que este curso fosse realizado, foi necessário pensar algumas adaptações metodológicas tendo-se em vista o contexto de isolamento social gerado pela pandemia. Planejar e realizar atividades com crianças presencialmente já é um desafio, e isso se multiplica em relação ao contexto remoto. A facilitação dos encontros contou com Camila (pesquisadora), Andrezza e Willame, ambos pertencentes à equipe da Fábrica. A construção desse curso foi pensada de modo cartográfico, permitindo assim que a cada encontro as propostas das rodas de conversas e oficinas pudessem dialogar com a realidade que as participantes traziam. Além disso, experimentamos durante os encontros a tecitura, por várias mãos, de um dispositivo grupal criado apesar de todo isolamento social.

Estiveram presentes durante os encontros aproximadamente 15 crianças, alternando a constância em sua frequência, isso se deu por diversos fatores. A falta de acesso a aparelhos eletrônicos, sobretudo celulares, se colocou como um dos aspectos para a ausência de algumas crianças durante alguns encontros. Muitas acessaram a plataforma através do celular de sua/seu responsável, assim como também faziam para assistirem aulas remotas. Apesar da distância ser um fator que poderia gerar o enfraquecimento dos laços que estávamos tentando construir com as crianças, o grupo do Whatsapp chamado “Audiovisual e Direitos”. Ele surgiu enquanto um mitigador desse isolamento e distanciamento gerado pela pandemia. No grupo as interações alternaram entre ser puxada por falcitador/as ou mesmo advindo das próprias crianças seja compartilhando uma das atividades solicitadas ou alguma outra produção como desenhos, fotos e vídeos.

O plano da experiência (PASSOS; BARROS, 2009) nos foi tensionando para que organizássemos um formato de curso que pudesse acolher todas as participantes, tendo em vista as dificuldades que nos eram apresentadas, tornando-se acessível à realidade das crianças. Então, além dos momentos síncronos, disponibilizamos vídeos e áudios relatando como havia sido o encontro e explicando sobre a atividade proposta do dia, assim nenhum/a participante seria impedido/a de acompanhar o curso, tornando aquele espaço um campo de negociações coletivas. Conhecer as experiências e vivências de cada criança, além de criar um espaço que gerasse um *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014) possibilitou a quem estava facilitando o curso pensar numa aposta em criar mundos partilhados (KASTRUP; PASSOS, 2016) que fizessem sentido de acordo com a realidade na qual as crianças estivessem inseridas. Além disso, além de fazermos a proposição das atividades, também fazíamos a realização das mesmas, compartilhando vídeos nossos com as

participantes. E ao fazer os vídeos pedimos dicas às crianças, exercitando, como nos apresenta Glória Diógenes, o lugar de desmanchamento de barreiras (LAJUSUFC, 2021) entre quem ensina e é ensinado.

Conforme havíamos conversado desde o início com as crianças, ao final do curso, unimos todas produções audiovisuais realizadas ao longo dos encontros num “produto final”. Este foi a confecção de um curta-metragem produzido de modo coletivo e narrado junto às crianças. Como pensamos em toda a construção do curso de modo horizontal, esse produto não poderia ser diferente, assim desde as imagens, vídeos e textos ao título foi pensado por todas participantes. Uma aposta na aprendizagem inventiva como guia para a criação de problemas que se construam de modo coletivo (KASTRUP, 2001), compondo com as crianças, do início ao fim do curso, uma maquinaria de conhecimentos.

Em relação à duração do curso, havíamos planejado que seriam apenas 6 encontros. Porém sentimos que seria importante adicionar mais um encontro para o encerramento, totalizando 7 encontros. Respeitando assim, os fluxos e desafios de um percurso que estava sendo construído em um momento histórico tão desafiador e que nos impulsionou a diversas adaptações. Os encontros variavam entre 1h10min a 1h40min. Além dos encontros para produzir as oficinas junto às participantes, semanalmente a equipe de facilitação do curso reunia-se para a avaliação do encontro passado e planejamento de atividades para o encontro posterior, em todas as semanas nas quais o grupo ocorreu.

Segue abaixo a tabela que apresenta o número de encontros, atividades realizadas e as datas nas quais os encontros ocorreram:

Tabela 2

Encontros do Curso de Audiovisual e Direitos com Crianças

Encontros	Atividades	Datas
1°	Apresentação: Tecendo novas conexões “Nome, lugar e pergunta livre” Proposta audiovisual: “Introdução a técnicas iniciais a partir de fotografias Pactuação para criarmos um grupo no <i>Whatsapp</i>	17/04/2021
2°	Nova rodada de apresentação Brincadeira “Que personagem você se identifica?” Proposta audiovisual: Oficina para a gravação de ambientes internos: “Minuto Lumière”	24/04/2021

3°	Roda de conversa: Trabalhando com as diferenças a partir do curta-metragem “Amarela” Proposta audiovisual: Oficina “Fotografias Narradas”: Montagem de um curta-metragem em casa	01/05/2021
4°	Roda de conversa: O que significa “ser criança”? Apresentação dos vídeos: “Território do brincar: um encontro com a criança brasileira” e “A corda acorda” Proposta audiovisual: Oficina “Fotografias Narradas”: modos de ser criança	08/05/2021
5°	Bingo dos direitos Proposta audiovisual: Oficina “História dos objetos”: uma conversa sobre direitos	15/05/2021
6°	Brincadeira Jogo da Força Proposta audiovisual: Oficina “Haikai dos direitos”	22/05/2021
7°	Oficina: Montagem da “Carta sobre os Direitos das Crianças” Encerramento do curso Planejamento para a estreia do produto final	29/05/2021

Nota. Fonte: Produzido pela própria autora.

2.4.2.2 Curadoria dos curtas-metragens da IX Mostra Internacional Audiovisual no IX Curta o Gênero

A curadoria para a realização das duas sessões da IX Mostra Internacional Audiovisual, programação que compõe a edição do IX Curta o Gênero (2021), foi incorporada às atividades do III Colorindo o Gênero. Desse modo, o convite para integrar esse espaço foi feito às participantes do curso de Audiovisual e Direitos com Crianças. Assim a comissão de curadoria contou com a presença delas, membros da ONG Fábrica de Imagens e com integrantes do projeto de extensão Maquinarias: infâncias em invenção.

Pensamos em convidá-las, uma vez que durante o curso foi criado um vínculo de confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014) e também por já haver conhecimentos prévios sobre técnicas audiovisuais que as ajudariam no processo de seleção e avaliação dos curtas. Essa participação contribuiu para que as crianças estivessem de modo ativo na construção do III Colorindo e da IX Mostra.

Como havia uma diversidade de curtas e nosso tempo de reunião com as crianças teria

a duração de, no máximo, 1h30min, fizemos uma pré-seleção dos curtas recebidos pela Fábrica para a Mostra. Os vídeos foram avaliados tendo-se em vista o critério idade¹⁶ e duração de tempo, uma vez que precisaria se encaixar no tempo das duas sessões, cada uma com 40 minutos. Após essa pré-seleção, tivemos um encontro, no sábado (19 de julho de 2021), com as crianças para fazermos a seleção final que estaria na Mostra. Tendo em vista algumas modificações no cronograma, a equipe da Fábrica nos informou que o tempo da sessão havia sido estendido para 50 min, e assim foi incluído curtas que as crianças haviam gostado, mas que não cabiam dentro do tempo da sessão inicial. E também foi inserido dentro da programação do III Colorindo o nosso curta, produzido pelas crianças durante o Curso de Audiovisual e Direitos, chamado “Carta sobre os Direitos das Crianças”.

Participei da curadoria enquanto integrante da Organização do III Colorindo o Gênero, juntamente com Eliandra Estevam, Vitor Batista, a professora Érica Atem, que integram o projeto Maquinarias, e Flávio Gabriel e Andrezza Queiroz, que além de pertencerem ao Maquinarias também faziam parte da equipe da Fábrica de Imagens. Junto a essa organização estavam seis crianças: Estrelinha-ametista, Topetinho-verde, Maria-faceira, Gavião-miúdo, Abre-asas, Beija-flor-dourado e Mãe-da-lua (mãe de um dos participantes).

2.4.2.3 Estreia do curta-metragem “Carta sobre os Direitos das Crianças”

A estreia do curta produzido como produto final do Curso Audiovisual e Direitos com Crianças foi realizada no dia 20 de junho de 2021. O encontro foi via plataforma *Google Meet*, estavam presentes Camila (eu), Andrezza, Willame, Marcos e Christiane (coordenação da Fábrica), Mãe-da-lua (mãe de Gavião-miúdo), Gavião-miúdo, Abre-Asas, Beija-flor-dourado e Maria-faceira para assistirmos coletivamente a estreia do curta “Carta sobre o Direito das Crianças”. A transmissão foi realizada de modo público, na plataforma *Youtube*. Durante a apresentação do vídeo ficamos acompanhando as reações das crianças pelo chat, Gavião-miúdo escreveu: “Que lindo (colocou dois emojis com carinho apaixonada)”, Beija-flor-dourado escreveu: “Tá perfeito (colocou emojis com carinho emocionada), Maria-faceira escreveu “É mesmo o filme ficou perfeito”. Para além de um

¹⁶ Como foram submetidos à avaliação diversos curtas, nós da equipe Maquinarias e da Fábrica de Imagens fizemos uma seleção prévia das produções que tivessem classificação indicativa livre e que fossem recomendados para a idade das crianças.

produto final, o curta produzido pelas crianças gerou visibilidade às questões importantes para elas, apresentou aquilo que almejam para o futuro numa composição coletiva e a partir de uma pluralidade de vozes. A carta é um pedido para um futuro que haja saneamento básico, direito à moradia, vacina e uma teia de direitos que elas perceberam serem negados em seus cotidianos.

2.4.2.4 Participando do III Colorindo o Gênero

A programação do III Colorindo o Gênero foi organizada do seguinte modo: dois dias com contação de histórias e dois dias com apresentação de sessões com curtas-metragens (que foram escolhidos pelas crianças que participaram do processo de curadoria). Essa movimentação ocorreu de modo remoto. Durante a contação de histórias tivemos a presença da escritora, artista visual e professora Luciana Nabuco com as histórias “Orikis” e “Okan”, a última refere-se a narrativa de livro o qual ela escreveu e ilustrou. No segundo dia, contamos com a presença de Mário Maciel, designer gráfico integrante da ONG Fábrica de Imagens, que trouxe uma história de autoria e ilustração sua, chamada “Miro”. As sessões também foram também distribuídas em dois dias, na primeira sessão foram apresentados os seguintes curtas: Para Todes, A princesa no espelho, Só mais um dia, Ciclos da vida e Baile. Já na segunda sessão: Pedra Queima, Nós, Roberto, Carta sobre os direitos das crianças e 5 fitas.

Durante esse Colorindo, apesar de ter feito o convite às crianças da Livro Livre, tanto através de Dona Ritinha, uma grande articuladora local da biblioteca, como chamando individualmente algumas crianças via rede social, mandando o link dos encontros, elas não compareceram em nenhum dos dias. Algumas responderam dizendo que compareceriam, mas não ocorreu. Já a maioria das crianças do Curso de Audiovisual estiveram presentes todos os dias, algumas participando através de falas compartilhadas no grupo e outras apenas assistindo e escrevendo no chat. Também estiveram presentes crianças que fazem parte do projeto Maquinarias, crianças que souberam do evento através de alguma pessoa conhecida ou divulgação da Fábrica.

2.4.2.5 IX Mostra Internacional Audiovisual (Sessão Colorindo o Gênero)

Ainda contando como programação do III Colorindo, houve duas *lives* nas quais

algumas crianças que participaram da curadoria tiveram a possibilidade de conversar numa *live*, via plataforma *Youtube*, com produtora(es) dos curtas-metragens selecionados. Isso se deu em dois momentos, nos dias 22 e 29 de agosto de 2021.

3 ENTRE A BIBLIOTECA E A FÁBRICA: ARTESANIAS (IM)POSSÍVEIS COM AS CRIANÇAS EM TEMPOS-ESPAÇOS REMOTOS

Alinhado ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, este capítulo tem por proposta mapear que modos de participação de crianças são agenciados através das atividades do Clube de Leitura e do Curso de Audiovisual, tendo em vista os desafios gerados pelo contexto da pandemia de Covid-19. Num primeiro momento, colocamos em análise como as crianças participam das atividades propostas pela Biblioteca Livro Livre Curió, tomando, inicialmente, como interlocutores os segmentos infantis, mas também trazendo para a discussão aspectos levantados por Talles, Dona Ritinha e outras/os articuladoras/es que participaram das ações no espaço do Clube de Leitura. Já num segundo momento, refletimos sobre a participação das crianças nas atividades realizadas durante a realização do Curso de Audiovisual, promovido em parceria com a Fábrica de Imagens, que teve a mediação de Camila (pesquisadora), Andrezza e Willame. Ressoando como tais participações podem ou não gerar rompimentos e tensionamentos em processos de invisibilidades e exclusões.

Este capítulo se divide em dois subtópicos cujo primeiro tem por título “3.1 Das políticas de precarizações em tempos de pandemia às práticas de resistências com infâncias na biblioteca comunitária Livro Livre Curió”, que traz de um modo mais sistematizado as atividades propostas por integrantes da biblioteca às crianças. Já o segundo subtópico, “3.2 Transversalizando o debate sobre direitos humanos com crianças”, organiza de um modo mais sistemático as atividades propostas às crianças que integraram o Curso de Audiovisual e Direito com Crianças. Além disso, este capítulo traz um mapeamento de atividades e se apresenta de modo descritivo, mas também trazendo em sua tessitura reflexões teóricas, pondo em análise como as crianças estiveram na composição das atividades que foram propostas e como se deu essa caldo intergeracional entre crianças e adultos, tendo em vista o momento atual da pandemia.

3.1 Das políticas de precarizações em tempos de pandemia às práticas de re-existências com infâncias na Livro Livre Curió

“Se as pernas não andam, é preciso ter asas para voar”, abro esse capítulo com Conceição Evaristo, que nos presenteia sabiamente com este conselho através de sua

personagem Duzu¹⁷. E foi nas asas do Curió, que agora alçava voos a partir das redes sociais, que Dona Ritinha, uma leitora assídua e apaixonada por Conceição, e Talles, deram continuidade aos encontros do Clube de Leitura da biblioteca através de *lives*, em seu perfil @livrolivrecurio via *Instagram*. Anterior à pandemia, o Clube acontecia semanalmente no espaço da CasAvoa, assim como muitas outras atividades promovidas pela biblioteca. Com a impossibilidade da composição com presenças físicas, devido ao isolamento social, as interações com as crianças participantes do Clube de Leitura aconteceram predominantemente no formato virtual. Ainda sobre os desafios impostos pela pandemia, durante o 8º encontro¹⁸ Dona Ritinha ressaltou a importância das bibliotecas se manterem ativas: “Todo dia gente pega livro aqui, mesmo agora com essa pandemia tão pegando, e eu não fecho a minha porta de maneira nenhuma, porque eu quero que as pessoas sejam mais, tenham conhecimento”.

Talles, durante o lançamento da Zine Livre, material produzido pelas crianças, refletiu sobre o primeiro ano da pandemia (2020), e como a biblioteca precisou se refazer durante esse período: “a biblioteca funcionou o ano inteiro. No período da pandemia, nós nos dedicamos a ações de apoio às famílias das crianças e adolescentes que participam da biblioteca e também muitas e muitos de vocês colaboraram mandando doações, preocupados e preocupadas com as questões daqui da comunidade”.

Além de trabalharem para a democratização das práticas e espaços de leitura, esses espaços também afetam sócio historicamente o bairro e a cidade (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011), pois para além da promoção de cultura e lazer dentro da comunidade, durante a pandemia esses espaços pautaram melhorias que foram de encontro às operações de precarização de vidas (BUTLER, 2015), criando campanhas para a arrecadação e doação de alimentos, produtos de higiene e outros. Além das questões sanitárias, com o aumento das vulnerabilidades, foi necessário ter bastante jogo de cintura para formar parcerias para que muitas bibliotecas comunitárias não fossem fechadas. A partir de uma matéria do Jornal Diário do Nordeste, Talles situou a condição dos bairros periféricos da cidade de Fortaleza:

Além disso, dialogamos para que as pessoas seguissem as medidas sanitárias recomendadas. A pandemia nas comunidades foi muito diferente nos bairros de pessoas com mais recursos. Aqui, existem **muitas variantes entre a fome e a morte, o vírus e a falta histórica e estrutural de informação e conhecimento.**

¹⁷ Uma das personagens presentes no livro Olhos d’água de Conceição Evaristo, a partir do conto “Duzu Querença”. Apesar de uma vida repleta de violações e violências, Duzu teimava em existir e reinventar seu cotidiano.

¹⁸ Ver tabela na Metodologia.

(BARBOSA, 2020, s/p, grifo do autor).

Apesar das crianças aparecerem nas imagens desta matéria, não aparecem falas delas que relataram como foram os acessos e/ou não acessos aos serviços das bibliotecas, ou mesmo trazem narrativas sobre os desafios enfrentados pelas crianças durante a pandemia. Trago essa matéria porque além de falar sobre as condições das periferias, situando o momento da pandemia, ela ilustra como silenciamentos podem ser (re)produzidos, ainda que estas não sejam as intenções. Para romper com as invisibilizações não basta que as imagens de crianças estampem os jornais de grande circulação, é necessário que seu ponto de vista também seja visibilizado e escutado.

Apesar das crianças não poderem permanecer na biblioteca, a realidade é que muitas crianças e demais moradoras/es habitaram as ruas próximas para ter acesso ao *Wi-fi* da CasAvoa, espaço alugado anexo à biblioteca. Entendendo a necessidade do bairro, quando foi possível, esse espaço foi suporte para que crianças e adolescentes pudessem acompanhar as aulas remotas, fornecendo tanto internet como materiais de consulta, enquanto as escolas ainda estavam fechadas. Desse modo, essa e outras bibliotecas comunitárias têm se apresentado como locais para além daqueles em que se emprestam livros, sendo espaços de produtores de cultura e lazer (ALVES, 2020) que dão assistência à comunidade. A presença desse espaço surge como potência (re)inventiva operando como máquina de guerra (DELEUZE; GUATTARI, 2013) às lógicas postas pela ausência de políticas públicas de qualidade.

Durante a *live* “Infâncias de Periferias em Tempos de Pandemia”, Talles comentou que apesar de um orçamento limitado e dependendo de doações, as bibliotecas de iniciativa popular tiveram uma contribuição muito significativa em suas comunidades e bairros durante o período da pandemia. Foi compreendendo a necessidade de uma maior articulação entre as bibliotecas comunitárias, que diversas bibliotecas de Fortaleza e do país criaram campanhas necessárias para pautarem a construção de políticas públicas que fossem voltadas para as bibliotecas comunitárias, uma vez que tais espaços não recebem verbas públicas que as auxiliem com as despesas de manutenção, a não ser quando concorrem a editais públicos. Foi assim que surgiu, em Fortaleza, o movimento @bibliotecanazaria para a inclusão de bibliotecas de iniciativa popular no Plano Plurianual de Fortaleza (PPA), que vai de 2022 a 2025. Apesar de cada biblioteca ter suas peculiaridades, esse movimento surgiu para que se

aliançassem produzindo um comum (REVEL, 2009), que é a busca por garantir acesso às práticas culturais, a quem, inicialmente, não teria.

Elas utilizaram seu alcance nas redes virtuais gerando mobilizações sociais, organizando campanhas para a arrecadação e distribuição de alimentos, produtos de higiene pessoal, materiais escolares para moradoras(es) de seu bairro. Talles, ainda traz durante a *live* o relato de como a pandemia chegou em seu bairro e as mobilizações da biblioteca:

Existe esse isolamento? Essa é a primeira questão. Muito diferente o isolamento da Praia de Iracema para o do Curió [...] “maioria das casas não têm internet, um dos espaços onde os jovens e as crianças acessam a internet é na biblioteca [...] é o único lugar onde elas têm internet.

Em alguns momento a gente gosta, de um certo modo, romantizar a capacidade que a gente da periferia tem de conseguir resolver os problemas [...] como se fosse natural a gente ter pouco [...] eu escuto muito isso ‘eles dão um jeito’, mas se você não tem as condições básicas, como você vai desenhar sem ter o lápis? Como você vai estudar, escrever se não tem celular, se sua mãe não tem celular ou se tem 10 pessoas em casa para usar um celular”. **“Essa cesta básica tem que ter muitas outras coisas, não é só arroz, feijão e macarrão que é básico, e o lápis e o papel?”.** (DIÁRIO DE CAMPO EM 14 DE MAIO DE 2020, GRIFO DA AUTORA)

Ainda tendo em vista o cenário de instabilidade e acirramento de vulnerabilizações gerados pela crise política e sanitária que a má gestão da pandemia de Covid-19 gerou, 12 bibliotecas comunitárias da cidade de Fortaleza (Biblioteca Viva, Biblioteca Adianto, Okupação, Livro Livre Curió, Filó, Cia. Bate Palmas, Papoco de ideias, Quintal Cultural, Coisa de Preto, Viva a Palavra, MEDIATECA, Periferia que Lê) se reuniram e criaram o movimento @bibliotecanazaria para pressionar por políticas públicas que garantissem assistência financeira para a manutenção desses espaços populares. Na página do Instagram "Orçamento na Luta" (@orcamentonaluta), objetivando fortalecer a movimentação nas redes sociais da campanha Biblioteca Urgente @bibliotecanazaria, foram compartilhados alguns cálculos comparativos pensando na segurança pública e nas bibliotecas. Com esse estudo, avaliam-se os valores investidos pela prefeitura de Fortaleza em segurança pública e publicidade. Um deles apresenta que para construir as torres de segurança no ano de 2020, foram gastos o equivalente a R\$ 4,9 milhões de reais, e que com essa quantia seria possível manter as 12 bibliotecas comunitárias de iniciativas populares por um período de 7 anos e implementar mais 82 bibliotecas comunitárias novas.

A construção das torres de segurança faz parte de um projeto político para militarizar cada vez mais a cidade de Fortaleza, sobretudo as periferias (Costa, 2018; Costa & Barros,

2019), a partir das Células de Proteção Comunitária (CPC), que compõem o Plano Municipal de Proteção Urbana - PMPU. Esse é um projeto da prefeitura em resposta às altas letalidades de homicídios de alguns bairros da cidade. Além de fazer monitoramento eletrônico das ruas, essas células contam com equipes com armas de alta tecnologia. Com isso, percebemos que as ações dos gestores públicos se concentram, prioritariamente, em militarizar cada vez mais as periferias em detrimento dos investimentos em práticas culturais de iniciativas comunitárias.

Mediante esse cenário, precisamos compreender não somente a existência das bibliotecas, como também a prática da leitura nos contextos periféricos como marcas de processos de re-existência às precarizações e violações que moradoras/es são cotidianamente submetidas/os. Nesse cenário, o engajamento de crianças no Clube de Leitura organizado pela Livro Livre, aponta para rompimentos aos processos de invisibilidades e exclusões. Adriano, diretor de uma das escolas da comunidade do Curió, ao participar como mediador em um dos momentos do Clube de Leitura, pontua: “Eu acredito que vocês vão além do que a escola vai. Vocês conseguem até atingir uma deficiência da própria escola. Desse desejo das crianças terem acesso à literatura. Tanto com o jornalzinho¹⁹, como o próprio espaço”. Conta, também durante esse Clube, sobre o histórico de violações sofrido por moradoras/es do bairro e suas implicações no cotidiano da dinâmica escolar: “Já estou há 7 anos na escola, durante este período já enfrentamos diversas dificuldades. Apesar de que nesses 7 anos a gente também vivenciou momentos muito difíceis, como foi a Chacina, mas a escola chegou junto, a escola esteve presente com as famílias, que na verdade não foram só as famílias que sofreram, a comunidade sofreu com aquilo que aconteceu, foi algo que marcou”. Cavalcante (2021) pontua a importância de uma rede de apoio psicossocial, na qual, as escolas, em articulação com movimentos sociais e comunitários, podem forjar práticas de enfrentamento à dinâmica de violência armada na qual as territorialidades escolares de periferias de Fortaleza estão cotidianamente imersas. Nesse sentido, o diretor pontuou sobre o suporte escolar e comunitário que contribuiu, segundo ele, para a transformação do “luto em luta para que o Curió se torne uma comunidade cada vez melhor”.

A fluidez das temáticas do Clube de Leitura proporcionou um amplo campo de debate para as crianças que participaram desse espaço, havendo conversas sobre “Personalidades”, “Quadrinhos”, “Folclore”, “Literatura Marginal” e outros. Os textos literários compartilhados ao longo dos encontros forjaram também um espaço de vínculo entre crianças e biblioteca, o

¹⁹ Folha Curió.

que podemos compreender como uma redução de danos dos impactos gerados pelo isolamento social. O espaço do Clube de Leitura funcionou como uma ponte afetivo-literária entre as participantes (crianças e mediadoras/es) e telespectadores, podendo ser entendido como uma tecnologia leve de cuidado compartilhado (Menezes et al, 2020).

“Agora é a vez da Bem-te-vi”. Vamos começar com uma criança da biblioteca Livro Livre! Elas são livres, as crianças, por isso o tema, né, Biblioteca Livro Livre [...] a gente deve voar nos nossos pensamentos!”. Bem-te-vi, fez a leitura de “O mundinho”. “Leia no seu tempo, sem agoniação”, disse a mediadora para a menina. A mãe da menina apareceu durante a leitura ao seu lado, com uma cara que apresentava satisfação e ao mesmo tempo atenta à leitura. Bem-te-vi não conseguiu se manter na live por conta da conexão, Ritinha explicou: “Gente, vocês sabem que tem internet na nossa comunidade que ela não é boa, então é muito ruim, às vezes tem delas que são pegadas de outras casas”. Mas a menina conseguiu retornar para concluir a leitura. A mediadora então pediu para que Bem-te-vi comentasse o que havia compreendido da leitura. “Eu entendi que o mundinho era muito feliz e tinha vários animais lá, só que aí quando o homem chegou e foram chegando mais homens, então eles começaram a fazer várias coisas que eles achavam que fazia bem para o mundinho. Só que não, o mundinho foi ficando cada vez mais triste”. A mudança veio quando os homens conversaram com o mundinho. Segundo os ensinamentos de Paulo Freire “(...) aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (1996, p. 28). O lúdico mistura-se à realidade para falar sobre questões ambientais numa linguagem acessível, isso chega tanto na criança que lê quanto para as demais que estão assistindo a *live*.

Mas é importante se colocar em atenção a algumas posições geracionais percebidas durante a produção das *lives*, como por exemplo, a figura da pessoa adulta enquanto a que media e organiza o momento ocorrendo com certa frequência, tendo a criança o aval em alguns momentos para ocupar essa função. Apontando para um certo conjunto de condições para que a participação da criança enquanto mediadora possa acontecer (se a pessoa responsável pela biblioteca permite, se o responsável pela criança também permite).

Durante algumas lives também foi percebida a interação entre pares, pois mais de uma criança ocupava o mesmo espaço físico e com isso surgiam algumas brincadeiras ou desentendimentos que estavam fora do roteiro de apresentação. Como no dia no qual uma das

crianças ficou segurando uma tela de fundo (uma peça de tatame de borracha), para esconder o que aparecia como plano de fundo real. Só que depois ela ficou movimentando a peça e se mostrando também, vendo isso a criança que estava se apresentando a repreendeu da brincadeira, dizendo para que ela parasse e que ela “estava querendo aparecer”.

Além disso, esse espaço do Clube de leitura se reinventa conforme os encontros vão acontecendo. Para além da prática da contação de histórias, por exemplo, após o período de vacinação e mínimo controle da pandemia, as/os participantes puderam se encontrar e fazer brincadeiras, assistir filmes e comemorar festividades como o São João. Fazer tais reconfigurações mostra que os tensionamentos gerados pelas crianças para que esse espaço se torne mais amplo e mais diversos.

Esse espaço pode ser compreendido enquanto um dispositivo grupal (BARROS, 2007) produtor de agenciamentos entre pares e intergeracionais que atravessam os processos de subjetivação das crianças e adultos que participam desse momento. Seja através das experimentações e trocas de experiências que se dão desde a leitura quanto às reverberações produzidas pelo texto em análise durante o Clube. Tais encontros permitem que as participantes possam pensar sobre sua realidade ao entrar em contato com textos que denunciam as desigualdades sociais, questões ambientais racismo, machismos, homofobias e outras temáticas. Isso nos remete aos ensinamentos freirianos sobre uma educação libertadora, que baseia-se na indissociabilidade do cotidiano e das vivências daquilo que é aprendido. As crianças ao entrarem em contato com a literatura marginal, leem uma realidade presente em seu cotidiano e não uma história que se distancia das suas realidades. Ao lerem os textos produzidos por Talles, se colocam num processo de transformação dialética entre quem ensina e quem é ensinado. Para Freire (1996) uma educação que tem por intuito a libertação e autonomia, busca fomentar a consciência crítica da realidade sem desvalorizar ou negar o contexto no qual quem aprende está envolvido.

3.2 Transversalizando o debate sobre direitos humanos com crianças

Aqui o método e a experiência estiveram em encruzilhada, pois a construção foi se inspirando durante os encontros e sendo revisitada nesse caminho conforme as crianças nos interpelavam sobre nossos modos de fazer. Uma das participantes ao ser perguntada sobre o que estava achando dos encontros, comentou: “Tia, acho os momentos legais, mas tá

precisando de algo a mais”. Esta fala foi pautada durante a reunião semanal realizada pela equipe de facilitação, compreendendo o dito pela criança como analisador. Primeiramente, nos questionamos sobre as atividades que estávamos propondo, e sentimos a necessidade de perguntar às demais crianças quais poderiam ser as atividades que faziam sentido para elas estarem em composição conosco. Um dos aspectos levantados foi o de deixar os momentos mais dinâmicos. Desse modo, “aberto à experiência de encontro com o objeto da pesquisa, o aprendiz cartógrafo é ativo na medida em que se lança em uma prática que vai ganhando consistência com o tempo, marcando o propósito de seguir cultivando algo” (p. 137). Experimentando a construção de um curso que não se desse a partir do “sobre” as crianças e sim “com” elas (ALVAREZ; PASSOS, 2010).

A partir da perspectiva de uma aposta na experimentação de estar em uma coprodução de ações junto com as infâncias que esse estudo incorporou as atividades, experiências e afetações vividas a partir da produção de um curso sobre Direitos Humanos com crianças. Organizar e pôr em análise tais atividades é compor diagramas apresentando o que pode ser criado e (re)inventado quando os processos participativos das crianças são acionados e considerados na tessitura de tais composições. O que nos permitiu operar desse modo, foi se experimentar enquanto uma pesquisa-experiência (HÜNING; GOMES, 2019), manejada a partir do método cartográfico, ou seja, permitindo a abertura aos transbordamentos e acontecimentos inusitados (PINHEIRO; BAPTISTA, 2019) que podem fazer parte do campo e análise de uma pesquisa. Refletindo sobre os modos de participação de infâncias que habitam margens urbanas e se investindo nesse território existencial que aponta para o borramento de fronteiras e a criação de um plano comum nos encontros entres pares e intergeracionais (COSTA; BARROS, 2021).

Além disso, propor uma transversalização no campo dos direitos humanos junto às crianças é se colocar num desafio de construir uma perspectiva horizontal sem perder de vista os desafios intergeracionais que podem surgir a partir desse “estar junto/a”. Estando em atenção aos processos de invisibilidades políticas gerados quando os adultos se colocam enquanto detentores do saber para construir espaços para as crianças (CASTRO, 2007). E nesse intuito criar coletivamente dispositivos de enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 1992) coletivos ao nos experimentarmos junto com as crianças.

Como mantínhamos um grupo via *Whatsapp*, por vezes recebíamos mensagens como “Tia, não vou conseguir participar hoje porque a minha mãe vai precisar do celular”, “Tia, o

meu celular tá com a bateria muito quente”, “Tia, no celular da minha mãe não tem memória pra abrir o aplicativo”. Já ao longo dos encontros, apesar de algumas crianças não conseguirem permanecer do início até o final, por conta da ausência de um pacote de dados suficiente, queda de internet ou mesmo por questões de vivências familiares, elas nos davam um retorno quando isso ocorria, exercitando assim, o *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014) fortalecendo o vínculo e sentimento de pertencimento ao grupo. O grupo criado no *Whatsapp* foi um espaço no qual pôde ser criado um ambiente permeado de possibilidade de participação no qual essas vozes podem de fato ser ouvidas e visibilizadas (TREVISAN, 2012).

Ainda sobre a criação de dispositivos de enunciação, incorporar as participantes do curso na criação das atividades é tomá-las enquanto sujeitas políticas dentro do campo discursivo (CASTRO, 2013). Desde o primeiro encontro, conversamos com as crianças para saber sobre os conhecimentos prévios que elas traziam sobre a temática dos direitos humanos. Então, durante o primeiro encontro, além de uma apresentação breve, que nos deu a oportunidade de compreendermos as afinidades do grupo que se formava naquele momento, também perguntamos às participantes o que elas traziam de bagagem sobre essa temática. De início demonstraram um pouco de dificuldade ao lembrar de algo, Estrelinha-ametista, falou: “Tia, falam muito sobre isso, só que tipo assim, pra mim lembrar agora é meio difícil, porque eu sou meio esquecida”.

Esse acompanhamento de processos (POZZANA; KASTRUP, 2010) por vezes também pode ocorrer a partir de uma experiência anterior, como por exemplo, quando Beija-flor-dourado, falou ao grupo que havia sido convidada para uma *live* realizada pelo Fórum DCA, que é um Fórum Permanente das ONGs de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, em parceria com o Cedeca Ceará. Nesse espaço ela recitou um poema em comemoração aos 30 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Falei que havia visto essa *live* e elogiei Beija-flor-dourado, ela soltou risos como quem havia ficado envergonhada.

Além de apresentarmos a teoria, tanto sobre os direitos humanos, quanto sobre técnicas audiovisuais, nosso objetivo foi que as participantes pudessem refletir sobre seus cotidianos e como a presença ou ausência daqueles direitos apareciam no dia-a-dia. Para que não perdêssemos a liga e um certo *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014) fosse compartilhado pelo grupo, nossos encontros ocorreram de modo semanal. Algumas crianças novas foram chegando naquele espaço, nessa dinâmica de apresentação, pedimos que

a participante falasse seu nome, mas também se havia algum personagem (filme, série, Youtube) com o qual ela se identificava. Beija-flor-dourado, que já havia comparecido ao encontro anterior, se apresentou novamente e disse: “Tem uma youtuber, mas não é parecida comigo, mas que eu me inspiro: a Camila Loures”. Procuramos até na internet para ver os rostos das personagens que as crianças iam compartilhando conosco. Ao procurarmos a foto da influencer Camila nos deparamos com uma jovem negra, que não tem um corpo padrão. Eu não a conhecia, Andrezza também não. Beija-flor-dourado, uma criança negra, me fez pensar o quão é importante buscar outras referências, de pessoas que não se enquadram nas barrigas com lipoaspiração em HD que são vendidas pelas redes sociais.

Apesar de não ter sido um lugar reivindicado por nós, que facilitamos o curso, em alguns momentos as crianças agiam semelhante à uma aula remota, como quando uma das participantes abriu seu microfone e perguntou: "Professora, é obrigado tá com a câmera ligada?". Maria-faceira era a única criança que estava com a câmera ligada, já as demais participantes permaneceram com as câmeras desligadas, somente víamos seus avatares. Falamos que ela poderia ficar à vontade para permanecer com a câmera ligada ou não. Durante os encontros algumas crianças nos tratavam por “Professora” ou “Tia”. Com isso foi observado que nesse encontro intergeracional, quem ocupava esse espaço de adulto, parecia ser detentor desse suposto saber-poder (FOUCAULT, 1996) que poderia ditar o que a criança podia ou não fazer, se o que ela falava era certo ou errado. Durante os encontros fomos reiterando o aspecto da coprodução, estando em atenção ao que as crianças traziam de conhecimento prévio.

“Vocês já ouviram falar sobre direitos, seja na escola, assistindo vídeo no youtube ou algo nesse sentido?”. As crianças responderam que sim. Então continuei. “Porque aí a gente já parte de algo que vocês já sabem, tanto do audiovisual quanto dos direitos. A ideia é que durante o curso a gente possa se aperfeiçoar”. (Trecho extraído do Diário campo do segundo encontro, 24/04/2021).

Agir desse modo foi uma tentativa para borrar as fronteiras geracionais que são estabelecidas sobretudo a partir dos espaços institucionalizados, nosso intuito assim, foi o de não querer ocupar esse espaço de quem pode ou não validar o discurso trazido pelas crianças. Ainda assim, nos colocamos cientes dos conflitos e impasses gerados sobre o lugar que a infância ocupa na sociedade, se de um lado há estudos que vão de encontro ao que foi posto,

ventilando novos pressuposto sobre esse lugar, “por outro lado, nada parece mais antigo do que a noção que prevalece que equaciona as crianças como a seres que devem ser ‘preenchidos’ com a razão e o conhecimento de outrem” (CASTRO, 2013, p. 15).

Durante os encontros, apesar do ambiente remoto, as crianças puderam interagir entre elas, trocando experiências de vivências anteriores, compartilhando vídeos que falavam se sua rotina, das brincadeiras que gostavam, trocando desenhos ou imagens via *Whatsapp*. Como quando sugerimos em uma das atividades que elas produzissem um curta-metragem tratando de algum direito que elas percebiam em seu dia a dia ou mesmo sobre a ausência dele. Talha-mar fez um registro de seu irmão bebendo um copo com água:

“Gente, eu tirei essa foto do meu irmão pensando no direito... nos direitos básicos, não só de crianças, mas também de todos seres humanos que é o saneamento básico, alimentação e todas essas coisas que são essenciais para a vida humana.”

Já Beija-flor-dourado compartilhou em seu vídeo:

“Oi, gente! Esse é o brinquedo da minha irmã (mostrando vários bonecos de pelúcias). A minha irmã é aquela ali (mostra um porta-retrato com a foto de sua irmã). E eu acho que isso aqui é o direito à diversão, né? Aqui é o nosso quarto, que tem os ursos dela, enfim... aí eu vou mostrar pra vocês (apresenta os livros didáticos, uma mesinha e uma pequena cadeira) Aí aqui é onde eu e a minha irmã estudamos, ela, na verdade, eu só ensino. Como hoje é dia de estudar essas matérias (pega nos livros), aí eu separei logo aqui. Eu tenho essa cômoda que que fica a minha roupa, tá tudo bagunçado, no caso (risos). Aí eu chamo essa gaveta, de sei lá, gaveta cultural (apresenta uma gaveta com cadernos, um estojo com miçangas...). “Porque eu faço, tipo assim, tudo... às vezes desenho daqui. Esse aqui é o meu caderno, que eu ainda vou terminar. [Aparece uma legenda no vídeo “Gosto bastante de coisas culturais, então tinha que ter uma gaveta”]. “Então eu acho assim, essa gaveta tipo assim, direito à cultura. Eu acho, não sei se é”.

Topetinho-verde filmou uma estante com livros e também havia um brinquedo: “Todas as pessoas têm o direito à educação, infelizmente esse direito não é alcançado para todas as pessoas”.

Trazer discussões no âmbito dos direitos é se mover num campo instável, uma vez que apesar de assegurados constitucionalmente, o que mais presenciamos é a falta de efetivação no cotidiano, sobretudo de quem habita as margens dos grandes centros urbanos. E compor com esse debate junto às crianças amplia tal desafio, uma vez que agrega o que pode ser compreendido enquanto “direitos humanos” às infâncias, nos faz questionar os avanços, obtidos com certas dificuldades, e muitas vezes nos deparamos com retrocessos ao invés da manutenção de garantias legais (CASTRO, 2013).

O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente, criado pela Lei Federal 8.069/1990, se por um lado fomenta a igualdade da condição das infâncias aos demais grupos geracionais, por outro realça a condição histórica de sujeição como inata às crianças (CASTRO, 2013). Se inseri-las no debate não seja o suficiente para que elas possam ser compreendidas enquanto sujeitos políticos que podem lutar para ter seus direitos efetivados, tampouco ignorar a importância e a participação das crianças nesse debate seja eficaz, pois constantemente elas se deparam com acessos e não acessos, com lutas cotidianas para garantir alguns dos direitos, como no caso de Gavião-miúdo que mora numa ocupação, espaço de resistência e reexistência.

Mãe-da-lua, mãe de Gavião-miúdo, pediu para participar dos encontros, ela é uma articuladora social que luta por melhorias para moradia em Belo Horizonte, fazendo parte de uma ocupação. Quando estávamos nos encontros finais ela refletiu sobre a importância daqueles momentos: “durante o curso a gente ficou sabendo de direitos que nem sabia ter”. Nós concordamos e ressaltamos a importância de conhecer seus direitos para poder lutar por eles. E com os conhecimentos construídos durante o curso foi possível criar um dispositivo de insurgência coletiva (CAVALCANTE *et al.*, 2021) a partir do curta-metragem “Carta sobre os Direitos das Crianças”, produzido pelas participantes do curso.

Figura 9 - Imagem da capa do produto final na plataforma *Youtube*



Nota. Fonte: Registro produzido pela pesquisadora.

Além do espaço do curso, as crianças estiveram presentes no processo de curadoria dos curtas-metragens para a IX Mostra Internacional Audiovisual no IX Curta o Gênero. Nessa atividade, que ocorreu remotamente, elas puderam escolher as produções audiovisuais que seriam apresentadas na Mostra, durante esse momento, para além da escolha, pudemos conversar sobre questões que surgiam ao assistirmos os vídeos, como gênero, homofobia, gordofobia, violência urbana, relacionamentos, diversidade religiosa, racismo, afetos, identidade, intergeracionalidade e outros temas. Nesse espaço elas trouxeram opiniões e experiências, tanto se expressando verbalmente quanto no chat da plataforma.

Outro momento importante ocorreu quando algumas crianças aceitaram o convite para debater com produtoras/es e diretoras/es, de modo público via plataforma do *Youtube* na Sessão Colorindo o Gênero, sobre os curtas que o grupo havia selecionado durante a curadoria para a IX Mostra Internacional Audiovisual. No primeiro dia Andrezza ficou responsável por ser a mediadora junto com mais duas crianças. E no segundo, eu fiquei responsável por mediar junto com Estrelinha-ametista, Mãe-da-lua e Gavião-miúdo. Nos momentos iniciais, da segunda live, Estrelinha-ametista compartilhou: “Gente, eu tô muito feliz! Bem-vindo a todos que estão assistindo a live. Tô muito grata por tá participando aqui desse projeto com vocês, nessa live. E eu espero que seja muito bom aqui, participar com todos!”. Nesse espaço, as participantes da curadoria apresentaram as/os produtoras/es e diretoras/es, e também fizeram perguntas e compartilharam suas impressões ao assistirem os curtas. Além disso, falaram sobre o processo da construção coletiva do curta-metragem. Durante a mediação da *live*, apresentando o curta que era uma carta coletiva, comentei:

Esse material foi mesmo um produto que produzimos ao final do curso . . . Foi muito bacana esse processo de criação, porque o curso ele foi

sendo construído, a gente também foi ouvindo as crianças que estavam construindo esse curso, e a gente fica muito feliz porque depois desse curso ela toparam várias outras apostas com a gente, inclusive a parceria na produção deste III Colorindo, e conseqüentemente também a curadoria.

Já ao final da live Mãe-da-lua e Estrelinha-ametista comentaram sobre o processo de produção: “Foi muito bom, porque além de vocês terem me ensinado várias coisas, como o direito das crianças, dos adolescentes, direitos da mulher. Então, sempre que eu tô conversando com a minha mãe, eu sempre falo pra ela sobre essas coisas que a gente conversa nos encontros, dos direitos que nós mulheres temos”. Já Mãe-da-lua comentou:

Eu aprendo junto com as crianças, a gente falou sobre várias coisas. E como eu venho de ocupação, a gente falou sobre os direitos, direito a um teto seguro, à moradia, saúde, e muita das vezes esses direitos são lesados em pleno o século XXI esses direitos são lesados e a gente não sabia como recorrer, que órgão a gente pode acionar . . . pelo menos aqui nas escolas a gente não fala muito sobre o ECA, não tem essa informação.

Figura 10 - Apresentação da Segunda Sessão da IX Mostra Internacional Audiovisual

IX mostra
INTERNACIONAL
AUDIOVISUAL

III colorindo
O GÊNERO

Acompanhe **ao vivo** pelo canal do **Curta o Gênero** no **Youtube**

29 DE AGOSTO DAS 13H ÀS 15H

SEGUNDA SESSÃO

Pedra Queima

Nós

Roberto
"La proyección es posible gracias a la colaboración de Movistar+"

CARTA SOBRE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS

Carta sobre os direitos das crianças

5 fitas

Nota. Fonte: Material produzido para divulgação do III Colorindo o Gênero

4 “A VOZ QUE LÊ PRA MIM”²⁰: LEITURAS SOBRE COTIDIANOS EM CONTEXTOS PERIFERIZADOS

Em conexão ao segundo objetivo desta pesquisa, este capítulo visa discutir que narrativas as crianças trazem sobre seus cotidianos ao participarem das atividades propostas pelas práticas culturais tomadas como campo desta pesquisa, tendo enquanto recorte temporal o período da pandemia. O capítulo está dividido em três subtópicos nos quais acompanhamos, através da análise das narrativas, como as interlocutoras da pesquisa criam estratégias que geram outros regimes de visibilidade e interpelação às opressões em seus cotidianos.

No subtópico “4.1 *“Muitas bibliotecas são distantes de onde a gente mora, e nem todo mundo tem biblioteca”*: *infâncias como sujeitos políticos*”, problematiza o lugar comum que as infâncias ocupam quando são tomadas apenas enquanto uma etapa preparatória para a chegada na fase adulta. Foi percebido que a inserção das crianças em atividades produzidas pela biblioteca comunitária permitiu a elas o exercício de outras formas de se subjetivarem politicamente, como por exemplo, ao se responsabilizarem também pelas atividades e gerenciamento dos espaços comunitários. Além disso, há neste subtópico questões pertinentes à representatividade das infâncias e como as brincadeiras no ambiente da rua podem apresentar um importante fator na construção da sociabilidade infantil na cultura de pares entre crianças.

No subtópico “4.2 *‘Eu me sinto vivo’*: *leituras infantojuvenis sobre cotidianos marginalizados*”, as reflexões partem de alinhamentos entre narrativas das crianças e o campo teórico. Aqui é compartilhado sobre a importância das participantes estarem presentes nos encontros via *Instagram* do Clube de Leitura, sobretudo por esses espaços terem surgido para formar ou fortalecer vínculos e minimizar as distâncias gerando pontes entre pessoas que fizeram deste, um espaço de partilha não somente de leituras, como também vivências sobre os cotidianos periféricos. À medida que entram em contato com as leituras realizadas durante o Clube, exercitam outras leituras de mundo que abrem espaço para que haja tensionamento de realidades postas sobre si, seus territórios e podem produzir outras narrativas.

Em “4.3 *‘Tô aqui no lote onde nós ocupa’*: *territorialidades periferizadas sob o olhar*

²⁰ Título de um dos livros lidos por Fernandinho, uma das crianças que contribuíram para a quarta *live* do Clube de Leitura que tinha por temática “histórias diversas”, dia 12/08/2020. Ao entrar em contato com o título “A voz que lê para mim”, e durante o processo de leitura da história pela criança, surgiram alguns questionamentos e análises que compartilho durante a escrita deste capítulo e por isso a escolha deste.

das crianças em contextos intergeracionais” tomamos as produções artísticas e culturais, realizadas, sobretudo, por aquelas/es que vivem nas margens urbanas como estratégias de visibilidade e táticas de re-existências a produções hegemônicas que silenciam ou geram visibilidades perversas. Outro aspecto trabalhado neste subtópico fomenta uma crítica à ausência de políticas públicas que possibilitem mais oportunidades de usufruto dos direitos durante o dia-a-dia das crianças, por isso durante o curso foi incentivado que as crianças criassem uma “produção micropolítica de vetores de subjetivação coletiva” a partir da criação de suas próprias narrativas audiovisuais para falar sobre seus cotidianos.

4.1 “Muitas bibliotecas são distantes de onde a gente mora, e nem todo mundo tem biblioteca”: crianças como sujeitos políticos

Há uma história sobre “não-aceessos” que Clarice Lispector nos conta em “Felicidade Clandestina”. Essa narrativa nos apresenta, dentre outros aspectos, as desigualdades de acesso à leitura, tomando o recorte temporal de meados do século XX. Certamente a literatura de Clarice não tem por intuito denunciar esses não-aceessos, mas sutilmente conforme a história se desenrola, percebemos como isso é um aspecto chave para compreender as relações de poder estabelecidas entre duas personagens. Uma das crianças que protagonizam o enredo “possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria” (Lispector, 1998, s/n), e com isso essa personagem tinha acesso livre a uma diversidade de literaturas aos quais a protagonista do conto não possuía.

Ao ler Clarice, me questionei sobre meus acessos ao mundo literário, e me vieram memórias infantis, de quando se iniciou meu gosto por leituras e, conseqüentemente, por bibliotecas, pois esse era o meio ao qual me utilizava para saciar a fome por histórias outras e aventuras que ultrapassavam as fronteiras do pequeno município no interior do estado do Ceará no qual eu morava, antes de ingressar na Universidade Federal do Ceará (UFC). A biblioteca pública da cidade e a sala de multimeios da escola pública de ensino fundamental tornaram-se locais nos quais eu exercia meu direito àquela “felicidade clandestina”. Nem imaginava que livros pudessem ser vendidos ou comprados, achava que apenas apareciam nas estantes cinzas da biblioteca ou da sala da escola, e eu não exigia muitas explicações para tal mágica que ali acontecia. Apesar de ter sido uma criança que gostava de ler, não desejava que meu pai fosse dono de livraria, porque nem sabia que elas existiam.

Voltando para a história de Clarice, ainda que tivesse livre acesso à uma vasta literatura, a personagem, cujo pai era proprietário da livraria, não lia e nem emprestava os livros, privando a protagonista de ter acesso à narrativa que tanto queria ler. Então inicia-se uma odisseia diária na qual a menina humilha-se na tentativa de tomar de empréstimo o livro, já que não poderia comprá-lo. Ao descobrir o que estava acontecendo, a mãe da garota cruel empresta o exemplar “[...] por quanto tempo quiser” (Lispector, 1998, s/n) à protagonista, o que para ela significava mais do que se houvesse ganhado o livro. Leva-o para casa com um contentamento que não cabe em si. Entrecruzando histórias, me pergunto: Quantas crianças talvez não passaram/passem por algo semelhante durante sua trajetória? E se substituirmos a menina que não quer emprestar os livros, pela prefeitura, Estado ou mesmo Governo Federal que se negam a investir em mais políticas públicas que garantam o acesso às crianças a livros de qualidade? Ou mesmo optam por aumentar os impostos sobre os livros impressos?

O livro impresso é um bem cultural historicamente compreendido como um artigo caro, por vezes acessível a uma determinada classe dominante da sociedade (LEÃO, 2012), assim como é retratado no conto de Clarice. Muitos bairros da cidade de Fortaleza, sobretudo periféricos, não têm serviço de biblioteca pública próximos, e acessar livros impressos se coloca como algo que exige um maior deslocamento para outro território. Segundo Almeida e Machado (2006) o surgimento das bibliotecas comunitárias se deu justamente por moradoras/es de determinados bairros perceberem demandas de acessos à cultura e bens culturais que não estavam sendo correspondidas pelo poder público e que os/as moradoras/es não teriam condições socioeconômicas para acessar em outros territórios. E para além disso, a criação de tais bibliotecas possibilitam pensar a dimensão do comunitário, uma vez que apesar de não serem públicas, pertencem à comunidade.

A inserção em atividades produzidas a partir das bibliotecas, permite às crianças exercitarem outros modos de subjetivação política, a pensarem não somente em si, mas de modo comunitário. Durante o terceiro Clube de Leitura²¹, aproveitei que havia a possibilidade de interagir no espaço da *live*, através de perguntas, e direcionei uma questão à Beija-flor-roxo (12 anos): “Para você, qual é a importância das bibliotecas comunitárias?”. A garota respondeu: “Muitas bibliotecas são distantes de onde a gente mora, e nem todo mundo tem biblioteca perto, se tiver, só tem livros infantis”. Ainda complementando sua fala, pontuou: “Elas ensinam as pessoas a aprender a leitura, no futuro elas vão saber ler”. Quando

²¹ Para mais detalhes ver a tabela no capítulo metodológico.

Beija-flor-roxo fala sobre tais “pessoas”, e atribui essa dimensão do futuro, parto da compreensão que ela se referia às crianças e adolescentes de sua comunidade, e não às pessoas adultas. Essa preocupação com o “vir a ser” das infâncias é algo bastante presente nos estudos sobre infâncias e adolescências (CASTRO, 2007; MAYORGA, 2019).

Essa não é somente a preocupação de Beija-flor-roxo, muitas crianças durante o Curso Audiovisual também reiteraram questões sobre o futuro, Estrelinha-ametista compartilhou conosco essa demanda do “vir a ser”: “Esse curso que eu faço é tipo assim, a gente faz o curso, é tipo aqui (referindo-se ao nosso Curso de Audiovisual), só que lá é um curso pra dar trabalho pra gente quando a gente tiver uns 15 anos... 17.”. A garota preocupa-se com seu futuro, estar presentes em certos espaços formativos a possibilitará chegar mais cedo ao mercado de trabalho. Desse modo as próprias participantes apontam como a infância vai sendo internalizada e compreendida pelas próprias crianças como esse território do “vir a ser”.

A infância muitas vezes é tomada apenas enquanto uma etapa preparatória do “adulto que está por vir”, e por isso é imposto a muitas crianças preocuparem-se não em ser e sim no que serão. Guattari (1987) faz uma crítica a como o modo de produção capitalista repercute nos modos de subjetivação das crianças, para o autor a iniciação significa a “entrada da criança nos papéis especificados pelo campo social adulto” (p. 50). Após a iniciação a criança passa a ser considerada como alguém por inteiro. Um processo operado muito cedo, desde a creche.

Trata-se pois de uma iniciação ao sistema de representação e aos valores do capitalismo que não mais põe em jogo somente pessoas, mas que passa cada vez mais pelos meios audiovisuais que modelam as crianças aos códigos perceptivos, aos códigos de linguagem, aos modos de relações interpessoais, a autoridade, a hierarquia, a toda a tecnologia capitalista das relações sociais dominantes.” (GUATTARI, 1987, p. 51)

Apesar de uma iniciação precoce, se tomada apenas sob a ótica do futuro, a infância passa a ser observada enquanto um lugar marcado pela ausência, a falta e incompletude. Não poderão emitir falas que possam ser dignas de visibilidade porque não atingiram a maior idade, não podem ser sujeitos políticos. Sarmiento (2007) nos propõe a observar a infância e as culturas infantis sob a ótica da diferença, propondo uma nova Sociologia da Infância. Demarcando um contraponto às perspectivas tradicionais que tomam as crianças enquanto

sujeitos passivos e que estão a caminho de tornarem-se alguém para poder exercer uma opinião, e assim serem consideradas sujeitos políticos.

Castro (2007) problematiza em seus estudos sobre questões pertinentes à representatividade de infâncias e juventudes por adultos, que por não ocuparem o lugar social desses segmentos no espaço público, podem gerar processos de invisibilidades políticas. Para a autora, operar nesse campo gera o risco de considerarmos que nós, enquanto adultos e detentores de um saber qualificado, podemos “traduzir e de interpretar o que é interesse da criança e do jovem, o que deve mudar em suas vidas, e o que deve ser aí preservados” (CASTRO, 2007, s/p). Podemos somar a esse desafio, o fato de que geralmente a participação das crianças é comumente remetida aos espaços institucionalizados, sobretudo escolares, então fora desses espaços, onde poderíamos encontrar práticas participativas de crianças que as entendam enquanto sujeitos políticos?

Já tensionando a concepção de uma participação apenas encerrada dentro de espaços institucionalizados e vislumbrando outras possibilidades, Trevisan (2012) em seus estudos aponta para a esperança de que podem haver outros modos participativos infantis mais próximos de seus cotidianos. Rua (2007, p. 207) pontua que “as interações na comunidade local e na cidade nunca são equacionadas como processos de aprendizagem importantes, complexos e multiculturais”, refletindo sobre a conotação negativa das crianças que ocupam cotidianamente os espaços das ruas de seus bairros, como se elas habitassem determinados espaços apenas por causa da negligência de seus/suas responsáveis.

Ainda pensando na importâncias das interações das crianças dentro de sua comunidade, para além dos espaços escolares, Talles, fundador da biblioteca, pontua a importância da Livro Livre para os processos participativos e de subjetivação política das crianças e adolescentes:

A função da biblioteca é essa, fazer com que essas pessoas inspirem essas crianças, esses adolescentes e que eles se sintam responsáveis pelo nosso bairro, pela nossa cidade, pela escola e não seja só um cliente, simplesmente um aluno mas, sim que faça parte de verdade e que construa, como a gente constrói a nossa comunidade. (DIÁRIO DE CAMPO Nº 8 - CLUBE DE LEITURA, 09/09/2020.)

Sobre a experiência de ocupação dos espaços comunitários de seu bairro e de sua rua a partir das brincadeiras, durante o segundo encontro do Curso de Audiovisual, compartilhamos com as crianças dois vídeos chamados “Território do brincar: um encontro com a criança

brasileira”, um da praia da Tatajuba, no Ceará, e outro produzido em uma periferia de São Paulo. Uma inspiração sobre a utilização dos espaços livres em duas territorialidades distintas. Os vídeos ajudaram a instigar as crianças a falarem, já que no início do encontro elas estavam bastante caladas. Quando a palavra circulou entre elas, Estrelinha-ametista compartilhou conosco:

Aqui onde eu moro as meninas e os meninos se juntavam, todo mundo brincava de tudo. A gente já brincou da brincadeira da lata, a gente já brincou de elástico, de amarelinha... aí me lembrou de muita coisa, tipo, a gente não brinca mais, mas antes a gente brincava demais. ... A gente pegava todo mundo se juntava e comprava giz, e os elásticos, as avós das meninas faziam, aí a gente brincava demais... de lata, da brincadeira de lata, às vezes tinha até gente que reclamava, porque a gente fazia zuada. Mas a gente brincava, era bem legal. (DIÁRIO DO 4º ENCONTRO BRINCADEIRAS/MODOS DE SER CRIANÇA - 08/05/2021)

A brincadeira na rua também pode apresentar um importante fator na construção da sociabilidade infantil na cultura de pares entre crianças (RUA, 2007), com o isolamento social essa socialização ficou afetada e as crianças falaram um pouco sobre as consequências de não habitarem do mesmo modo os espaços de seu bairro. Estrelinha-ametista comentou: “Eu vejo um pouquinho, porque antes a gente podia ficar na rua, com aglomeração, e tipo, agora não, então isso conta muito pra quem tinha muito amigo... aí fica mais sozinho”. Souza (2020) aponta a importância dos laços de amizade e as trocas produzidas quando as crianças participam de brincadeiras dentro dos espaços de sua comunidade.

Com isso conversamos um pouco sobre a rotina modificada por conta do isolamento social gerado pela pandemia. Andrezza então comentou: “E outras formas [de se estar em coletivo] vão aparecendo, esse curso, a gente podia tá todo mundo junto numa sala ou num espaço aberto, presencial, mas por conta da pandemia a gente tá aqui no virtual. E tá dando certo! Com algumas questões de acesso, de organização, mas tá dando certo!”. E também apontamos que desse modo remoto, crianças de outras cidades poderiam participar, como Itaitinga e Belo Horizonte. Estrelinha-ametista pontuou: “Tia, eu acho que tem um lado ruim e um bom ao mesmo tempo também, porque nessa quarentena eu conheci várias pessoas novas, pela internet, pessoas da escola”. E Talha-mar compartilhou:

Eu também concordo que tem muitas coisas negativas e positivas. Negativas porque a gente ficou mais assim mais longe, e positivas porque a gente tá aprendendo mais a dar valor as pessoas, que antes a gente dizia ‘que legal um momentinho’, só que agora a gente fica sentindo falta. E eu acho que isso faz com que a gente pense ‘cara,

um abraço importa muito também e o contato físico com o outro. (DIÁRIO DO 4º ENCONTRO BRINCADEIRAS/MODOS DE SER CRIANÇA - 08/05/2021)

Quando as crianças ocupam determinados espaços, aos quais, sejam para exercitar práticas de leitura, de brincadeiras e de lazer, também passam a ocupar um lugar de responsabilidade por seu bairro, se colocando na arena política-social de sua comunidade.

4.2 “Eu me sinto vivo”: leituras infantojuvenis sobre cotidianos marginalizados

“A voz que lê pra mim” durante o quarto encontro do Clube de Leitura é a de Pardal, de 11 anos. A criança entrou na *live* através do perfil de sua mãe, pois não possuía um perfil próprio. Era a primeira vez que ele contribuía para aquele espaço. O livro impresso o qual Pardal carregava em suas mãos chamava-se “A voz que lê pra mim”, de Elton Pereira. A narrativa apresentava duas crianças: João e Maria, mas ele e ela não eram encantados por doces, como no conto de fadas, ambas crianças eram amantes dos livros. Tia Catarina, era uma mulher que os recebia em sua casa havia duas estantes, repleta de livros que iam desde as receitas até “faz de conta”. “João olhava os inúmeros volumes e imaginava quantas palavras haveria neles [livros]”. Catarina lia para as crianças porque “tinha um jeito de ler especial”, como nos contou Pardal. Talvez Tia Catarina sabia das manhas para se contar boas histórias por ser uma contadora de histórias, tornando-as fascinantes e imaginativas.

Enquanto me dispunha a compartilhar dos espaços virtuais produzidos pela Livro Livre, durante sobretudo os Clubes de Leitura, enquanto a voz a de Pardal lia pra mim e para todo o público, de no máximo 15 pessoas, me perguntava sobre “Que leituras de cotidianos poderiam ser produzidas durante aqueles encontros?”. As crianças não estavam ali apenas para lerem para pessoas adultas, também lia para seus pares. Afinal de contas, a própria narrativa que a criança lia nos trazia a seguinte questão: “Não é justo ouvir as histórias como se fossem uma tabuada”, passando pelas histórias como quem passa por números. Escutar aquelas histórias era permitir que o corpo pudesse ser atravessado pelos encontros, ainda que habitássemos um território virtual, podíamos ainda assim, afetar e ser afetadas/os. Para Menezes *et al.* (2020) os textos literários, sobretudo pensando nos ambientes virtuais, maximizados devido ao isolamento social, podem ser locais para se estabelecer vínculos e diminuir distâncias gerando pontes entre pessoas que fazem deste um espaço de partilha. Aproveitar as potências dos afetos alegres para transformá-los em teias (DIÓGENES, 2020)

de cuidado.

Durante esse período, houve contações de histórias produzidas por escritoras/es cearenses, contos de fadas, quadrinhos, folclores e uma diversidade de histórias que ajudavam às crianças a não somente realizarem àquela leitura, como também a pensar em seus cotidianos. Como bem gostava de nos lembrar Dona Ritinha a trazer essa questão durante a live: “A gente também tem que botar pra ler da realidade do nosso dia-a-dia”, para ela a importância da literatura não poderia estar alheia aos acontecimentos cotidianos. Pensando na importância da cultura de pares em ambientes não institucionalizados (como a biblioteca) para a sociabilidade infantil, a leitura de Pardal, apesar de demonstrar um pouco de timidez, contribui para que outras crianças também se iniciem nos processos de decodificação de seu cotidiano à medida que “é através da interação com os pares que as crianças constroem e recriam sistemas simbólicos e de valores que configuram, em cada contexto, as culturas infantis” (RUA, 2007, p. 207).

Uma das crianças, durante o 12º encontro do Clube de leitura, leu o conto “Na busca do nike, morreu de chinelo”, produzido pelo poeta marginal Jardson Remido. A história de Glauber traz apresenta um menino que tinha o desejo de ter um “pisante roxeda”²² de uma marca famosa de calçados, mas que não tinha condições financeiras para tanto. O jovem, para conseguir sua empreitada, começa a praticar assaltos, mas acaba sendo vítima de um homicídio numa troca de tiros com policiais. A seguir o poema lido por João-de-barro:

Na busca do nike, morreu de chinelo

“Adquira um nike por apenas 1000 reais e seja exclusivo”

“Compre! Compre! Adquira o novo par de nike”

– Pooorra, que pisante roxeda, ladrão. Mãe! Mãe! Tem um pisante roxeda, passou na TV, compra pra mim?

– Menino, o que é pisante pelo amor de Deus?

– Ô mãe, pisante é tênis. É um da Nike.

– Quê??? Isso é mais do que meu salário, infelizmente não tem como eu comprar, filhote.

– ...

²² “Pisante roxeda” significa um tênis bacana.

Glauber sai do barraco e vê Jorge com o par de tênis que tanto deseja.

– Oh o Glauber, chega aê dazaria!

– Porra, como tu conseguiu esses pisante, menor?

– Ooooh, tô no movimento, altamente envolvido, vendendo, arrebetando nos papelote.

– Como consigo?

– Entra no movimento, menor.

– Pode ser agora?

– Rapaz... pode.

– Pois vai, me arranja o ferro.

– Hã?

– Me arranja o ferro.

– Eita, pois vai menor, sangue no zói.

Glauber foi pra Avenida Perimetral, meter assalto. A vítima reage. Ele mata. Ele foge. Troca tiro com a polícia e morre. Mais um sugado pela propaganda da Nike.

(Jardson Remido é poeta marginal, de rua, trocou a quadrada na cintura pelo livro na mochila)

Ao comentar sobre a narrativa que acabou de ler, João-de-barro tece críticas à ausência de políticas públicas que possibilitem mais oportunidade a jovens como Glauber de acessar um emprego digno. Ele refletiu que aquilo era “Algo que acontece no nosso dia-a-dia”, ao pensar na realidade de sua comunidade, para a juventude periférica o tráfico torna-se a “forma mais fácil de se envolver e ganhar dinheiro”. Rua (2007) aponta que o abandono escolar, gerado pela descredibilização da escola enquanto um agente de mobilidade social, que faça com que as pessoas ascendam socialmente, e a carência de bons empregos, reverberam para que tais jovens encaminhem-se para o mercado ilegal de drogas para poder “adquirir recursos que lhes permitam acender a bens de consumo que estão na moda ou são socialmente considerados”. Mas como bem coloca a criança que leu a narrativa, ao jovem só restavam duas alternativas ao ingressar no mundo do crime: “ou vai para o saco preto ou vai para o caixão [...] uma realidade de muitos jovens da periferia”.

Castro (2001) realizou um estudo em três cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Fortaleza e São José dos Campos), cujo intuito da pesquisa era que crianças e jovens pudessem refletir sobre os desafios de habitar territórios urbanos. As infâncias e juventudes que habitavam espaços em condições de pobreza e exclusão social, apontaram para situações de constrangimentos e estigmas. A autora aponta em suas considerações que o acesso ou não-acesso a determinados produtos oferecidos pelo mercado de consumo já demarca essa situação de desigualdade. Para as crianças/jovens possuir tal produto é sentir-se elevado no estrato social, ou como traz o poema “Adquira um *Nike* por apenas 1000 reais e seja exclusivo”.

A outra narrativa, também lida por João-de-barro, foi produzida por Talles Azigon, denunciava a política de aniquilamento que cerceia a vida dos corpos periféricos: “Alguma coisa nunca vai recuperar todos os corpos mortos que algumas coisas anteriores ajudaram a executar”. Denunciando como a necropolítica os processos de vida e de morte (MBEMBE, 2016), sobretudo, quando esse gerenciamento diz respeito às práticas coloniais que desumanizam corpos e os coisificam sob a ótica de um viés classificador operado por estigmas (LEMOS; GALINDO; FRANCO, 2019) tornando assim certas vidas não passíveis de luto (BUTLER, 2015). A criança, ao finalizar o poema de Talles, complementa “eles não tão nem aí pra gente. Só aparecem em época de eleição (...) não olham a gente como pessoas e sim como votos”.

As crianças ao participarem do Clube de Leitura, não só estão lendo livros, mas estão lendo o mundo que as cercam (FREIRE, 1996), tensionando narrativas que se colocam cotidianamente. Para além da leitura, elas também produzem narrativas que se contrapõem aos modos de subjetivação hegemônicos (ROLNIK, 2018) que tentam invisibilizar narrativas e trajetórias de pessoas negras. Durante o Sarau Livre Curió - Rede de Bibliotecas Populares - Projeto Sopa de Letrinhas: Alimentando a Mente, Sabiá, que desde muito tempo participa da biblioteca, apresentou-se lendo poemas de outras autorias. Anunciado por Talles, Sabiá sob ao palco improvisado do Sarau e lê seu poema, chamado “Me sinto Vivo”:

Muitos tentam me subestimar

Muitos tentam me fazer cair

Porque pra eles eu morri

Mas eu não dou ouvidos

É, eu acredito

Porque tudo que eu faço

Eu me sinto vivo

Essa produção apresenta uma aposta que se faz nas criações de leituras possíveis sobre os cotidianos periferizados através da intergeracionalidade, quebrando lógicas binárias e cristalizadas, rompendo com normas ou mesmo planos hierárquicos que dicotomizem as experiências e produzam de (in)vibilizações de determinados modos de vida (COSTA; BARROS, 2020). “Sentir-se vivo”, para Sabiá é mais que uma prática de resistência, é uma aposta numa re-existência cotidiana (ACHINTE, 2017), ele precisa se reinventar e se recriar dentro de um mundo que o quer ver morto, isso é cotidianamente denunciado nos altos índices de homicídios infantojuvenis (BENÍCIO *et al.*, 2018; BENÍCIO, BARROS; SILVA, 2019). Corpos que insistem em existir (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008) apesar das lógicas de extermínio. Mas não somente continua com sua existência, como também se “sente vivo” para lutar contra os racismo a partir de sua escrita que dá visibilidade às práticas de exclusão cotidianas que sofrem um corpo negro, sobretudo habitando uma periferia. A escrita de Sabiá põe em xeque a concepção desses territórios enquanto um “não-lugar” (COSTA; MOURA; BARROS, 2020), compreendendo como um espaço que pulsa vida.

Sabiá, que desde cedo frequenta a Livro Livre e, que não somente lê os poemas de Talles, mas compartilha vivências junto com o poeta-mediador, cria seus próprios poemas para denunciar os racismos cotidianos impostos às pessoas negras e que moram nas periferias. A potência do encontro transcrito e dito em linhas por Sabiá, que apesar de muitos tentarem “derrubá-lo”, metáfora para a humilhação e/ou aniquilação, operacionalizada a partir da necropolítica, mostra que ele resiste e re-existe, não somente com suas produções escritas, mas sobretudo, com sua própria existência. “Me sinto vivo”, esse poema não é apenas sobre-viver, e sim de sentir a vida que pulsa dentro de um corpo que deseja estar no mundo e fazer visível a sua existência.

Adichie (2019, *s/n*) nos interpela em sua fala como narrativas já forjaram espoliação e podem caluniar um povo, ao rememorarmos ensinamos da escola sobre a História de nosso país, teremos narrativas extremamente coloniais, salvacionistas e brancas, anulando muitas vezes a história dos povos indígenas e negros. A autora aponta para a necessidade de contarmos histórias que possam empoderar um povo, fazendo resgate de suas raízes para

“reparar essa dignidade despedaçada” (TED, 2019). Quando as crianças não somente leem sobre suas realidade, mas também produzem narrativas que tratam de seus cotidianos, estão produzindo um resgate da consciência histórica de quem são, do seu bairro e seu país.

4.3 “Tô aqui no lote onde nós ocupa”: territorialidades periferizadas sob o olhar das crianças em contextos intergeracionais

As produções artísticas e culturais, sobretudo produzidas por quem habita as margens urbanas, podem ser compreendidas com estratégias de visibilidade e táticas de re-existência (CAVALCANTE *et al.*, 2021). Partindo desse entendimento, e compreendendo a importância de conhecer as produções locais realizadas por produtoras/es e diretoras/es vindas/os de periferias da cidade de Fortaleza, durante o segundo encontro, apresentamos três curtas-metragens para as participantes do Curso Audiovisual e Direitos. Dentre os curtas, estava o documentário produzido por Leo Silva chamado “Crônica - Rotina Familiar”, uma produção audiovisual na qual inquietado pelo aumento expressivo da convivência familiar durante o período de quarentena, Leo Silva faz registros de como foi esse momento da pandemia no qual a maioria das/os brasileiras/os precisaram ficar em casa, medida sanitária que teve por intuito conter a disseminação do coronavírus.

A casa aberta como um convite para adentrar àquela rotina, assim o jovem inicia seu curta-metragem. Uma narrativa sobre confinamentos produzida pelas/os próprias/os moradoras/es, as crianças que já não podem brincar na rua, tomam o corredor da casa como uma pista para andar de bicicleta, inventando novos trajetos para os mesmos lugares. No rádio, músicas de sucesso se misturam com as últimas notícias sobre a pandemia. Leo torna-se narrador-observador-personagem de sua rotina e de sua família, que habitam a Comunidade do Santa Filomena, no Grande Jangurussu. Pedimos para que as crianças observassem o que se assemelhava ou não às suas rotinas e pensassem na implicação da pandemia em seus cotidianos, para que produzissem seus próprios curtas munidas das técnicas audiovisuais explanadas por Willame.

Se narrativas que reproduzem modos de subjetivação hegemônicos (ROLNIK, 2018) invisibilizam essas trajetórias, os coletivos juvenis têm cada vez mais pautado mostrar suas realidades a partir de suas próprias produções, seja ela escrita, fotografada ou filmada. Segundo, Diógenes (2020) tais produções locais autorais apresentam as percepções que

coletivos juvenis produzem sobre seus cotidianos por meio de expressões artísticas e culturais, disseminada pelas/os próprias/os jovens, elas/es vão construindo outros modos de representação que rompem com as linguagens dominantes e colonizadoras.

Tendo vista tais questões, fomos incentivando as crianças, ainda que algumas se apresentassem de modo mais tímido inicialmente, a construir uma “produção micropolítica de vetores de subjetivação coletiva” (CAVALCANTE *et al*, 2021, p. 37) a partir da criação de suas próprias narrativas audiovisuais para falar sobre seus cotidianos. Gavião-miúdo compartilhou sua produção conosco, um vídeo no qual ela apresentava o onde morava: “Gente, eu vou mostrar aqui onde que eu moro. Eu tô aqui no lote onde nós ocupa. Tô mostrando a minha rua. Vou mostrar o lote”. Então Rolinha-roxa aparece e diz apontando “Minha casa é ali, viu gente! Minha casa é ali! “Ali é a casa da Rolinha-roxa. E é isso”. A criança mostra as ruas da ocupação que habita, em formato de ladeira, as casas vão se amontoando, assemelhando à maioria das periferias de Fortaleza. No vídeo vemos o esgoto a céu aberto, muitas moradias construídas sem reboco ou em construção, lixo espalhado pelos lotes, denunciando um território historicamente estigmatizado e segregado dos demais espaços urbanos da cidade (RUA, 2007).

Já Maria-faceira além de nos apresentar a sua rua, também mostrou em seu vídeo o lugar onde estudava durante o período de isolamento:

Aqui é a minha laje, aqui eu faço minhas aulas online (mostrando uma mesinha de plástico e uma cadeira). Aqui é a minha janela, aqui dá pra vê a minha rua. Lá na direita é uma mercearia. Aqui tem asfalto. Aqui tem muitos pássaros, também. Aqui da minha janela dá pra ver tudo na rua, à noite, de dia. (TRECHO EXTRAÍDO DO 4º ENCONTRO DO CURSO DIREITO E AUDIOVISUAL COM CRIANÇAS, 08/05/2021).

Assim as crianças foram compartilhando seus cotidianos em tempos de pandemia, Maria-faceira mostra em seu curto vídeo como foi a adaptação que ela e sua família fez nesse momento, e nós conversamos durante os encontros do curso sobre os desafios de transformar a casa num ambiente propício para receber as aulas escolares remotas (LIBARDI, 2021).

Figura 11 - Desenho feito para representar a perspectiva do bairro



Nota. Fonte: Jornal Folha Curió, edição outubro de 2018.

Na edição de outubro de 2018, ao celebrar o mês das crianças, o Jornal Folha Curió perguntou as impressões que algumas crianças tinham do bairro, produzindo a matéria “O bairro pelo olhar das crianças”, na qual desenhos e frases das crianças apresentavam o Curió. Pica-pau-dourado, uma das crianças que é interlocutora da pesquisa, escreve “Oi, meu nome é Pica-pau-dourado, tenho 11 anos e o que eu gosto de fazer no Curió é andar nas ruas calmas que existem no Curió, e o Curió é um amor de lugar!!!”. Já Bem-te-vi escreve: “O que eu mais gosto é de brincar e ler, gosto de ler várias coisas, de brincar de várias coisas. Eu amo a minha vida e minha família e fiz uma nova família com a Ritinha”. A perspectiva das crianças, assim como a descrição do bairro na primeira edição da Folha Curió, tensionam o lugar-comum, reiterado muitas vezes em reportagens policiais, que tomam o bairro enquanto sinônimo de violência. Estabelecendo pelo olhar das crianças e, demais moradoras/es, outros regimes de visibilidade sobre esse território, fortalecendo uma rede de afetos-ninhos desse Curió.

Incentivar e promover visibilidades das realidades dessas crianças, é também desterritorializar modelos hegemônicos de produções narrativas e audiovisuais através de tensionamentos criativos (DIÓGENES, 2020) que vão de encontro à representação única de infância colonizada, que muitas vezes reduzem às infâncias a um modelo único pautando-se na criança branca e de classe média. Tomar a perspectiva dessas crianças também é apostar numa representação que fuja à romantização do “ser criança negra periférica”. Compreendendo como uma aposta num devir-criança (GUATTARI, 1987) que vá de encontro às lógicas representacionais e desenvolvimentistas de ser criança enquanto algo estagnado no tempo ou que seja tomado enquanto uma fase de superação de faltas a serem suprimidas ao chegar na fase adulta (KASTRUP, 2000; SARMENTO, 2007), entendendo que elas também podem falar de seus territórios.

A intergeracionalidade se dá num movimento de compor insurgências coletivas (CAVALCANTE *et al.*, 2021) às lógicas de invisibilização ou de visibilidades que apenas apresentam os espaços periféricos como lugares violentos. Além disso, as produções insurgentes se colocam questionando como opera a lógica neoliberal nas periferias do capitalismo (HILÁRIO, 2016; BENÍCIO *et al.*, 2018; BENÍCIO; BARROS; SILVA, 2019). O trecho a seguir, pertence ao poema de Talles, que se chama [resíduo], foi lido por Beija-flor-roxo:

[resíduo]

[...]

a gente sobra?

das pandemias
das estatísticas
da política

a gente sobra?

e se sobra
da comida processada
do transporte público
da conexão limitada
da dieta quebrada
do chá de panela
do colega do emprego

juntando tantos pedaços
de resto da gente espalhados
na noite das coisas

fazemos um novo
da gente?

ou a gente
sempre se multiplica

por ser mágico
o material
da qual
é feito a vida?

Ao finalizar a leitura, ela apresenta a capa do livro e demarca “Gente, esse poema aqui é do Saral #3, do Talles Azigon”. Beija-flor-roxo não somente lê um poema, mas também traz uma leitura de mundo sobre o cotidiano dos corpos tomados como descartáveis e desimportantes à luz do neoliberalismo, suas práticas que desumanizam (BUTLER, 2019; LEMOS; GALINDO; FRANCO, 2019) e se apropriam das formas de trabalho dos que sobram, dos corpos tomado excedentes e desimportantes para o capitalismo. Já Bem-te-vi leu um dos poemas de Talles, chamado “Zona Nobre”:

As casas dos bairros mais ricos
Estão sempre de portas fechadas
Nestas paisagens áridas
Apenas baratas e carros cruzam as ruas
abandonadas
Reparem melhor
Eles também são sujos

Apesar dos vídeos serem leituras e não o que as crianças pensam daqueles poemas. O poema lido por Bem-te-vi trata, em poucas palavras, de como o poeta marginal lê a diferença entre os bairros nobres e as periferias. Enquanto “As casas dos bairros mais ricos/ Estão sempre de portas fechadas”, a biblioteca é uma casa de portas abertas a seu público. As portas fechadas, dos bairros nobres da cidade, se contrapõem às portas abertas das casas das

periferias, da própria casa-biblioteca.

As narrativas escritas e audiovisuais produzidas ou lidas pelas crianças vão nos apresentando como as práticas de re-existências cotidianas vão sendo traçadas em contextos periféricos nas margens urbanas para que haja possibilidade de vida (Costa et al., 2020; BARROS; SILVA; GOMES, 2020) ao mesmo passo que constroem territórios existenciais intergeracionais (COSTA; BARROS, 2020) a partir de vivências compartilhadas.

Desde cedo não somente Gavião-miúdo e Rolinha-roxa, mas também as demais crianças do Curso e que habitam o bairro Curió, vivenciam como o direito à moradia digna está longe de ser alcançado. Gavião-miúdo e sua afirmação “que a gente ocupa” mostra em seu discurso que ele já luta por aquele espaço. Apesar de morar em condições precárias, Rolinha-roxa ao apontar para sua casa, ao falar “Minha casa é ali”, traz isso numa fala feliz, como quem se orgulha de seu espaço. Ao habitarem de modo mais rotineiro os espaços públicos de seus bairros periféricos, seja transitando ou brincando nas ruas, as crianças criam consciência dos aspectos positivos e as problemáticas apresentadas pelo lugar onde moram, em contrapartida às crianças que têm vivências restrita a ambientes privados (PÉREZ; JARDIM, 2015). Como quando Gavião-miúdo, em outro momento do curso, comentou sobre o que seria direito à vida: “E as pessoas mais jovens, elas precisam de mais atenção . . . O direito à vida foi o contrário do que aconteceu lá no Jacarezinho”. E Andrezza complementou: "Ali não foi respeitado de forma alguma o direito à vida. Tanto das pessoas que foram mortas quanto das pessoas da comunidade que estavam lá e podiam ter se ferido”. Apresentando o quanto tais processos necropolíticos (MBEMBE, 2017) se fazem presentes no cotidiano de quem habita ambientes precarizados.

As narrativas produzidas por Leo, Maria-faceira, Gavião-miúdo, Sabiá, Talles vão compondo um caldo intergeracional no qual uns inspiram os demais. As infâncias se aliam (BUTLER, 2018) às juventudes para construírem outras possibilidades de visibilidade de seus territórios. Repetir outros discursos sobre as periferias até o ponto de algo se constituir enquanto novo (DELEUZE; GUATTARI, 2012) dando abertura aos transbordamentos que as diversas experiências podem ser gestadas nos encontros entre juventudes e infâncias. Numa experimentação de uma aprendizagem não somente inventiva (KASTRUP, 2001), como também in(ter)ventiva. Apostando numa disputa de narrativas que pautem as periferias pela ótica da potência e invenção a partir de fotos, imagens, poemas, saraus etc (SILVA; DE FREITAS, 2018; SILVA, 2019; SILVA, 2022).

5. VOZES-CRIANÇAS²³ CONSTRUINDO TESSITURAS COLETIVAS DE MODOS DE SER

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Vozes-mulheres, In: Poemas de recordação e outros movimentos, 3ª ed., p. 24-25)

Este capítulo se alinha ao terceiro objetivo específico desta pesquisa buscando problematizar que modos de ser criança são produzidos a partir da participação nas práticas culturais da Biblioteca Livro Livre Curió e na ONG Fábrica de Imagens. Pondo em análise quais marcadores sociais atravessam essas infâncias, e como a participação no Clube de Leitura e no Curso Audiovisual e Direito, podem compor espaços de (re)invenção de si.

Há três subtópicos que compõem o capítulo. O primeiro “5.1 ‘*Antes eu não me aceitava*’: *conversando com crianças sobre gênero, classe, raça e geração*”, trata sobre as imprevisibilidades do encontro com as crianças compreendendo que a participação nem sempre é algo dado, pode ser gerada através de tensionamentos dos espaços. Ao entrar em contato com histórias que fogem às produções de conhecimento hegemônicas embranquecidas e partilharem suas vivências, as crianças tiveram a oportunidade de produzir práticas de aquilombamento gerando lugares de luta, cura e reinvenção de si.

No segundo, “5.2 ‘*Ser criança é ter direitos*’: *refletindo sobre participação, (in)visibilidades e (não-)acessos de infâncias que habitam as margens*” impulsiona o debate

²³ Título inspirado no poema de Conceição Evaristo “Vozes-mulheres”.

sobre participação das crianças em lugares públicos, por habitarem e transitarem de um modo mais livre ao brincar por sua comunidade, muitas se apropriam de diversos conhecimentos práticos de seus territórios, conseguem estar cientes sobre os acessos e não-acessos aos direitos em seus cotidianos e a partir disso reivindicam pela garantia destes.

No terceiro subtópico “5.3 *‘No futuro queremos...’: o que pode desejar um corpo-criança?*”, inicialmente compartilhamos a produção da “Carta do Direito das Crianças” como uma escrituragem produtora de um dispositivo de insurgências coletivas realizada a partir das vivências compartilhadas pelas crianças nessa produção audiovisual. Uma narrativa criada para demarcar a união do desejo de cada participantes visando um futuro no qual todas pessoas pudessem ter acesso a direitos que foram historicamente negados.

5.1 “Antes eu não me aceitava”: conversando com crianças sobre gênero, classe, raça e geração

“Tia, fica! Vai ser legal”. Esse foi o convite reiterado que recebi para acompanhar a contação de histórias que ocorreria durante o Clube de Leitura presencial. A contadora de histórias era Paulinha Yemanjá. Mulheres, jovens e crianças se misturavam no espaço aberto da CasAvoa. Usavam máscaras e havia disponível álcool em gel. Os efeitos necropolíticos da pandemia ainda geravam uma certa tensão no estar junto, então ainda havia o receio da contaminação e a espera pelas doses da vacina. Em meio a sentimentos que se misturavam, havia também a curiosidade e ansiedade em saber quais histórias seriam contadas. Ao iniciar, Paulinha organizou alguns cartões no chão e começou a explicar como funcionaria. “Mnemosine: porque a memória é feminina”, um jogo interativo no qual uma dupla de cartões achados conta a história de uma mulher. Algumas personagens do jogo eram conhecidas, já outras eram anônimas. O público contava, sobretudo, com mulheres e crianças.

A história do feminismo une-se em alguns aspectos às infâncias, à medida que foram compreendidos historicamente enquanto devir minoritário, numa tentativa de apagamento e invisibilização de suas subjetividades e desejos (MAYORGA, 2019). Essa contação envolvia oralidade, história e, sobretudo, a reivindicação da memória. “Porque a memória é feminina”, o título do jogo já trazia a pertinência de uma olhar mais perspicaz para a(s) História(s). O epistemicídio é um termo utilizado para expor silenciamentos diante a produção de conhecimentos produzidos por pessoas negras, sobretudo, quando dentro da academia há

pouca ou nenhuma representatividade de autoras(es) negras(os) (CARNEIRO, 2005). Isso ocorre porque a produção e distribuição do conhecimento segue reproduzindo uma lógica colonial, pondo o saber da branquitude como canônico e universal. E se o homem cis hétero branco é a referência do centro da produção de conhecimentos, onde fica o lugar discursivo da criança, sobretudo a criança negra periférica?

Conforme as cartas expostas sobre o chão do pátio da CasAvoa iam sendo retiradas, a contadora de histórias ia perguntando quem conhecia aquelas mulheres que estavam em suas mãos. Paulinha disse: “Essa eu sei que a Dona Ritinha conhece”, era Conceição Evaristo. As crianças maiores também responderam “Tia, eu sei quem é”. Foi importante observar como as crianças se alternavam nos espaços do Clube de Leitura, algumas vezes eram mediadoras das *lives*, junto a outras crianças, mas também havia momentos que estavam presentes nos espaços, que a priori não eram pensados para elas, como durante a atividade do jogo “Mnemosine”, momento no qual a contadora de história se percebeu lançada às imprevisibilidades do encontro com as crianças (OLIVEIRA; CASTRO, 2009). Apesar dessa atividade não ter sido pensada de início para as crianças, foi importante que elas estivessem naquele espaço pensando nas questões sobre o feminino e a memória. A ocupação das crianças a partir de sua participação pode ser compreendida como uma resistência micropolítica se deu a partir do tensionamento de estar num espaço que seria apenas para o Clube de Leitura das Mulheres. A participação nem sempre está dada, ela pode ser também construída através do tensionamento de um espaço que a priori não foi construído para as crianças (COSTA *et al.*, 2020).

“Como a gente guarda a memória?”, esse foi um dos questionamentos que atravessou aquele encontro presencial do Clube de Leitura, nossos registros enquanto quem pesquisa, se utiliza da memória, para que não deixemos cair no esquecimento o que foi vivenciado. Os espaços promovidos pelo Clube de Leitura são caixas de ressonância para diversas histórias que foram silenciadas e invisibilizadas. Deixar que certas histórias sejam esquecidas também faz parte do processo de embranquecimento da História, o resgate da memória surge enquanto um dispositivo contracolonial (BRASILEIRO, 2021). Rouxinol ao se apresentar durante o Clube de Leitura sobre “Personalidades”, trouxe a seguinte fala: “Eu gosto de ler poucos livros porque me encontro em poucos livros e acho uma solução”. A fala da garota e os estudos de Veiga (2019) nos levam a refletir sobre os diversos dispositivos de embranquecimento cotidianamente presentes, seja nos livros ou mesmo nos brinquedos, que não representam

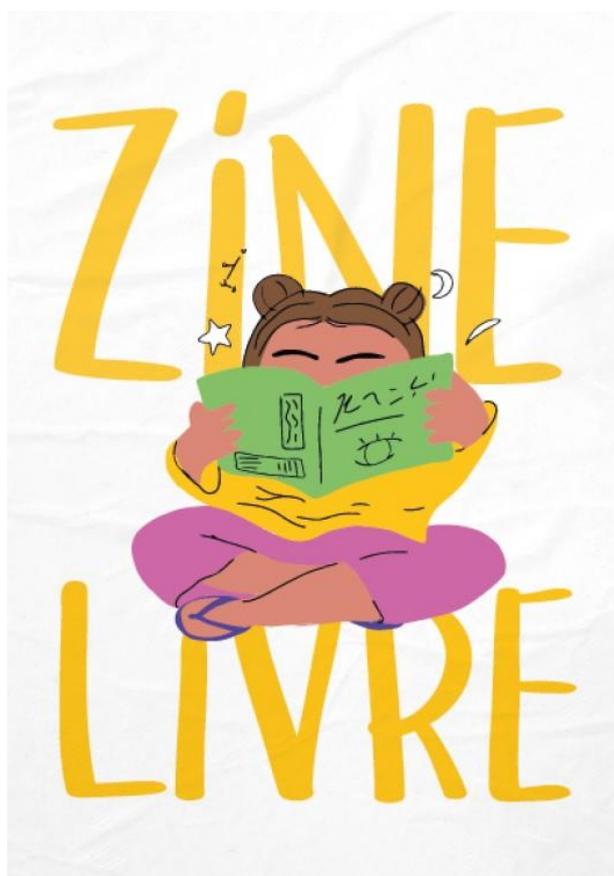
garotas/os negras/as. Conforme acompanhamos os encontros do Clube percebemos que Rouxinol gosta de ler, inclusive durante um live ela falou gostar bastante das histórias em quadrinho da Turma da Mônica, mas não se reconhecer nas leituras, muito provavelmente embranquecidas, como a citada, é um obstáculo construído pela colonialidade do saber para que ela não se torne uma leitora ávida.

A literatura de origem afro-brasileira pouco é considerada, até mesmo nas escolas, pois pautam uma escrita que visibiliza uma população historicamente silenciada (SANTOS, 2019). A história contada por Rouxinol durante esse Clube de Leitura, fala da trajetória de Tonga, que ao fugir da escravidão é encontrado por Zumbi e levado para o quilombo dos Palmares. Adriano perguntou o que ela havia aprendido com a história, achei uma pergunta bastante “escolar”. “Eu vou levar pra vida que eu não posso desistir das coisas, principalmente porque eu sou uma pessoa negra. Quando a gente, tipo assim, chega nos cantos, eu fico um pouco com medo, entendeu? Das pessoas me rejeitarem por causa da minha cor, por causa de onde eu moro, por causa da minha classe social também. E eu levo que eu não posso desistir das coisas e só bola pra frente!”. Segundo Gomes (2017) a literatura tem uma importante função, uma vez que ao exercitar a leitura, para além de uma questão da escrita estética, pode-se gerar uma reflexão social. Gonzalez (2020) aponta o desafio pela busca de uma identidade numa sociedade que a discrimina e oprime justamente por ser uma mulher negra. Durante esse momento, ela e o mediador da live conversaram sobre a resistência através dos quilombos e da capoeira. Para Beatriz Nascimento, “Quilombo é uma história. É uma palavra que tem história”. A partir da perspectiva de Nascimento podemos compreender o quilombo como uma tática de resistência e de luta da população negra (SANTOS, 2019). Em consonância com essa perspectiva, Costa (2021) apresenta em seus estudos que produzir práticas de aquilombamento podem gerar lugares de cura e reinvenção de si através da partilha de experiências. Desse modo, ao entrar em contato com as histórias de sua ancestralidade, a menina tem a oportunidade de ressignificar sua própria história.

Rouxinol foi uma das crianças que fizeram parte da produção da Zine Livre, ou Zine das crianças. Essa fanzine digital teve por intuito o compartilhamento de narrativas nas quais as crianças refletem sobre si e sobre questões sociais, como impactos da tecnologia, racismo, rede de afetos etc. Como traz Conceição Evaristo “Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos” (2018). As crianças vão (re)criando suas narrativas de vida à medida que entram em contato com as histórias

silenciadas e que são resgatadas durante os Clubes de Leitura. Dentro das limitações e possibilidades do termo, poderíamos compreender que as crianças exercitam uma “escrevivência”. Quem o cunhou foi Conceição Evaristo, uma importante escritora da literatura brasileira que pensou esse neologismo “como um fenômeno diaspórico e universal” (EVARISTO, 2020, p. 29). Criado entre as palavras “escrever” e “viver” para dar conta de uma escrita literária que pautasse a condição de ser mulher negra numa sociedade racista e extremamente desigual.

Figura 12 – Capa da Zine livre produzida por crianças e adultos da biblioteca



Fonte: Zine Livre.

Rouxinol, ao conversar com Talles durante o lançamento da Zine Livre, contou como fazer parte das atividades da biblioteca contribuíram para que ela encarasse as feridas geradas pelo trauma colonial que alteraram sua autopercepção (KILOMBA, 2019; GADELHA, 2019) e trouxesse uma ressignificação em relação a seu cabelo crespo:

Depois que eu entrei na biblioteca eu fui muito acolhida. Assim, Daniel

principalmente, me ajudou muito, questão da minha autoestima, do meu cabelo, não era pra eu ligar muito para o que o pessoal falava, de me sentir bem comigo mesma [...] Eu devo ter orgulho de mim mesma. (DIÁRIO DE CAMPO 13 - LIVE DE LANÇAMENTO DA ZINE LIVRE. 30/12/2020).

Talles, comentou que nunca havia a visto com cabelos soltos e em um passeio ela havia soltado os cabelos.

“A gente nunca tinha te visto de cabelo solto, né? E em 2020 a gente foi num passeio na praia, foi quando tu soltou teu cabelo que é muito, muito, muito lindo, que nem tu, ficou todo mundo muito admirado”. (DIÁRIO DE CAMPO 13 - LIVE DE LANÇAMENTO DA ZINE LIVRE. 30/12/2020).

Rouxinol traz em sua fala o quão difícil foi lidar com sua autoimagem e o quanto o racismo a interceptava a ponto de ter vergonha de soltar os cabelos. A branquitude que impõe seus traços e marcas trazendo de modo massivo a beleza atrelada à uma criança branca de classe social elevada, e à criança periférica resta a vergonha, construindo uma auto imagem negativa de si e de onde mora. Sua inserção e contato com a biblioteca e seus pares fez com que ela pudesse tensionar essa lógica colonizadora e impulsionasse uma afirmação racial.

O desafio para desmanchar as estruturas de poder também atravessa a linguagem visual e semântica (KILOMBA, 2019). Para além dos poemas e desenhos que compõem a Zine Livre, a própria capa por si, já pauta questões de gênero, raça e geração, afinal de contas quem está lendo é uma menina negra, representando as crianças que habitam bairros periféricos.

Beija-flor-roxo (12 anos) antes de ler um livro, durante uma das *lives* do Clube de Leitura, compartilhou um poema de sua autoria chamado “Poema Negro”, as linhas escritas versavam sobre-vivências de alguém que desde muito nova foi atravessada pela ferida colonial gerada pelo racismo (KILOMBA, 2019), marcada pela não-aceitação “meu primo (Talles) me inspirou, antes eu não me aceitava”, em relação à sua cor e seu cabelo. Assim, como traz Rouxinol, Beija-flor-roxo também fala dos efeitos psicossociais do racismo na subjetivação de negras/os, uma vez que o mundo sob a perspectiva do homem branco produz uma zona do não ser, desumanizando e objetificando corpos negros (FANON, 2008; CARNEIRO, 2005). Quanto mais a cor se aproxima de uma identidade negra e distancia-se da branquitude, maiores são os preconceitos e discriminação racial sofridos (SILVA, 2021), e com isso, há uma necessidade de descolonização do olhar sobre si dessas crianças para que possam surgir processos de autoafirmação numa quebra da máscara branca (VEIGA, 2019).

Já outro modo de gerar visibilidades a partir de práticas de insurgências são os saraus (SILVA, 2019; CAVALCANTE *et al.*, 2021; SILVA; FREITAS, 2021). Para além disso, nos inspirando no conceito de quilombo apresentado por Beatriz Nascimento, no qual podemos compreender o quilombo como “um lugar de liberdade e individualidade do povo preto e também do indígena e do branco pobre e oprimido” (SANTOS, 2019, p. 200), podemos tomar os espaços dos saraus como práticas insurgentes de aquilombamento. E foi o espaço do Sarau Livre Curió - Rede de Bibliotecas Populares - Projeto Sopa de Letrinhas: Alimentando a Mente que Sabiá utilizou para ler o poema “Negritude”.

Eu sou preto

Tenho cabelos crespos

Tenho orgulho do que sou

Não tem diferença de preto e branco

Nós todos somos humanos, temos direitos iguais

Só porque sou negro, pobre, da periferia

Não quer dizer que sou ladrão ou bandido

Minha raça é de guerreiros e batalhadores

Vem procurando vencer todo dia

Eu amo minha etnia

Pra que desigualdade?

Isso não leva você a nenhum lugar

Respeito não tem cor, tem consciência.

Vida negras importam

Tenha orgulho da sua pele.

A criança negra utiliza tanto do espaço público do Sarau quanto da Zine para denunciar cenas cotidianas do racismo e como ele opera “Só porque sou negro, pobre, da periferia/ Não quer dizer que sou ladrão ou bandido”. O que vai ao encontro dos estudos de Borges (2019)

que denuncia que a criminalização perpetrada sobre a população negra carrega consigo uma matriz colonial e escravista. O devir negro no mundo posto por Mbembe (2018) trata da generalização da condição dispensada à população negra durante a colonização que se faz presente até os dias atuais, o “ser negro” como uma outridade na qual sua existência não pode ser considerada digna. A escrita de Sabiá aponta que “Ser negro, pobre e periférico” torna-se sinônimo de “ladrão/bandido”, também corporeificado na figura do “pirangueiro” (MOREIRA, 2021), ou seja, um corpo subbartenizado e criminalizado que pode ser aniquilado através das operações necropolíticas dada sua condição no mundo (MBEMBE, 2017).

Conceição Evaristo nos diz que “‘Escrever é uma maneira de sangrar’. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (2019, p. 109). As escrituras de Sabiá, Beija-flor-roxo e Rouxinol sagram racismos cotidianos abertos pelas feridas geradas a partir do trauma colonial, racismo que se apresenta nas relações sociais de modo complexo e enraizado, chegando também nas crianças (NUNES, 2016). A escrita antes como uma atitude (AZIGON, 2021) de re-existência. Os 3 anos de existência da biblioteca também falam dos processos subjetivos dessas crianças que foram se desenvolvendo junto a esse espaço. Durante os Clubes de Leitura, tanto presenciais quanto remotos, foram apresentadas leituras de mundo que abordaram questões sobre representatividade, identidade, gênero, raça, classe social, território. A construção da Zine Livre ou Zine das crianças, a participação no Sarau e nas *lives* apresentam como as crianças, à medida que vão entrando em contato com tais perspectivas, são instigadas não somente a contar suas histórias, mas também a reescrevê-las, como fez Rouxinol ao soltar os cabelos ou mesmo Sabiá que passou a reconhecer sua existência como digna.

5.2 “Ser criança é ter direitos”: refletindo sobre participação, (in)visibilidades e (não-)acessos de infâncias que habitam as margens

Quando o que está posto à margem torna-se o centro da pesquisa, ou seja, quando se reivindica neste estudo pesquisar junto às infâncias que habitam distintos territórios periferizados, o debate do território geográfico se entrecruza com o território existencial. Com isso, precisamos nos colocar em atenção às (in)visibilidades que essas existências carregam historicamente dado o lugar social que estão (COSTA *et al.*, 2020). Também ressalta-se a

importância dessa interação com o local onde habitam nos processos subjetivos das crianças, uma vez que elas se constituem através de suas ações que modificam esses ambientes (CASTRO, 2001).

Apesar desta pesquisa ter sido realizada durante a pandemia de COVID-19 e isso ter gerado uma outra relação da pesquisa com o território ou mesmo das crianças com seus territórios, durante as conversas elas traziam vivências antigas e novas que tratavam dessa relação, sobretudo das brincadeiras realizadas por elas. Experimentar a cidade, sobretudo, a periferia através da brincadeira, faz com que as crianças compreendem tais ambientes em sua complexidade (PÉREZ; JARDIM, 2005), observando como chegam até elas os direitos como lazer, cultura, educação, moradia e outros, seus acessos e não acessos, estar ciente disso implica nos seus modos de se subjetivar.

Durante nosso 5º encontro do curso de Audiovisual e Direitos, fizemos uma brincadeira chamada “Bingo dos Direitos”, uma forma lúdica de conversar sobre alguns direitos que foram sorteados. Como material de apoio foi utilizado o gibi “A turma da Mônica em: O Estatuto da Criança e do Adolescente²⁴”. Folheamos um pouco conjuntamente. Perguntei se as crianças sabiam informar o porquê da criação do Estatuto. Mas neste momento ficaram caladas e não deram nenhuma sugestão de resposta. Cutuquei elas falando que no início do curso algumas haviam dito que já conheciam o Estatuto. E Maria-faceira respondeu: “Eu tô vindo saber agora”. Então explicamos que no Estatuto havia um conjunto de leis que garantiam os direitos e deveres das crianças e adolescentes. Ao falarmos sobre o direito ao Lazer, Gavião-miúdo disse: “poder brincar, ir e vir, poder se divertir, poder passar um tempo com os pais”. Maria-faceira também contribuiu falando: “Tia, o direito ao lazer é o direito ao espaço, a brincar, viver?”.

Um dos desafios de compreender as crianças enquanto sujeitos de direitos (PINHEIRO, 2001; MARCHI; SARMENTO, 2017) se dá pela concepção moderna de quem é um/a cidadão/ã, uma vez que deixou as crianças de fora dos espaços públicos relegando a elas o papel de aprendiz, a validação de seus conhecimentos só será alcançada com sua maioria. Há muitos desafios que legitimem a participação das crianças no âmbito da política, pois ao serem destituídas do papel de cidadã, elas têm seus papéis representados a partir da figura adulta que supõe saber quais são as suas demandas (CASTRO, 2007) e isso limita o reconhecimento de suas reais demandas. Esse entendimento também está ligado a

²⁴ produzido pela editora Maurício de Souza.

uma visão de desenvolvimento que tem por primazia o tempo cronológico, num entendimento no qual as/os adultas/os atingiram o ponto mais alto do amadurecimento e assim seu conhecimento torna-se mais válido do que o das crianças (KASTRUP, 2000). A fim de que haja um debate sobre cidadania no qual as infâncias estejam incluídas, essa concepção pode ser ampliada e compreendida como uma ação da criança no seu ambiente, como uma possibilidade de participar da construção de uma outra sociedade (PÉREZ *et al.*, 2008). Ainda para falar sobre a reivindicação dos direitos, propomos às crianças a criação de um curta metragem no formato de haikai, ou seja, a partir da construção de pequenos versos, Beija-flor-dourado compartilhou conosco seu haikai:

Educação e esporte

É um direito de crianças e adolescentes

Muitas vezes é violado

Mas quem disse que paramos de tentar

A gente continua firme e forte nessa luta.

Foi percebido durante o Curso que ao falar sobre os direitos, não somente pela fala acima relatada como também pelas demais participantes, a problemática do esquecimento e invisibilização das áreas que estão à margem da cidade, como as periferias e suas/seus próprias/os moradoras/es e quanto isso impactava nos cotidianos das crianças (COSTA *et al.*, 2020; COSTA; MOURA; BARROS, 2020). Mas saber disso não gera afetos tristes e despotencializadores nas crianças, pelo contrário, implica em pensar táticas para re-existir, a escrita de Beija-flor-dourado: “A gente continua firme e forte nessa luta”, uma menina negra moradora de uma periferia com um elevado índice de violência urbana, me lembrou os escritos de Conceição Evaristo (2019, p. 108) ao trazer em sua narrativa uma pactuação com a vida “A gente combinamos de não morrer”. E para não morrer, é preciso reivindicar a vida, mas uma vida digna na qual os direitos possam ser assegurados. Talha-mar nos contou sobre a ausência de espaços de cultura e lazer onde mora:

Aqui na minha cidade alguns desses direitos são muito violados, principalmente de lazer e cultura, sabe? E tipo assim, tem um cinema aqui, que eles inventaram de fazer um cinema, ainda tá em obra, e eu acho que já faz uns 30 anos, e até agora, sei lá, esse cinema foi abandonado, virou um terreno baldio e não tem importância, foi deixado de lado. (DIÁRIO DE CAMPO 5 - QUINTO ENCONTRO BINGO)

DOS DIREITOS/ HISTÓRIA DOS OBJETOS - 15/05/2021)

Abre-asas também compartilhou os desafios, dados os contextos de precarização das vidas que habitam ambientes que estão à margem dos centros urbanos, vivenciados não somente por ela, mas também por demais crianças que moram na ocupação:

“Eu queria que tivesse brinquedos, quadra pra nós brincar futebol pelo menos. Mas aqui não tem nada, a gente tem que ir no bairro vizinho pra ir lá brincar”. (DIÁRIO DE CAMPO 5 - QUINTO ENCONTRO BINGO DOS DIREITOS/ HISTÓRIA DOS OBJETOS - 15/05/2021)

De um modo geral, através das conversas que fomos tendo ao longo dos encontros foi percebido que as crianças que vivem em contextos de ocupações, além de terem seu direito à moradia já violado, precisam conviver com ausência de lugares e equipamentos que garantam seus direitos de lazer, cultura, esporte. Estes lugares por estarem ocupados sem seguir legislações vigentes do país, têm a ausência da implementação de direitos justificada justamente nessa ilegalidade, fazendo com as crianças precisem se deslocar para garantir o acesso a esses direitos em outros bairros.

O vídeo de Gavião-miúdo, que também mora na mesma ocupação que Abre-asas, mostra algumas crianças empinando o que ele chama de “papagaios”²⁵. Assim as crianças vão também inventando modos de ocupar seu tempo e os espaços até então não moldados para elas. Foi observado em estudos recentes, que a forma com a qual as crianças utilizam as brincadeiras em seus cotidianos periféricos, apresenta modos de lutar e re-existir às relações de precariedade e diversas violências (Souza, 2020). Ou seja, apesar das inúmeras ausências de equipamentos culturais, de lazer, de esportes, as crianças continuam a estar nesses espaços precarizados com seus corpos e suas brincadeiras, criando modos (re)inventivos de ocupar as ruas onde moram (Coelho, 2007; Pérez & Jardim, 2015; Souza, 2020), fazendo uma dupla ocupação desses territórios marginalizados.

Maria-faceira é uma criança que, desde cedo, se engajou em projetos sociais da sua comunidade, ela se preocupa com seu bairro e com as demais crianças que o habitam. Durante nossas conversas, compartilhou conosco sobre uma de suas participações em uma determinada atividade em um grupo de mulheres que é organizado por sua mãe:

²⁵ Brinquedo produzido com papel seda, linha e algumas varetas. Também conhecido como pipa ou paquetão.

Minha mãe tem aqui um grupo de mulheres, aí quando é dia das crianças ela faz uma roda aqui, roda de leitura, coloca aqui uns brinquedos, pula-pula, pras crianças daqui, lá de baixo, lá de cima. Minha mãe faz aqui roda de leitura, dá lanche... Aí a gente recebe as doações, junta os brinquedos e dá pras crianças. (DIÁRIO DE CAMPO 5 - QUINTO ENCONTRO BINGO DOS DIREITOS/ HISTÓRIA DOS OBJETOS - 15/05/2021)

Desse modo, a mãe de Maria-faceira já incentiva a inserção de sua filha em projetos que levam o direito à cultura e lazer dentro de sua própria comunidade, ainda que não estejam diretamente vinculados às políticas públicas. Apesar da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que visa garantir os direitos infantojuvenis, a busca pela garantia dos direitos deve ser uma constante, uma vez que muitos ainda não são efetivados (CASTRO, 2013). Apesar da pouca idade, a criança já cuida de outras crianças dentro do seu bairro, pois ela, sua mãe e outras pessoas recebem as doações para distribuir na comunidade. Costa e Barros (2020), tratam sobre como os papéis sociais desempenhados entre as gerações dentro dos espaços periferizados da cidade destoam dos moldes hegemônicos, assim, o lugar do cuidado, do ensino e aprendizado se alternam conforme as necessidades cotidianas.

A socialização das crianças que moram em periferias se dá de um modo distinto daquelas que habitam bairros com maior concentração de renda, essas últimas, seu cotidiano mais vigiado e controlado por adultos (SARMENTO; FERNANDES; TOMÁS, 2007). E isso também reflete sobre o modo como elas se apropriam e se sentem responsáveis pelos espaços da sua comunidade (PÉREZ; JARDIM, 2015). Durante as observações de campo, foi percebido que a interação das crianças que ocupam o espaço da biblioteca Livro Livre Curió se dá muito mais na biblioteca do que em suas casas, muitas vezes passam o dia inteiro naquele espaço, até mesmo fazendo algumas refeições lá, como os lanches. Outro fator importante nesse período de pandemia, tanto colocado pelas crianças da Livro Livre quanto do Curso de Audiovisual, foi o impacto do fechamento das escolas que alterou completamente a rotina de muitas crianças (LIMBARDI, 2021). Apesar de ter passado alguns meses fechada, a biblioteca e seu espaço anexo, CasAvoa, voltaram a abrir antes mesmo que as escolas, assim, muitas crianças ficavam de dois a três períodos do dia nesses locais. Apesar de não ser o ideal, os espaços comunitários têm ocupado cada vez mais o lugar deixado pela ausência de políticas públicas, como no caso das próprias bibliotecas comunitárias e outros grupos de origem popular (ALVES, 2020; SILVA, 2022).

Após a oficina produzida durante o II Colorindo o Gênero, pude acompanhar algumas crianças que permaneceram na CasAvoa e assim, compreender como se dava a ocupação no cotidiano daquele espaço, elas participavam tanto no gerenciamento como na organização das atividades. Como foi ao terminar a oficina e elas mesmas tirarem os tatames do chão e colocarem no espaço reservado para eles, ou mesmo durante a distribuição do lanche, as crianças separavam os copos, davam às/aos colegas e depois elas mesmas lavavam na pia que há na CasAvoa. Se alguém deixava o copo na pia sem lavar, alguma criança vinha e chamava a atenção. Não havendo necessariamente uma pessoa adulta que gerenciasse movimentações de cogerção dos espaços direcionando as atividades, e sim, pelo senso de compartilhamento das responsabilidades ao ocuparem esses espaços. Exercitando, assim, a cidadania num modelo mais ampliado ao participarem cogerindo esses ambientes (PÉREZ *et al.*, 2008).

Assim, as interlocutoras desta pesquisa experimentaram processos de resistência e re-existência ao ocuparem esses espaços, modificando sua forma de compreender a si e estar no mundo à medida que participaram das atividades de sua comunidade e ao se inteirar da vida social criando práticas de cogerção, responsabilidades e pautando pela garantia da efetivação dos direitos (CASTRO; GRISOLIA, 2016).

5.3 “No futuro queremos...”: o que pode desejar um corpo-criança?

As práticas de resistência geralmente podem ser associadas a ações reativas, mas para Costa (2021) a dimensão da resistência também pode surgir a partir da invenção, de modos criativos de pautar outros mundo possíveis, fomentando práticas de re-existência para fomentar a descolonização do nosso olhar e perspectivas (ACHINTE, 2017; SILVA, 2019; SILVA; DE FREITAS, 2021). Pensando nisso, a partir das conversas e produções que foram realizadas durante o Curso de Audiovisual e Direitos, produzimos o curta-metragem “Carta sobre o Direito das Crianças”. O vídeo estreou dia 20 de junho de 2021 na plataforma digital Youtube, ainda durante a pandemia. Apesar de compreender os limites de uso da palavra escrevivência, que foi criado por Conceição Evaristo para dar conta de uma escrita que trouxesse as vivências de mulheres negras, compreendemos que a história das mulheres próxima da história da infância em relação às sucessivas tentativas de invisibilização, marginalização e apagamentos (MAYORGA, 2019). Por isso, tomamos a produção desta Carta enquanto uma escrevivência (EVARISTO, 2020) produtora de um dispositivo de

insurgências coletivas (CAVALCANTE *et al.*, 2021), uma vez que foi realizada a partir das vivências compartilhadas pelas crianças, que em sua maioria eram negras, algumas moradoras de periferias de Fortaleza e outras de uma ocupação em Minas Gerais.

Ao compartilhar suas experiências e vivências, criou-se um espaço seguro fomentando o *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014), que além de fortalecer o dispositivo grupal (BARROS, 2009) permitiu que as crianças sentissem que suas opiniões eram significativas e levadas em consideração. Desse modo, essa escrita demarcou desejos singulares de cada criança que foram coletivizados pensando num futuro no qual todas as pessoas pudessem ter acesso a direitos que foram historicamente negados. Por ser uma carta coletiva, as vozes foram se alternando conforme se dava a narrativa, além de visualmente apresentar os materiais produzidos ao longo curso (vídeos, fotografias, desenhos). A carta foi iniciada com a fala de Maria-faceira:

O direito ao esporte, direito à cultura, direito à vida, direito à educação, direito ao respeito, direito à liberdade, direito à alimentação, direito à saúde, direito à moradia, direito a brincar, direito ao lazer, direito à dignidade, direito a ter uma família. (DIÁRIO DE CAMPO 8 - CARTA SOBRE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS - 20/06/2021)

Ao longo da carta foram sendo citados os desejos de algumas participantes do curso, compartilho aqui mais alguns trechos do 8º Diário de campo que traz relatos sobre o processo de produção da carta e o que nela foi escrito:

Narração de Mãe-de-lua: “Direito à saúde porque todos precisam e hoje está ameaçado porque não tem vacina”

Narração de Beija-flor-dourado: “Direito a cultura mudou a vida, o teatro é uma paixão, é muito bom tá nos palcos e ver as pessoas aplaudindo, dá uma sensação de dever cumprido”.

Narração de Topetinho-verde: “Direito ao esporte porque algumas pessoas não respeitam que meninas podem jogar futebol. E o bullying. Com a pandemia as crianças estão ficando mais em casa e pouco conseguem praticar esportes. Mas quando acabar, vão jogar com certeza”

Narração de Gavião-miúdo: “Direito à vida que tá ligado com a liberdade de ir e vir, de ter saúde, de ter respeito”.

Narração de Estrelinha-ametista: “Direito ao respeito, se uma pessoa tiver o cabelo cacheado não ficar zombando dela. Isso é preconceito. A cor, o seu corpo, a sua personalidade, o seu gênero. Respeitar os mais velhos e as crianças. Respeito a aparência. Respeito aos animais, porque muitas pessoas batem em animais e maltratam. Respeito para usar máscara e proteger a si e ao próximo”.

Narração de Andrezza: “Direito à educação, ele existe de várias formas. Pode ser garantido na escola, aqui no curso de audiovisual, na dança, no grupo de teatro, no futebol, na arte”.

Narração de Camila: “Saneamento básico ligado ao direito à saúde. Um direito bastante violado, muitos locais em Fortaleza ou no interior do Ceará não tem esse direito garantido. Se não tem saneamento básico, tem doenças e aí, provoca a sua saúde”.

Narração de Willame: “Locais que não tem saneamento garantido tem bastante mosquitos que podem gerar doenças como a dengue. Algumas prefeituras do interior não estão muito preocupadas com isso”.

Narração de Talha-mar: “No futuro queremos... Mais respeito, que a saúde melhore mais, que tenhamos estrutura de saneamento básico, de estudo, quero que todos os direitos sejam garantidos para todas as crianças. A segunda temporada do curso de audiovisual. Encontros presenciais. O governo liberar as vacinas. Todo mundo vacinado. Mais pontos de cineclubes nos bairros.” (DIÁRIO DE CAMPO 8 - CARTA SOBRE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS - 20/06/2021)

A escrita de uma carta, pelas participantes deste curso apresenta como micropoliticamente as crianças, além de estarem cientes das dificuldades geradas pela ausência da garantia de seus direitos (PÉREZ; JARDIM, 2015; CASTRO, 2013), almejam que no futuro as perspectivas possam ser outras, melhores. E, além de resistir ao que já está posto, elas tensionam seus próprios cotidianos, gestando práticas de re-existência e inventando outras formas de existir (ACHINTE, 2017; SILVA, 2019; SILVA; DE FREITAS, 2021). Assim, foi proposta a partir desta produção, e das demais construções ao longo do curso, trazer as crianças da margem para o centro dos debates, gerando visibilidades e tensionamentos às redes de saber-poder (FOUCAULT, 1996), pois tais redes muitas vezes reiteram discurso que geram invisibilidades e pagamentos de suas pautas. E, conforme foi visto durante as discussões compartilhadas, tais reivindicações dizem de demandas coletivas que apontam para o bem-estar não somente das crianças, mas também de sua comunidade.

O Clube de Leitura, também foi um espaço no qual as crianças puderam compartilhar seus anseios e desejos. Sabiá, ao concluir a leitura da história d’O Pequeno Príncipe, pontuou: “Sempre escutem seus filhos, porque eles podem ser alguma coisa no futuro”. Essa importante reflexão compartilhada pela criança, carrega consigo um paradoxo histórico que atravessa o universo infantil, pois ao mesmo tempo que ele demarca a relevância que há ao se escutar as crianças, também evidencia a internalização de práticas adultocêntricas que tanto invisibilizam os conhecimentos adquiridos durante o período da infância quanto os deslegitimam. “Ser alguém no futuro” carrega consigo a invalidação do que são no agora,

seus desejos, anseios e até ponto de vista. Já Andorinha, ao falar da mesma história, pondera: “Os adultos têm que entender mais as crianças (...) os adultos ignoram a gente”. Talles a questionou do porquê das pessoas adultas, em sua maioria, não compreenderem que a figura representa uma cobra engolindo o elefante, e não um chapéu. E ela responde: “Eu acho que é porque as pessoas não usam a imaginação no dia a dia”. Diante tais falas, percebemos o grande desafio que é estabelecer relações intergeracionais que possam ocorrer de modo horizontal, relações que exigem reposicionamentos subjetivos entre crianças e adultos (COSTA; BARROS, 2020). A partir da fala de Andorinha, ficamos com a impressão de que ao mesmo passo que os adultos não a escutam, ela também não demonstra tanto interesse pelo que eles pensam, pois segundo a mesma pessoa adulta “não exercitam a imaginação”.

Já João-de-barro contribuiu lendo a história em formato de cordel, produzido por Raimundo Clementino a partir da inspiração da obra original d’O pequeno Príncipe. Ao final da leitura comentou: “Eu me identifiquei com o bêbado, porque ele bebe para esquecer os problemas e eu leio para esquecer os meus problemas”. Quando Rouxinol se apresentou me chamou atenção em tal apresentação sua fala “eu faço parte da biblioteca”, se colocando implicada e fazendo parte da construção daquele espaço. Ainda sobre a leitura, ponderou: “A gente tem que incentivar as pessoas (...) uma pessoa pode desistir por causa de uma palavra”. Repetiu durante algumas vezes a seguinte sentença: “É muito importante dar ouvido às crianças”. Isso me fez refletir que durante meu caminho acadêmico fui compreendendo que a função que a Psicologia precisa exercitar não é “dar voz”, e sim, se colocar disponível para fazer o exercício de escutas sensíveis, observando os processos de singularização que agenciam as pessoas e seus processos subjetivos.

6. (DES)APRENDIZADOS NUMA PESQUISA COM CRIANÇAS EM TEMPOS PANDÊMICOS

Começo pelos deslocamentos gerados ao me colocar neste exercício de realizar uma pesquisa com crianças. Não foi na finalização deste estudo, e sim no meio do caminho que desaprendi muitas coisas. Primeiramente, desaprendi a me fixar no tempo cronológico, compreendi que olhar a vida e os acontecimentos desta forma, é está impregnada de uma visão colonizadora e abissal, e aprendi que o que há na verdade é o entrecruzamento do passado, presente e futuro. Analiso que pesquisar com infâncias antecedeu, inclusive, minha inserção no programa de mestrado e não se encerra ao entregar este texto dissertativo.

O segundo desaprendizado diz de nossa teimosia em querer controlar cada passo da pesquisa e aprender a aceitar a imprevisibilidade dos acontecimentos, pois o início do tão sonhado mestrado foi marcado pela deflagração de uma pandemia em nosso país. E assim, minha pesquisa junto com tantos acontecimentos do país começaram a se reinventar e tomar novos rumos. Foi preciso pesquisar estando de mãos dadas também com o medo e as impossibilidades gestadas em um dos momentos mais difíceis do país. Diante de um cenário de medo e mortes diárias, foi necessária a realização de muitas peripécias e reinvenções para não se deixar tomar pelos afetos tristes, como nos lembra Spinoza, e nos colocarmos estar junto às crianças, a ponto de precisar gerar modificações da pesquisa inicial, e isto se reverberar nos espaços de realização, no público, atividades etc.

Em terceiro desaprendi a ser tão adulta, a achar que “sei de tudo”, e aprendi a refinar minha atenção para os dizeres e fazeres das crianças. Elas guardam uma sabedoria ancestral que vai se perdendo conforme nos tornamos adultos. Quando desaprendemos a perguntar, devemos recorrer às crianças, pois elas são especialistas nessa arte. Em quarto, compreendi que também se faz pesquisa brincando num “Bingo dos Direitos” ou pulando corda com nossas interlocutoras. E, por último, mas não menos importante, que a lógica desenvolvimentista é refutável (como já dito em teorias aqui já compartilhadas), pois ser adulta não te faz atingir um estágio de maturação no qual você se sentirá pronta para fazer qualquer coisa, assim como dizem que as crianças nunca estão prontas e que só quando adultas atingirão tal maturação, essa é uma grande falácia. Na verdade é necessária a coragem e a curiosidade de uma criança para se lançar rumo ao desconhecido e alçar novos e grandes voos como foi realizar esta pesquisa.

Estar atenta ao que as crianças tinham a compartilhar conosco esteve afinado ao objetivo geral desta pesquisa que consistiu em analisar efeitos dos modos de participação de crianças em práticas culturais no contexto de pandemia na implantação de processos de visibilização e interpelação de práticas de exclusão. Buscamos inspiração em estudos sobre infâncias, modos de participação e re-existências para não cairmos nos lugares comuns que invisibilizam ou delimitam os modos de participação das infâncias, por isso foi importante nos aliançarmos às práticas culturais junto à Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió e à ONG Fábrica de Imagens. Por haver a compreensão que ambos espaços eram propícios para as crianças experimentarem estar nas atividades de modos menos enrijecidos do que em outros ambientes mais institucionalizados.

A metodologia utilizada foi a cartografia com inspiração nas pesquisas inter(in)ventivas buscando construir tal pesquisa o mais próximo às nossas interlocutoras. Assim acompanhamos processos no plano micropolítico e coletivo de forças acionadas, pondo em análise os modos de participação de crianças em práticas culturais e seus efeitos de visibilização de opressões e insurgências ético-estético-políticas. Compreendendo que as participantes da pesquisa habitavam territórios inscritos nas margens da cidade, fez-se necessário estar atenta às especificidades de se pesquisar com crianças nesses contextos e traçar movimentações nos campos éticos, políticos e epistemológicos. Assim, o enfoque foi construir um estudo “com” infâncias, e nos interessou seus modos de se subjetivarem e enunciarem seus cotidianos a partir da construção de outros regimes de visibilidade sobre seu dia-a-dia em territorialidades periféricas.

Em relação aos resultados aos quais chegamos, ao traçar o mapeamento dos modos de participação de crianças agenciados através de suas inserções no Clube de Leitura e no Curso Audiovisual, refletimos, num primeiro momento, sobre a importância dessas participações, pois a partir destas, foram gerados rompimentos em processos de invisibilidades e exclusões. Além da importância de se construir parcerias com espaços que estejam dispostos a escutar as crianças e disponíveis ao encontro intergeracional.

Ao nos debruçarmos sobre as narrativas que as crianças, tanto do Clube de Leitura quanto do Curso trouxeram sobre seus cotidianos em contextos periferizados, notamos que elas apontaram elementos que nos ajudaram a refletir sobre a dificuldade de acesso à bibliotecas públicas e a ausência de investimentos estatais em mais espaços de cultura e lazer para as crianças, precisando haver investimentos da comunidade para a manutenção das

próprias bibliotecas comunitárias. Foi compreendido que os espaços criados através do Clube de Leitura e do Curso de Audiovisual e Direitos, fomentaram a possibilidade do exercício de modos de leituras de mundo que tensionam realidades postas sobre si e seus territórios. A produção da prática de leitura compreendida para além de uma decodificação de letras impressas em um papel. Em relação às práticas de escrita da Zine das Crianças do Curió, poemas, haikais e criação de curtas por nossas interlocutoras, foram tomadas como fontes de análises para compreender como elas podem produzir outros regimes de leituras de seus próprios cotidianos.

Ao falarem sobre os impactos da pandemia em suas rotinas, as crianças apontaram para a reconfiguração em seus modos de sociabilidade, nos trouxeram o quanto o isolamento social fez com que elas se sentissem sozinhas, trouxeram as modificações que a rotina escolar impôs em suas casas com as aulas ocorrendo remotamente, e sobre seus laços afetivos em relação às pessoas as quais consideraram importantes em suas vivências, o medo de perdê-las. Outro impacto nas suas sociabilidades foi a ausência de interação na rua com seus pares a partir das brincadeiras. Isso nos possibilitou pensar e problematizar as políticas de precarizações que produzem essas infâncias e como essas políticas foram maximizadas durante a pandemia de Covid-19. Foi de extrema relevância fazer esse caminho e alcançando voos reflexivos com as falas das crianças, porque se a pandemia gerou mais precarização em determinados territórios, não poderíamos silenciar as vozes daquelas que já vêm sendo historicamente silenciadas e, portanto, vulnerabilizadas.

No entanto, não ficamos apenas na problematização dessas precarizações, pois as crianças forneceram-nos pistas para refletirmos sobre como a sua inserção em atividades produzidas pela biblioteca permitiu que elas exercitassem sua cidadania de um modo mais ampliado, podendo ser compreendidas como sujeitos políticos que se responsabilizam pelos espaços públicos e comunitários de seu bairros e que, apesar da pandemia, as crianças compartilharam memórias sobre o brincar livre na rua, tendo isso se apresentado como um importante fator na construção da sociabilidade infantil na cultura de pares entre crianças.

Ao problematizarmos que modos de ser criança foram produzidos a partir da participação nas práticas culturais tomadas como campo, notamos a complexidade de pôr em análise as participações das crianças, por haver distintos modos e por às vezes essas participações surgirem através do tensionamento de certos espaços. Em relação ao Clube de Leitura foi observado que ao entrarem em contato com histórias, além de exercitarem leituras

de mundo que combatem lógicas coloniais, ao partilharem suas vivências as participantes produziram práticas de aquilombamento, gerando lugares de luta, cura e reinvenção de si. Já em relação ao Curso Audiovisual foi percebido que investir nos modos de participação e práticas de re-existências das crianças podem gerar produções micropolíticas de vetores de subjetivação coletiva a partir da criação de suas próprias narrativas audiovisuais para falar sobre seus cotidianos, como na produção da “Carta sobre os Direitos das Crianças”.

Desse modo, esta pesquisa buscou contribuir para avançar nos estudos com infâncias pensando, sobretudo, em seus modos de participação e práticas de re-existência a partir do contexto da pandemia. Trazer crianças periféricas para o centro do debate, foi se deslocar do papel de quem intermedia sua representação e compreender que a criança pode sim reconhecer e pautar suas próprias demandas. Para isso, destacamos a importância em se investir no fortalecimento das participações das crianças para que estas possam produzir seus próprios dispositivos de insurgência coletivos, e assim, possam reivindicar outras visibilidades.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, A. A. **Práticas creativas de re-existência:** más allá del arte... el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Del Signo, 2017.

AZIGON, T. Escrever é antes de tudo uma atitude. In: BARROS, J. P. P.; RODRIGUES, J. S & BENÍCIO, L. F. S. (org.). **Violências, desigualdades e (re)existências:** cartografias psicossociais. s/p, 2021.

AGUIAR, K. F.; ROCHA, M. L. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 648-663, 2007.

ALVAREZ, J., & PASSOS, E. Pista 7: Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ALVES, M. S. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e políticas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo. v. 16, p. 1-29, 2020.

BARBOSA, D. Bibliotecas comunitárias desenvolvem atividades virtuais para amenizar impactos da pandemia. **Diário do Nordeste**, Fortaleza. Disponível em <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/bibliotecas-comunitarias-desenvolvem-atividades-virtuais-para-amenizar-impactos-da-pandemia-1.2973700>>. Acesso em: 05/08/2020.

BARROS, J. P. *et al.* Homicídios juvenis e os desafios à democracia brasileira: implicações ético-políticas da Psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 1051-1065, 2017.

BARROS, L. M. R.; BARROS, M. E. B. Pista da análise: o problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum** (v. 2). Porto Alegre, RS: Sulina, 2014, p. 373-390.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BARROS, R. B. **Grupo:** a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BENICIO, L. F. DE S. *et al.*. Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n (spe2), 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212908>.

BENICIO, L. F. DE S. **Homicídios de jovens na cidade de Fortaleza:** práticas institucionais no cotidiano da estratégia saúde da família. (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/31395>.

BICALHO, P. P. G. A ética em jogo no campo surpreendente da pesquisa. **Polis e Psique**, v. n.spe, p. 20-35, 2019.

BORGES, J. **Encarceramento em massa**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRASILEIRO, C. V. **Tornar-se Imensurável: o mito Negro Brasileiro e as estéticas macumbeiras na Clínica da Efemeridade**. (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Corpos em Aliança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. (A. Lieber, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser** (Tese Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAVALCANTE, L. F.; NUNES, L. F.; FREITAS, I. R.; DE LAVOR FILHO, T. L.; BARROS, J. P. P.; MIRANDA, L. L. Fórum de Escolas do Grande Bom Jardim: práticas de enfrentamento à violência armada em territorialidades escolares de periferias de Fortaleza. **DESIDADES: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud**, (30), 30-50, 2021.

CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, L. R. (Org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau, p. 19-46, 2001.

CASTRO, L. **Subjetividade e cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Faperj, 7 Letras, 2001.

CASTRO, L. R. A politização (necessária) do campo da infância e da adolescência. **Rev. psicol. polít**, 2007.

CASTRO, L. R. **O futuro da infância e outros escritos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

CASTRO, L. R.; GRISOLIA, F. S. Subjetivação pública ou socialização política? Sobre as articulações entre o “político” e a infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 971-988, out./dez, 2016.

COELHO, G. N. Brincadeiras na favela: a constituição da infância nas interações com o ambiente. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (org.). **Infância (in)visível**, Araraquara, SP: Junqueira & Marin, p. 173-203, 2007.

COIMBRA, C.; NASCIMENTO, M. L. A produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa. **Referência obtida: CEDECA–São Martinho**, 2008.

COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA – CCPHA. **Mais de 12 adolescentes, em média, foram assassinados no Ceará a cada semana de 2020**. Fortaleza, CE: o autor. 2021.

COSTA, A. F. Dispositivo de segurança e suas implicações psicossociais: o que dizem jovens negros(as) do Jangurussu sobre a Célula de Proteção Comunitária. [Monografia, Graduação em Psicologia - Centro de Humanidades II, Universidade Federal do Ceará - UFC], 2018.

COSTA, A. F.; BARROS, J. P. P. “Célula de proteção comunitária”: efeitos no cotidiano de jovens negros em Fortaleza. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 13. n. 3, p. 173-192, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.26818>>.

COSTA, A. F. *et al.* Re-existências decoloniais frente às violências: experiências extensionistas em periferias fortalezenses. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 19, n. 1, p. 53-66, 2020.

COSTA, A. F. *et. al.* Decolonizando a investigação com jovens em territorialidades periféricas: pesquisa-inter(in)venção e a produção de políticas de re-existências. In: BARROS, J. P. P., RODRIGUES, J. S., BENICIO, L. F. S. (org.). **Violências, Desigualdades e (Re)existências: cartografias psicossociais**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021a.

COSTA, A. F. Escrivências coletivas: práticas de re-existências e trajetórias de vida de jovens negros (as) em periferias de Fortaleza. (**Mestrado em Psicologia**) - Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2021 b. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/62077>>.

COSTA, É. A. G. A.; BARROS, J. P. P. Intergeracionalidades em análise: (re)composições ético-estético-políticas em pesquisas-inter(in)venções com crianças e adultos. **DESIDADES: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud**, v. 28, p. 127-139, 2020.

COSTA, É. A. G. A.; MOURA JR, J. F.; BARROS, J. Pesquisar n(as) margens: especificidades da pesquisa em contextos periféricos. **Metodologias e Investigações no Campo da Exclusão Social**, v. 1, p. 13-31, 2020.

COSTA *et al.* Resistências de crianças em territórios periféricos cearenses. **Agenda Social**. v. 15, n. 2, p. 204-225, 2020.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DELEUZE, G. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1968/2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1992). **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora, 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 4. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIÓGENES, G. Cidade, arte e criação social: novos diagramas de culturas juvenis da periferia. **Estudos avançados**, 34, p. 373-390, 2020.

DINIZ, D. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. 2ª ed. Letras Livres, 2013.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 92-108, 2009.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, C. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FÁBRICA DE IMAGENS: AÇÕES EDUCATIVAS EM CIDADANIA E GÊNERO. **Fábrica de Imagens: ações educativas em cidadania e gênero**, 2021. Quem Somos - A Fábrica, 2021. Disponível em: <https://www.fabricadeimagens.org/a-fabrica>. Acesso em: 02/05/2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FERREIRA NETO, J. L. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, n. 16, v. 1, p. 111-120, 2012.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: P. Rabinow & H. Dreyfus. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 1-14, 1996.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ética, sexualidade e política, por Michel Foucault**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 264-287, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDO DE EMERGÊNCIA INTERNACIONAL DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. **Convenção sobre os Direitos da Criança: Instrumento de direitos humanos mais aceito na história universal. Foi ratificado por 196 países**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em 06/03/2022.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GOMES, C. M. Leitura e estudos culturais. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v.12, n. 16, p. 25-44, 2017.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HILÁRIO, L. C. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere aude**, v. 7, n. 13, 194-210, 2016.

HÜNING, S. M.; GOMES, C. A. R. A pesquisa-experiência na psicologia: Corpos, afetos e experiências em territórios urbanos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe2, 2019.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E., KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 15 - 41.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KUHN JUNIOR, N. K.; MELLO, B. B. (2020). A noção de infância e adolescência: inflexões decoloniais sobre os direitos de crianças e adolescentes na América Latina. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 12, n. 24, 2020, 284-312.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020.

LAJUSUFC. Aula aberta PPGCOM/UFC com Glória Diógenes: Cartografias.[Arquivo de vídeo]. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3OiP9FslfLw&t=6108s>. Acesso em: 03/02/2021.

LEÃO, A. B. **Brasil em imaginação livros, impressos e leituras infantis (1895-1915)**. Fortaleza: INESP, UFC, 2012.

LEMOS, F. C. S.; GALINDO, D.; FRANCO, A. C. F. Vidas precárias em disputa pelo mercado neoliberal: direitos humanos, biopolítica e necropolítica. In: TAMBORIL, M. I. B.; LIMA, M. L. C.; NEVES, A. L. M. (org.). **Psicologia social na Amazônia: reticulando potencialidades e desafios**. Porto Alegre: Abrapso, 2019.

LIBARDI, S. S. Infâncias e distanciamento social na pandemia do novo coronavírus. In: LIBARDI, S. S.; MESQUITA, M. R. (org.). **Impactos psicossociais da pandemia: contribuições do Núcleo Alagoas da ABRAPSO**. p.112- 123, 2021.

LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCHI, R. C.; SARMENTO, J., M. Infância, normatividade e direitos das crianças: transições contemporâneas. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 141, 2017, p. 951-964, 2017.

MAYORGA, C. Algumas palavras de uma feminista sobre o campo de estudos sobre juventude. In: COLAÇO, V. F. R.; GERMANO, I. M. P.; MIRANDA, L. L. (org.) **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. p. 132-141, 2019.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MENEZES, J. DE A. *et al.* A contação de histórias no instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. **Psicologia & Sociedade**, 32 [online], 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240330>>. Acesso em: 05/05/2021.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MORAES, M. PesquisarCOM: Política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (org.). **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro, RJ: Nau. 26-51, 2010.

MOREIRA, M. G. R. A invenção dos “piranguinhos”: branquitude, relações de inimizade e seres matáveis. In: BARROS, J. P. P; RODRIGUES, J. S & BENÍCIO, L. F. S. (Orgs). **Violências, desigualdades e (re)existências: cartografias psicossociais**. s/p, 2021.

NUNES, M. D. F. Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu. **Latitude**, v. 10, n. 2, 2016.

NUNES, P. A. **"Infâncias titânicas"**: cenas do cotidiano no Serviluz e seus efeitos na produção de modos de ser criança. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades - Universidade Federal do Ceará], 2021.

OLIVEIRA, S. B. C.; CASTRO, L. R. Pesquisa-intervenção: nas malhas do desconhecido – Uma experiência de transicionalidade no espaço escolar. **Psicologia Clínica**, v. 21, n. 2, p. 451-470, 2009.

PAIVA, L. F. S. Mortes na periferia: considerações sobre a chacina de 12 de novembro em Fortaleza. **O público e o privado**, v. 13, n. 26, jul. dez, p. 269-281, 2015.

PASSOS, E. Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade. **Polis e Psique**, p. 128-139, 2019.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia 2: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. Quando a vulnerabilidade se faz potência. **Interação em Psicologia**, Curitiba, 22, n. 3, dez. 2018. ISSN 1981-8076. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/56045/37060>.

PÉREZ, B. C.; PÓVOA, J., MONTEIRO, R.; CASTRO, L. R. (2008). Cidadania e participação social: um estudo com crianças no Rio de Janeiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 31-41, 2008.

PÉREZ, B. C.; JARDIM, M. D. Os lugares da infância na favela: da brincadeira à participação. **Psicologia & Sociedade**, n. 27, p. 494-504, 2015.

PINHEIRO, A. A criança e o adolescente como sujeito de direitos: emergência e consolidação de uma representação social do Brasil. In: Castro, L. R. **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ. p. 69-92, 2001.

PINHEIRO, D. A. L.; BAPTISTA, L. A. S. Atlas Narrativo de Vidas na Rua: experimentações éticas de uma metodologia. **Educação em Perspectiva (ONLINE)**, 101-115, 2019.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E., KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**, p. 17-31, 2009.

POZZANA, L. Pista da formação. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). **Pistas no método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, p. 42 - 65, 2016.

PRADO, R. L. C.; FREITAS, M. C. Normas éticas traduzem-se em ética na pesquisa? Pesquisas com crianças em instituições e nas cidades. **Práxis Educacional**, [S.l.], v. 16, n. 40, p. 25-46, jul. ISSN 2178-2679, 2020.

REVEL, J. Resistências subjetividades o comum. **Lugar Comum—Estudos de mídia, cultura e democracia**, p. 35-36, 2009.

RODRIGUES, J. S.; ASSIS, P. M.; LEONARDO, C. S. O dispositivo grupal como estratégia de apoio psicossocial e resistências: inter(in)venções com mulheres e mães de jovens assassinados ou encarcerados. In: BARROS, J. P. P; RODRIGUES, J. S.; BENÍCIO, L. F. (org.). **Violências, desigualdades e (RE) existências: cartografias psicossociais**. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021, v. 1, p. 361-379.

ROTINA FAMILIAR - CRÔNICA VISUAL. Direção de Leo Silva e Produção de Emilly Guilherme. Fortaleza: **Secult Ceará**, 10min, 2020.

ROLNIK, S. (2018). **Esferas da insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUA, M. A. Infância em territórios de pobreza: os falares e sentires das crianças. In: Vasconcellos, V. M. R. & Sarmiento, M. J. **Infância (In)visível**, p. 205-242, 2007.

SADE, C.; FERRAZ, G.; ROCHA, J. Pista da confiança. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano do comum 2**, 66-92, 2014.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. Afrontamento, 1995.

SANTOS, P. B. A perspectiva do quilombo sob o olhar da escritora negra Beatriz Nascimento. **Seminário Interlinhas**, v.7, n. 1, p. 195-199, 2019.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: Sarmento, M. J. & Vasconcellos, V. M. R. (org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; TOMÁS, C. Políticas públicas e participação infantil. **Educação, Sociedade e Culturas**, 25, p. 183-206, 2007.

SILVA, D. B. **“Aqui é onde o mundo acontece”**: periferias urbanas em pauta nas práticas de uma biblioteca comunitária. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades - Universidade Federal do Ceará], 2022.

SILVA, V. R. R. Das pioneiras negras aos coletivos negros: identidade racial e psicologia. In: BARROS, J. P. P.; RODRIGUES, J. S.; BENÍCIO, L. F. S. (org.). **Violências, desigualdades e (re)existências: cartografias psicossociais**. s/p, 2021.

SILVA, F. R. **Rede de afetos: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE)**. [Dissertação de Mestrado em Sociologia, Centro de Estudos Sociais - Universidade Estadual do Ceará], 2019.

SILVA, F. R.; DE FREITAS, G. J. Práticas poéticas: juventude, violência e insegurança em Fortaleza. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 14, n. 26, p. 129-155, 2018.

SILVA, F. R.; DE FREITAS, G. J. A palavra aberta: práticas de re-existência e a violência emancipadora. In: BARROS, J. P. P.; RODRIGUES, J. S.; BENÍCIO, L. F. S. (org.). **Violências, desigualdades e (re)existências: cartografias psicossociais**. s/p, 2021.

SOUZA, A. R. De. **O brincar na favela da Maré: jogo de vida e resistência em território conflagrado**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SPINOZA, B. **Ética: demonstrada à maneira dos geômetras**. São Paulo, SP: Martin Claret. (Coleção A obra-prima de cada autor), 2005.

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história** [Arquivo de vídeo]. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em 20/08/2021.

TORRES, F. T. **O sentimento é um só: Criminalização da Juventude e produção do medo na cobertura televisiva da “Chacina da Messejana”** [Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará], 2017.

TREVISAN, G. P. Cidadania infantil e participação política das crianças: interrogações a partir da Sociologia da infância. **Anais do I simpósio Luso-brasileiro em estudos da**

criança - Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas da dialogicidade, Braga, 2012.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, 2019.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: INFÂNCIAS EM (RE)INVENÇÃO NAS TERRITORIALIDADES PERIFERIZADAS:
CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM UMA BIBLIOTECA
COMUNITÁRIA DE FORTALEZA

Pesquisador: Camila dos Santos Leonardo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 48471521.9.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.911.014

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa tem por busca investigar os processos de subjetivação produzidos a partir da participação de crianças em atividades produzidas por uma biblioteca comunitária em uma periferia da cidade de Fortaleza-Ce. O estudo se dará a partir da perspectiva da Psicologia Social tendo por referenciais teóricos autoras/es pós-estruturalistas, decoloniais e interseccionais, forjando assim uma base necessária para possíveis reflexões no que diz respeito aos processos de subjetivação produzidos em contextos de violência, desigualdade e exclusão social. Trata-se de uma pesquisa-intervenção pretende analisar processos de subjetivação produzidos a partir da participação de crianças numa biblioteca comunitária em uma territorialidade periférica de Fortaleza. Para isso tem como objetivos específicos; 1) mapear as ações da biblioteca comunitária e seus efeitos na produção de infâncias periféricas; 2) problematizar os modos de participação de crianças nas ações da biblioteca; 3) discutir narrativas que crianças produzem sobre seus cotidianos ao participarem das atividades da biblioteca comunitária. Para isso, será utilizada uma proposta metodológica com abordagem qualitativa, especificamente a Pesquisa-Intervenção, orientada pelo ethos da cartografia e pela política do PesquisarCOM, visando uma dimensão participativa da pesquisa desde a produção de dados à sua análise. Pensar nos modos de subjetivação engendrados a partir dessa participação diz respeito a uma aposta na multiplicidade de devires que se contrapõe a modos naturalizados e totalizantes no que diz

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br